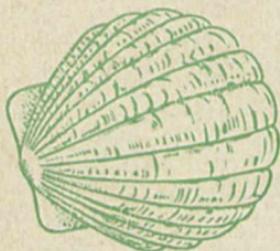
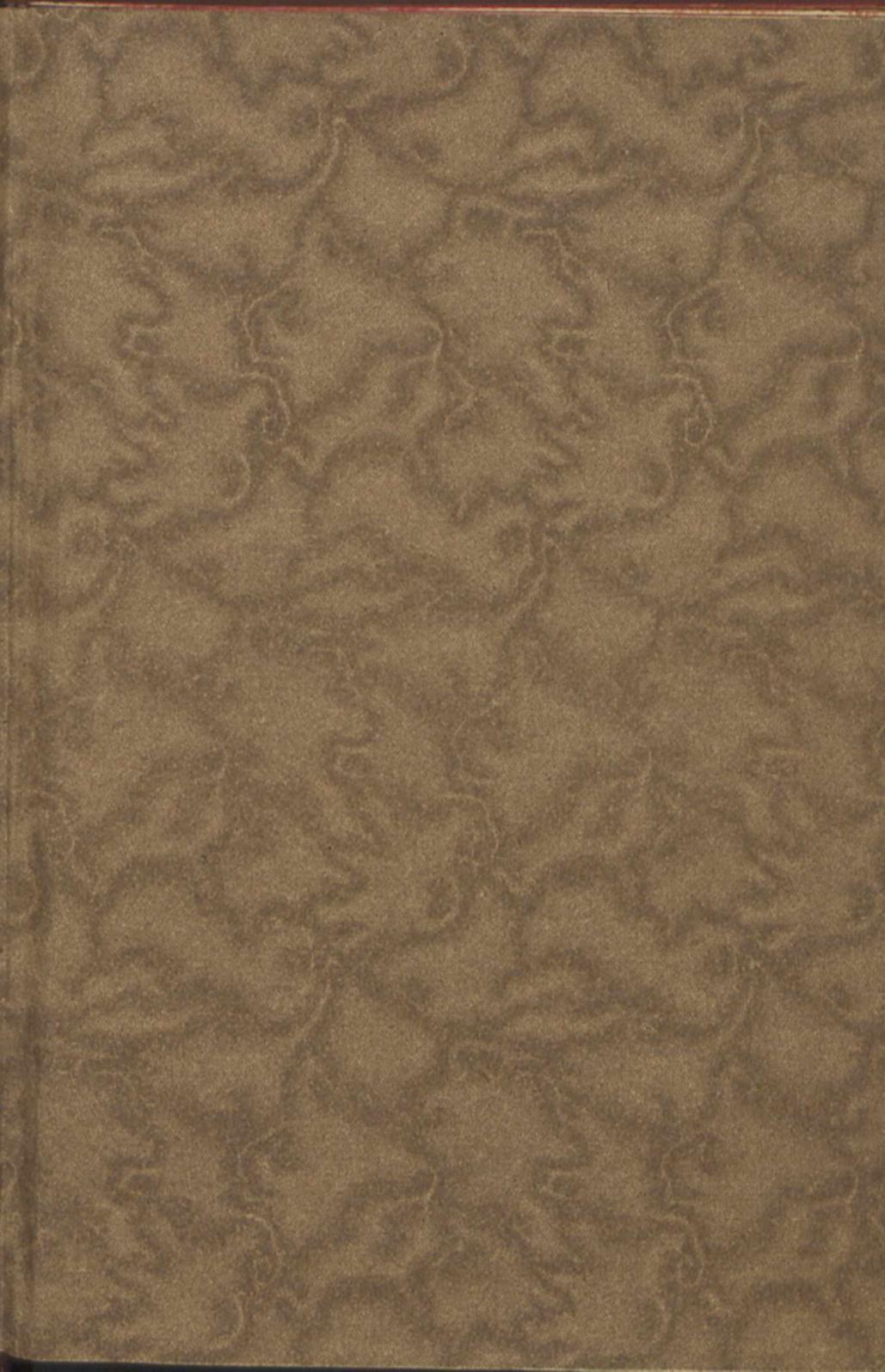


Ex-Libris



DE
HENRIQUE
R. VIEIRA



Res.
4001

379

MYSTERIOS DE LISBOA.

MYSTÈRES DE LISBOE

COMPRA

R188599

MYSTÉRIOS DE LISBOA

Res
Hoo1

FOR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO



PORTO:

TIPOGRAPHIA DE J. G. BASTO

Largo do Corpo da Guarda n.º 100

1894.

PREVENÇÕES.

TENTAR fazer um romance, é um desejo innocente. Baptisal-o com um titulo pomposo, é um pretexto ridiculo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpil-a no frontispicio d'um livro, e ficar orgulhoso de ser um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma tolice de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado.

Se eu me visse assaltado pela tentação d'escrever a vida occulta de Lisboa, não era capaz de alinhavar dous capitulos com geito. O que eu conheço de Lisboa são os relêvos, que se destacam nos quadros de todas as populações, com fôro de cidades e de villas. Isso não vale a honra do romance Recursos de imaginação, se os eu tivera,

não viria consumil-os aqui n'uma tarefa ingloria. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossivel escrever os mysterios d'uma terra, que não tem nenhuns.

Enganei-me. E' que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potencia da imaginação d'um homem. Cuidei que os horisontes do mundo fantastico se fechavam nos Pyreneos, e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Dumas ou Sue. Nunca me contristei desta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço me acreditem, que os romances são uma infia da de mentiras desde a famosa *Astrea* de d'Urfê, até ao choramingas *Jocelyn* de Lamartine.

« Por consequencia, diz o circumspecto leitor, vou-me preparando para andar á roda n'um sarilhão de mentiras ».

Não, senhor. Este romance não é um romance: é um diario de soffrimentos, veridico, autentico, e justificado.

Peço-lhe que leia a seguinte carta, que recebi em 24 d'Agosto de 1852 :

« Amigo.

« Rio de Janeiro 29 de Junho de 1852.

« Ficas, naturalmente, espantado, quando vires entre as mãos um masso de papeis tão volumoso ! Espero, porém, que esse espanto se converta

em interesse, quando souberes que thesouro possues.

« Sem preludios :

« Haverá um anno que aqui desembarcou um homem, que não pôde passar desaperecebido por diante de mim. Tu sabes que eu sempre fui um grande idealista. Ainda hoje não posso renegar este divino attributo, e bem vês quanto deve ser-me penoso conciliar as funcções d'um guarda-livros com as vaporosas intuições d'um poeta! Mas, graças á violencia que me imponho, sinto gloria em dizer-te que terei muitos versos errados na minha collecção, mas vivo na feliz certeza de que não tenho um erro no livro do « deve-e-hade-haver. » O que se segue é que sou um mau poeta, mas um honrado caixeiro.

« Vamos ao interessante. Como sabes que sou idealista, não terás duvida em acreditar que olhei para aquelle homem pelo prisma da minha imaginação romantica. Tive razões para isso, e quero que tu as saibas.

« Era uma figura singular entre todos os figurões, que a nossa terra atira para aqui. Não era alto, nem baixo. Tambem não era bonito, como um gaian de novella. Tinha rosto magro, não só magro, escaveirado, e ossudo. Os olhos fusilavam lume, deste lume que revela maldade, umas vezes, e, outras vezes, paixões candentes e extremas. Negrejava-lhe sobre o bronze da cutis um bigode negro, e arripiado. Vestia de escuro, e nem o

branco da camisa se lhe via. O pé e a mão eram extremamente pequenos, e a magreza, ou melindre das formas estava em justa proporção com o descarnado das feições.

« Saltando em terra, este homem subiu os primeiros degraus do caes, parou, cruzou os braços, e fitou os olhos na amplidão do mar.

« Nesta postura, arrebatou-me! As almas de lama hão-de perguntar-me porque. Responde-lhe tu, que tens horas de espiritualista na tua longa vida de materia.*

« Ao vê-lo assim absorto n'aquella meditação profunda, julguei que podia avisinhar-me d'elle, e contemplal-o de perto.

« Pude: nem ao menos deu fé de mim. Um preto, carregado de fardos, rossou por elle, deslocou-o alguns passos para o lado, mas não lhe desprende os olhos do horisonte. Olhei tambem para lá, e nada vi. Fiquei entendendo que as visões d'aquelle homem estavam dentro na alma, e os olhos da face, n'aquelle momento, viam tanto como os meus.

« Não sabes como este homem me tinha fascinado! Eu era capaz de estar alli suspenso n'aquelle silencio, n'aquelle mysterio, longas horas, sem

* E' menos verdadeira a supposição do meu amigo; mas perdão-lhe a injustiça. Sacrifico-me á fidelidade da cópia.

recordar-me que era caixeiro ! Passou-me, então, na memoria o rapido panorama d'um mundo em que vivi antes de ser um forçado guarda-livros. Lembra-ram-me certas mulheres, que se perderam espontaneamente fascinadas pelo simples olhar de certos homens. Perdoei-lhes no tribunal da minha consciencia, porque eu, se fosse mulher, na presença d'aquelle homem, adorava-o, perdia-me, sem ouvir-lhe uma palavra, que me lisongeasse.

« Parece-le isto um disparate ? O que tu quizes ; mas a verdade é esta.

« Esta situação durou muitos minutos. O sonambulo acordou ; mas, acordado, parecia ainda adormecido. Virou as costas ao mar, e foi subindo vagarosamente o caes, com os olhos no chão.

« E eu seguia-o.

« Depois, parou como suspenso por uma ideia imprevista. Tornou atraz. Chamou um marujo da galera em que viera, e pediu-lhe a sua bagagem. O marujo indicou-lhe os malsins d'alfandega, que deviam revistar-lh'a. O passageiro dirigiu-se urbanamente a um desses homens ; abriu os cadeados d'uma mala de couro ; tomou ao alto entre ambas as mãos um pouco de fato, e retirou-se, depois de mostrar um passaporte.

« E eu seguia-o, como se fosses tu, como se fosse um meu irmão, que eu quizesse hospedar.

« Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado como quem procura alguem. Devia necessariamente encontrar-se com os meus olhos.

« Cortejou-me primeiro , e depois perguntou-me :

— Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria afastada do centro da cidade ?

« E' difficil encontra-la — respondi eu. — As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas que tem negocios, e preferem as mais proximas ao centro do commercio.

« Não me respondeu com a prestesa que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquelle homem ! Forte encanto !

— Então , — tornou elle — tem a paciencia de indicar-me a primeira hospedaria ?

« A primeira é esta — disse-lhe eu, apontando-lhe a minha casa.

« E o meu hospede, nessa intelligencia , cortejou-me, agradecendo-me, e offerecendo-me o seu quarto para descançar.

« Subimos ; e não foi sem me sorrir , que o vi a elle bater n'uma das portas , com todo o desembaraço. O meu criado parecia esperar as minhas ordens: mas o meu hospede adiantou-se a pedir um quarto , depressa.

« Entramos em uma sala , e acceitei uma cadeira que o meu hospede me offerecia: mas apontei-lhe o sophá para que elle se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se; e por fim deitou-se com toda a galhardia d'um oriental.

— Fuma ? — disse elle abrindo uma charuteira.

« Fumo — e preparava-me para pedir luz ao criado, quando o meu desconhecido accendeu um pavio de cera e tornou á sua posição legitimamente turca.

— As hospedarias aqui — disse elle — respiram uma elegancia, que não se parece nada com a farrapagem dos hotéis portuguezes. Eis-aqui uma sala que parece o *boudoir* d'uma viscondessa burguesa.

« Este dicto engraçado, que qualquer de nós acompanharia d'um sorriso vaidoso, disse -o elle com o charuto ao canto da bocca, sem o mais leve signal de congratular-se do seu espirito.

« Eu por mim sorri-me, e não achei de prompto uma resposta, que lhe desse de mim a alta idea, que elle de si me tinha dado.

« E' a primeira vez que vem ao Brasil? Perguntei eu.

— A primeira.

« Vem como viajante?

— Não, senhor. Acho-me aqui.

« Estas palavras pareceram-me um bello final de um acto dos dramas de Victor Hugo. Achei muita fylosophia, desta intima fylosophia da desgraça, naquellas quatro palavras. Lembrou-me o *Chatterton* respondendo a quem lhe perguntava a razão porque escrevia, se seus escriptos lhe não davam pão, nem consolações. Lembras-te? penso que era isto:

« Escrevo, por que é preciso. »

« Tenciona demorar-se? — perguntei eu.

— Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

« Esta resposta fez-me corar. Olhei a fysionomia delle: era sempre a mesma fysionomia: severa e fria, triste e um não sei que de desprezadora. E continuei a sentir-me captivo daquelle homem, cada vez mais mysterioso.

« Levantei-me. Abri uma porta de um quarto, mais proximo, e indicando-lh'o, disse com certo acanhamento :

« — Pouco ou muito que seja o tempo que v. s.^a se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, neste immediato uma livraria, e em toda esta casa uma residencia que espero considere sua, como se fosse de um seu irmão.

« O cavalheiro apertou-me a mão, e disse-me com estranha friesa :

— Espero me conceda não accetar o seu favor. Eu sou um hospede incommodo. Não converso, não entretenho, e mesmo sou importuno como um velho. Retiro-me penhorado das suas attentões...

« E preparava-se para sahir. Fez um ligeiro esforço e quasi o obriguei a sentar-se.

« Antes de sahir — disse-lhe eu — espero que ouça as condicões com que lhe offereço hospedagem. Sou um homem só, com dous creados. Sirvo-me desta casa para comer e dormir. V. s.^a viverá aqui tambem como homem só com dois creados. Se, passados alguns dias, lhe for aqui penosa a sua residencia, retire-se. Não quero a sua conversação

como recompensa da hospedagem. Eu tambem fallo pouco, penso muito, e quasi não posso fallar nem pensar fora das minhas obrigações de guarda-livros. Acceita?

— Acceito.

« E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão, e conservou-se na mesma postura familiar em que estivera desde o principio.

« Sahi da sala; dei ordens aos creados, e fui para o escriptorio.

« A horas do jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hospede já tinha jantado, se assim pode chamar-se uma chavena de café, duas colheres de marmellada, e quatro calices de cognac.

« Cumprimentei-o, apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passára a manhã na livraria.

« Esperava que elle me dissesse que queria fazer sociedade comigo á mesa. Não m'o disse; e eu tambem não quiz dizer lh'o. Convidei-o para, passados os dias do descanso, ser apresentado em algumas casas. Respondeu-me que o dispensasse desse sacrificio.

« Reconheci todo o melindre daquella situação. Respeitava-lhe a dor como um mysterio sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive, por isso, de corar segunda vez.

« Passados alguns dias, disse-me que queria retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão

possue uma linda chacra no *Bota-fôgo*. Offereci-lh'a, acceitou-a.

« Visitei-o ahí algumas vezes. Era um envelhecer que fazia dó ! Disse-me que soffria muito do peito. Aconselhei-lhe que se retirasse a Portugal. Sorriu-se, e apontou-me para as cruces de um cemite-rio que alvejavam através de um arvoredor.

« Perguntas-me tu: — quem era esse ho-
mem ? —

« Não o sabia.

« No fim de sete mezes, achei-o com todos os symptomas de um hectico, quando as folhas principiam a murchar queimadas pelo sol do estio.

« Vi-o então sorrir pela primeira vez. Travou-me do braço, e passeamos no jardim.

« Eis o que então lhe ouvi :
— Eu tenho sido um ingrato, em não lhe dizer quem sou.

« Ingrato ! nunca... — repliquei eu.

— Ingrato, sim ! O véo do mysterio devia levantar-o a mão da amisade. Mas em recompensa de uma grande divida, ha de a mão de um cadaver levantar-o. A febre amarella parece querer juntar-se á minha febre *negra*. Se desta coallisão resultar em breve a minha morte, venha v. s. ao meu quarto, dê-se ao trabalho de ler em horas de ocio, esses cadernos de papel, que por lá estão, e poderá então dizer que o seu hospede, silencioso em vida, conversou muito comsigo do tumulo.

« E despediu-se. Estas poucas palavras princi-

piou-as, sorrindo, e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu, quando estava para cair.

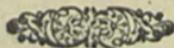
« Caiu.

« A febre amarella scrou áquella luz quasi apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o ultimo adeus, porque tambem reclinei a cabeça n'um leito, que suppuz ser o da morte.

« A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, á ordem do moribundo.

« O meu legado é esse que te remetto. No derradeiro capitulo verás a rasão porque o faço. Adeus. Não te chames infeliz. Teu cordeal amigo F... »

Agora direi eu quasi ao leitor, como o meu amigo me diz: No ultimo capitulo virá a rasão porque esta byographia é publicada.



MYSTERIOS DE LISBOA.

LIVRO I.

Era eu rapaz de quatorze annos, e não sabia quem era.

Vivia na companhia d'um padre, e d'uma velha, que era irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscipulos.

Destes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo, perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

Ora este padre era um homem muito virtuoso; mas nem por isso me parecia muito extraordinario eu ser seu filho.

Não o ouvira eu nunca psalmejar na harpa cantares de contricção; mas, nem por isso, é rigo-

rosamente logico] que não haja David sem harpa: Muitas vezes senti o atrevido impulso de dizer-lhe. « Mestre! perguntam-me se sois meu pae; deverei responder que não, para me deixarem? »

Nunca, porém, fiz isto, porque entendi que não me era uma das primeiras necessidades da vida saber de quem era filho.

Propenso para cogitações elevadas, erguendo os olhos ao ceu, via eu, muitas vezes, voar um passarinho. E dizia comigo: « perguntem lá aquella creatura de Deus quem é seu pae? Como ella corta por tão alto um espaço que é todo d'ella! Que liberdade, e que independencia! O meu espirito é como aquella andorinha! Eu tenho um mundo tão amplo para voejar com elle! Se eu poder subir, subir, subir até Deus, não terei encontrado meu pae? Isto da terra parece-me uma cousa tão pequena!... »

Seria isto uma frioleira de creanças; mas eu pensava assim, e não gostava que me accordassem neste meu berço, em que eu proprio me embalava, como se assim quizesse indemnisar-me de carinhos, que nunca recebera ao pé do berço da minha infancia.

Quem mais vezes me inquietava nestas ociosas illusões era o padre. Eu aborrecia o latim e a logica e os livros e a sciencia. A andorinha era o meu modelo, e a andorinha não sabia latim. « Isto de que serve — dizia eu folheando, aborrecido, o Tito-Livio — será necessario devorar meia existen-

cia, consumil-a n'um luxo de palavras estereis; para no fim de tudo ficar o mesmo homem, sem ao menos ter descoberto o sexto sentido do corpo humano? »

Não affirmo que fosse textualmente assim o meu raciocinio; mas afóra as palavras que a sociedade me ensinou, e que eu lhe não agradeço, a ideia era aquella.

Mas a ideia do padre era outra. Constrangia-me a estudar, e especialisava-me entre os meus condiscipulos. Se o carinho fosse symptoma de paternidade, nunca eu devera inspirar suspeitas de ser filho do mestre. Eu não tinha ferias, nem passeios, nem premios, nem elogios. Era um paria, um bastardo de pae, de mestre, de todo o mundo.

E, comtudo, dizia-me a pobre irmã do padre, que eu era o discipulo amado de seu irmão. Explicava, a seu modo, aquella theoria d'amar, e chegava á triumphal conclusão de que, sendo a sciencia o meu patrimonio, quanto mais cultivado o recebesse das mãos do mestre, mais sagrados titulos recebia para a minha gratidão.

Custava-me a perceber isto; mas, sem grande esforço de intelligencia, comprehendí que era pobre.

Não me apaixonava por isso. A andorinha passava nua nas campinas do ceu; e adormecia á tarde, sem grangear o alimento da manhã seguinte.

Estas razöcs, dadas assim áquella boa D. Antonia, faziam na cherar. A sensivel mulher chorava.

com qualquer coisa, e mais não conhecia ainda o mundo...

Mas a andorinha não remediava todas as miúdas ancias de curiosidade.

Eu queria saber quem era. Grandezas não me passavam pelo pensamento, nem eu podia phantasiá-las. Sem subsidio, sem adulação, sem uma d'ava mysteriosa, que me fizesse scismar n'um segredo de familia, que tinha eu com a grandesa tão eloquentemente desmentida pela minha jaqueta velha, pelos meus livros em segunda mão?

Um baixo nascimento, com todos os accessórios da indigencia, esse sim, lembrava-me muito, e cheguei mesmo a vestil-o d'uma poesia muito triste, mas muito filha da minha indole.

« Serei filho d'um çapateiro? Serei uma coisa que este padre achou n'uma esquina como acharia um gato? Serei filho d'algum ladrão justicado, que este padre acompanhou á força? »

Estas perguntas começaram a doer-me no coração; mas quizera que me respondessem:

— E's filho d'um çapateiro;

E's um engeitado, erguido da lama pela mão da caridade;

E's filho d'um ladrão; mas... calla-te, porque ainda vive o carraseco, que enforcou teu pæe, e não podes usar d'um appellido, que balbuciam os que passam pela praça onde a força está de pé.

Parecia-me que o filho do çapateiro poderia ser um primeiro ministro;

Que o enfeitado poderia ser um carinhoso pae.

Que o filho do ladrão poderia ser um juiz implacavel para todos os ladrões.

Fatigado em penosas luctas de conjecturas, adormecia, acalentado pela bemfazeja idéa de que um filho, sem pae conhecido, tambem podia ser um homem conhecido de todo o mundo.

Destas altas meditações descia eu, muitas vezes, a cousas insignificantes. Por exemplo. Os meus companheiros tinham, cada um, quatro sobrenomes, cinco sobrenomes, seis, e d'ahi para cima.

Ora eu era só João,

E os meus companheiros davam uma entonação galhofeira ao meu nome. Chamavam-lhe *chato*, davam uma explicação ridicula a cada syllaba, e queriam até que o nome alem da forma, tivesse cor pardacenta.

Estas ninharias faziam-me rir, mas era um riso que poderia litteralmente dizer-se « pranto.»

Queixei-me, uma vez, muito em segredo ao pae, e tive em paga uma reprehensão severa. Chamou-me vaidoso, orgulhoso, e soberbo. Lembrou-me o pouco panno que eu tinha para cortar por largo com as thesouras do amor proprio, ajuntou outras metáforas assim sentenciosas, e concluiu com alguns textos byblicos, que me não pareceram bem applicados.

A sua doutrina estou em que era a melhor, mas, desta vez, o meu espirito não recebeu o grão abençoado entre os espinhos que la fizera nascer a desprezo dos condiscipulos e do mestre.

A irmã do padre era visitada de longe em longe por outras velhas, e com ellas vinha uma nova que eu faço aqui figurar em poucas linhas, porque fci ella quem primeiro achou no meu corpo indícios d'um nascimento alto.

Estava eu sosinho e escondido entre as faias, que sombreavam o fundo do quintal. Vieram lá ter comigo as velhas e a nova. Esta encarou-me com interesse, e disse para D. Antonia:

— Este menino parece-me que é muito triste!...

Eu estranhei esta mostra de attenção; levantei-me do meu banco de pedra; perfilei-me como um galucho, e fiz-lhe a minha cortesia muito provinciana.

— E é tão bem creadinho! — disse uma das velhas, pondo-me a mão pela cabeça.

E outra acrescentou:

— O menino não vai, aos domingos, ver a sua familia?

« Eu não tenho familia nenhuma » — respondi eu com um desembaraço que não parecia meu. E porque vieram encontrar-se com o pensamento que mais me dominava, e que, á força de amargura, me cultivara, por assim dizer, a eloquencia da sensibilidade.

— Pois o menino não tem familia? — tornou a nova.

Calei-me.

E senti que os olhos se me arrasavam de lagrimas; mas, neste momento, gorgoeou um passari-

nho entre as faias, e eu senti-me consolado. — Lembrou-me a andorinha.

E a velha continuou :

— D. Antonia não nos tinha dito isto...

« E' verdade ! » disseram as outras, em coro.

— Eu não podia dizer tambem mais do que elle... E' para mim um segredo, como para elle, o seu nascimento.

D. Antonia satisfez assim os primeiros assomos de curiosidade ás suas hospedas, mas evitou-lhes os segundos, que deviam ser-lhes attribulados.

A rapariga, essa media-me com attenciosa reflexão, e olhava-me os pés e as mãos, como se quizesse decyfrar o enigma do meu nascimento, seguindo a chyromancia.

E voltando-se depois para as tias, disse com vivacidade : — olhem que mão e que pé tão pequenino !..

« E' verdade ! » exclamaram as velhas, menos D. Antonia, que diligenciava distrahir as suas amigas d'aquella analyse.

— Não ! tornou a cabalystica menina — aposto que este menino não é de classe baixa !

« Porque ? » interpellou a irmã do padre, com uma visagem de psmo.

— Não vê aquelle pé e aquella mão ! os filhos da gentalha não vem assim ao mundo.

« Has-de sempre fallar contra a gentalha, Iza-belinha ! — redarguin a mãe, ou tia. — Todos são filhos de Deus ; todos tem pés e mãos.

— Eu não nego isso — tornou a gentil aristocrata com menos azedume — mas o que eu sei é que conheço uma pessoa — de bem — pelos pés, e vou jurar se quem vai dentro de uma carroagem puchada a quatro, é filho de um alfaiate, com tanto que leve a mão á vista na partinhola.

— Isso parece-me demais — retorquiu a tia com a melhor boa fé.

E eu não sei porque, sympathiasava com o orgulho da tal Izabelinha. Gostava d'ouvil-a, e quizera que ella encontrasse em mim alguns indícios mais da minha fidalguia.

Se isto é miseria, perdoem-na a uma creança, que, antes de aspirar a ter nascido por de traz de um reposteiro heraldico, já se contentava com ter um pae çapateiro, ou justicão por ladrão.

A familia retirou-se.

E eu fiquei reparando muito no meu pé e na minha mão.

II.

As andorinhas, desde este dia, voaram desaparecidas para mim. Desci a vista do céu para as cousas deste mundo. A vaidade principiou a materialisar-me: e quasi me parecia repugnante e baixa a comparação de um homem com um passaro.

Em quanto me não disseram que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento illustre, imaginei-me filho de çapateiro, de soldado raso, e de aguadeiro. Depois, nunca mais. Aquella Isa-

belinha dourou-me a imaginação, engrandeceu-me o espirito, e enturgeceu-me de uma vaidade, que eu já não podia esconder aos meus condiscipulos.

Foi pessima a occasião em que elles vieram chasquear-me o nome *chato e pardo*! Nesse dia, em que eu lamentara a baixesa do meu nome, e chegara a convencer-me de que *João* era um nome ignobil, um nome de carreteiro, e de gaiato, vieram elles insultar-me na minha solidão.

O mais desabusado, e tambem o mais comprido em sobrenomes heroicos, cruzou os braços em postura dramatica, diante de mim, e disse com o sorriso do escarneo na bôcca:

— João! João! João! tres vezes João! por que te não chrismas, infeliz?! Os teus condiscipulos lamentam o infortunio de contarem no seu gremio um companheiro chamado João! Lava-lhes esta affronta, se podes!

Encarei primeiro com desprezo este orador; depois respondi com presença de espirito e azedume:

— Não me admirava que rapazes da minha idade viessem zombar do meu nome; mas o snr., que tem vinte e dous annos, é cousa que me faz mais compaixão, que zanga! Por que não aproveita melhor o seu tempo, tirando significados e amigando-se com o Virgilio, seu inimigo cruel? Esquece-se que foi reprovado em latim no anno passado, e que ha-de sê-lo no anno que vem, se gastar o seu tempo a compor discursos para fazer rir os meus condiscipulos á minha custa?

Esta resposta irritou o meu adulto companheiro, muito mais por que os meus condiscipulos, que tinham vindo para se rirem de mim, riram-se delle. Com os olhos a fuzilarem raiva, chegou-se ao pé de mim, e puchou-me uma orelha desapiedadamente. A dor senti-a forte, mas a dor moral, a vergonha, não me pungia menos.

Conheci então, pela primeira vez, o desejo da vingança. A primeira cousa que estava ao pé de mim era um vaso pequeno com um cato eriçado e espinhoso como um cedeiro. Dei-lhe com elle na cara. E devia ser insoffrivel a dor que lhe fez, porque o taludo gracejador levou as mãos á cara, e não fez contra mim o mais ligeiro movimento.

Os condiscipulos ficaram pasmados e silenciosos. Eu passei por entre elles com o pueril orgulho de uma acção legitimamente nobre, e recolhi-me ao meu quarto a recapitular o primeiro capitulo da minha Illyada.

Não me deixaram só muitos minutos. D. Antonia, colerica e descomposta, com aquella medonha perspectiva de uma rabujice irritada, entrou de repente, engasgando se a cada palavra, e contorcendo-se grutescamente a cada movimento.

O que eu colligi do seu grasnido foi que uma tremenda justiça ia ser feita em mim, logo que o padre recolhesse. Não me surpreendeu. O padre, ao menos para mim, era barbaro nos castigos, sem me bater. Por bem pouco, fazia-me jejuar tres dias a pão e agua, e levava esta punição á bar-

baridade de dizer-me que tudo aquillo *era cultivar com esmero o meu unico patrimonio da intelligencia!*

Arrefecidos os calores do meu gentil desforço, principiei a ter medo do mestre. Parece que o coração se me despegava, quando soavam passos na visinhança do meu quarto. Invoquei todos os recursos da resignação para suavisar o castigo, que me atormentava em prespectiva. Imaginei-me com um braço quebrado, com uma gonilha ao pescoço, com oito dias de pão e agua, com o odio do padre eternamente irritado contra mim. Quiz transigir evangelicamente com todas estas torturas, mas não houve nada que diminuísse a sezão do medo.

Senti febre! O susto parece que me pisava os ossos, e macerava as carnes. Era uma doença indefinivel aquella minha! O que eu sei é que cahi sobre a cama, alquebrado e esvahido, como se uma catapulta me alirasse para alli.

Não sei o tempo que decorreu, desde que me deitei até que abri os olhos do entendimento para conhecer o padre, e a irmã, e o cirurgião da casa.

Pensei que sonhava.

O cirurgião punha-me a mão na testa e apalpava-me o pulso. O padre olhava-me com ar de bondade. E D. Antonia pregava os olhos, com anciedade, na cara do cirurgião,

— Então que tens, João? — perguntou o mestre em tom amigavel.

« Não sei, snr. padre mestre » respondi eu, mentindo como convinha.

— Bateram-le? — tornou elle.

E eu calei-me, porque não sabia se era conveniente dizer a verdade.

— Bateram-te, João? — replicou o mestre descedendo a voz à nota baixa da severidade.

« Quasi nada » respondi eu, naturalmente a tremer uma segunda sezão.

E o facultativo, que tinha debaixo dos dedos as pulsações do meu sangue, reconheceu a influencia pathologica que tinham em mim as perguntas do padre.

E, por isso, fez-lhe um gesto de silencio, a que o padre obedeceu promptamente.

Retiraram-se ambos, deixando-me só com D. Antonia. Esta pobre senhora, quando não era accommettida pelo reumatismo agudo, tinha o coração de um anjo. Devota, e caritativa com os pobres de pão, não o era menos com os mendigos de consolações. Comigo foi quasi sempre boa. Até mesmo quando o padre me condemnava a comer só pão, vinha ella, como a pomba dos eremitas do deserto, trazer-me carne. O que ella não queria era que eu fallasse em pai ou mãe: por isso que a Providencia do Senhor não engeitava os filhos, e adoptava como seus os que na terra se chamam engeitados.

No pouco tempo que ella esteve comigo no quarto, resou sempre ajoelhada a uma imagem de S.

João Baptista, advogado das enfermidades da cabeça, segundo a crença de D. Antonia. De vez em quando pergantava me se a cabeça me doia, e, com effeito não era só dor, era um vesuvio que eu tinha alli a ferver, e a oscilar-me nos olhos como as entranhas de uma explosão.

E D. Antonia resava ainda, quando entraram o padre e o cirurgião.

O padre vinha triste, e fitava-me com extraordinaria meiguice. O cirurgião trazia não sei que cataplasmas, que me embrulhou nos pés. Parece que ambos me estudavam cuidadosamente o meu menor movimento de olhos, e reparei que o facultativo me estava continuamente observando as orelhas.

Em quanto, muito depois, não soube que as oscillações das orelhas eram symptoma de inflamação de cerebro, cuidei que me estavam procurando os estragos do orelhão, que soffrera.

Não pude demorar-me muito nestas supposições, porque cahi n'uma somnolencia profunda.

O que eu soffria era uma congestão cerebral, se devemos acreditar o cirurgião, que a explicou scientificamente como consequencia do medo.

Tive alguns dias dos quaes não tenho lembrança alguma. Passei-os, creio eu, no delirio, e nos spasmos musculares, que caracterisam esta doença.

Passado esse intervallo de vida, que me esqueceu talvez porque se confundia com a insensibilidade do moribundo, lembro-me que vi, ao pé do meu leito, uma senhora.

Era de noite, porque no quarto haviam luzes. Quem alli estava ora ella sosinha. Parecia-me uma figura das minhas vizões da febre. Duvidei muito tempo se aquelle vulto era uma realidade; e duvidava com os olhos fixos nos olhos della, que ainda agora os vejo rasgados e negros.

Era alta e não me pareceu nova, nem formosa. Vestia uma capa escura, e tinha um lenço preto na cabeça, posto com o desalinho de uma creada de servir. Por baixo deste lenço, viam-se as curvas das tranças do cabello desatadas. E não posso com verdade dizer mais nada daquella figura.

Lembro-me que lhe ouvi algumas palavras, que não seriam muito diversas deste pequeno dialogo, que livemos.

— Joãosinho, como se sente ?

« Doe-me a cabeça, e os olhos, e o corpo todo. Quem é a senhora ?

— Sou uma sua amiga.... sou uma amiga da irma do seu mestre.

« E como se chama? Eu nunca a vi nesta casa !

— E' porque tenho estado fora de Lisboa, ha muito tempo.

« Tenho sede » disse eu como quem supplicava uma gota d'agoa.

— Tenba paciencia... o menino tem febre, e não pode beber agoa.

« De-me uma gota d'agoa, senão morro.

— Não dou, porque morre, se a bebe.

E a sede devora-me as entranhas. Vi aos pés da cama um jarro com flores. Lembrou-me que havia agoa naquelle jarro. Fiz um esforço de desesperado. Saltei fora da cama; mas este meu saltar foi cahir em cheio no chão.

Aquella senhora soltou um grito. Lançou-me, com ancia, os braços para erguer-me; e não pôde. Correu á porta: baleu com afflicção, e, quando a porta se abriu, vi que ella se rebuçou no cotelete, deixando apenas meio rosto á vista do padre e da irmã, que entraram.

Levantado pelos braços robustos do mestre, fiquei prostrado na cama. Pedi agoa attribuladamente, e deram-me alguma coisa, que me illudiu a sede.

E retiraram-se, depois, menos a mysteriosa senhora. Notei que entre o padre e ella não se trocaram duas palavras. D. Antonia apenas lhe disse, quando se retirou:

« Faltam cinco minutos. »

E a minha incognita enfermeira veio sentar-se á cabeceira da minha cama.

— O menino é muito impaciente — me disse ella com affago maternal. — E se morresse?

— Quem me dera morrer?

— Porque?

« Eu não sei de que serve a vida, quando se soffre vivendo! »

— E o menino soffre?

« Muito. »

— Porque está doente, não é assim?

« E quando tenho saúde...

— Pois que lhe falta? Não tem que comer, e que vestir?

« Eu não tenho andado n'ú, nem morrido de fome; mas isso não me fazia soffrer a mim.

— Pois que queria o menino ter?

« Pae.

Houve um silencio d'alguns minutos.

— Mas este padre não lhe tem servido de pae?

« Não é meu pae, creio eu.

— De certo não.

« De certo não? — exclamei eu com precipitação — Então sabe quem é meu pae?

— Não sei, menino; mas conheço que este bom padre, e D. Antonia são muito seus amigos. Não é ella tão carinhosa?

« Não é minha mãe. »

Deu-se o mesmo silencio de ha pouco; mas desta vez percebi que aquella senhora levava um lenço aos olhos.

E pegando-me da mão, senti um beijo, e depois uma lagrima.

Tudo isto parecia-me extraordinario! A minha cabeça estava muito debil para estas emoções: perturbou-se-me, e senti-me tomado d'um somno, que era sempre a minha salvação nas agonias do desmaio.

Ouvi ainda bater á porta. Senti ainda um beijo, muitos beijos, e muitas lagrimas. E, depois, aquella mulher fugiu-me, como a bella imagem

d'um sonho. E, com ella, fugiu-me o alerta, porque desfalleci.

Alta noite, D. Antonia afastava-me dos olhos os cabellos ensopados em suor. A boa senhora velava-me com estremecimento de mãe, porque deve ser assim, como ella era, a mãe ao pé do seu filho, varado de dores.

« E aquella senhora ? perguntei eu.

— Foi para sua casa.

« Quem era ella ?

— Uma amiga minha.

« E minha, não é verdade ?

— E' verdade, meu filho... parece que é muito sua amiga.

Como se chama ?

E' Maria.

« E só Maria ?

— Não é tão bonito nome ? Não é assim que se chama a Mãe de Deus ?

« Tambem o precursor de Josus Christo se chamava João, e o seu discipulo amado tambem era João, e, com tudo, dizem que o meu nome é feio !

— Não é, não, meu menino. Deixe estar que lhe não tornam a fazer pirraça os condiscipulos com o seu nome.

« Então a tal senhora chamava-se D. Maria, na verdade ?

A hesitação de D. Antonia era uma especie de reprehensão á sua mentira ; mas esta observação, que faço hoje, não a fiz então, porque nem ao me-

nos imaginava em sonhos o valor do nome d'aquella mulher.

« Tomara eu tornar a vel-a » disse eu com profunda saudade por ella.

— Ha-de tornar a vel-a ; mas peça a Deus, Nosso Senhor, que lhe dê saude.

O padre entrou nesta occasião, e disse asperamente á irmã :

« Não sabes que o pequeno está prohibido de fallar ? »

Cahimos todos em profundo silencio.

III.

A minha congestão cerebral fizera crise ; mas a convalescença era morosa e arriscada.

Padre Luiz animava-me, a seu modo. Os carinhos d'elle eram como a indiferença de muita gente ; eu confesso, porém, que as cuidadosas precauções, em que punha o meu restabelecimento, eram persuasivas, e depunham muito a favor da sua alma boa.

Algumas vezes perguntei pela supposta D. Maria, e D. Antonia, em suas respostas, era sempre mysteriosa como ella.

Dizia-me, umas vezes, que era muito occupada, e não podia visital-a com frequencia. Contradizia-se, outras vezes, dizendo, que tinha vindo saber de mim, quando a febre me não deixava vel-a.

D. Antonia era verdadeira quasi sempre, e só um grande embaraço poderia obrigar-a a uma innocente mentira. Dera-se o caso neste segredo, que eu devera adivinhar, se nos meus quatorze annos d'então se incluisssem quinze dias da sociedade d'hoje.

Ergui-me do meu leito, onde padecera tres mezes, e onde, por mais de uma vez, me fôra proferida sentença de morte pelo cirurgião. Infelizmente, as previsões da medicina não podiam competir com os designios da Providencia. Vivi quando devera morrer.

E, contudo, a minha posição era já outra na pequena sociedade, que eu conhecia. Deu-se-me um fato novo, deu-se-me uma nova liberdade, uma nova consideração, e até um novo quarto. O que era isto? Não m'o dizia D. Antonia a quem eu o perguntava com infantil idiotismo. Não m'o dizia o padre, que nem sequer me permittia a ousadia de perguntar-lh'o.

Os meus condiscipulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puchara a orelha, fôra expulso do collegio, alguns dias depois da nossa funesta lucta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o habito d'estudar espontaneo e cuidadoso. Senti-me feliz d'uma alegria, que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma cousa, que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o goslo da sciencia. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi, que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alla noite, quando bateram na porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto cahiu-lhe dos hombros, e eu senti-me comprimido ao seio della por um abraço impetuoso.

Era a mulher d'aquella noite da febre. Bem a conheci. Aquelles olhos negros e luminosos eram os della. Eram suas aquellas faces palidas, e magras. Não podia ser d'outra aquelle talhe de formas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas d'aquelle vigor nervoso, que parece, em algumas organizações, o galvanismo d'um cadaver.

Comigo nos braços, a linguagem della eram lagrimas. Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos labios em suspiros. O mysterio aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calafrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso intimo, que me fazia ajoelhar áquella mulher. E não pude vencer-me. Curvaram-se-me os joelhos; e neste lance de adoração extatica, ouvi uma palavra... « Meu... » e quando instinctivamente, collava os labios na mão d'aquella mulher, a frase sahiu completa dos labios della... « Meu filho! » Não me peçam explicações do que então senti. O

silencio, d'então, não podem, hoje, as palavras decifral-o. Foi um enlevo que mata a expressão, e indemnisa com lagrimas o sentimento. A apparição improvisa de mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração, cuja existencia ignorava — uma surpresa assim, traz comsigo um terror santo, que deve ser a preexistencia do homem na presença de Deus.

— Quiz balbuciar a palavra « mãe » e senti-me embaraçado : não sei se era pejo, se perturbação, se alegria ! Não pude.

« Não me dizes nada, meu filho ? » murmurou minha mãe, quasi ao ouvido, como se receasse ser ouvida. E levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se n'uma cadeira, apertou-me ao seio, e encostou ao meu hombro a sua face, que queimava.

« Lembras-te de me ter visto ? » disse ella, sorrindo e chorando.

— Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

« E só me viste uma vez ? »

— Uma só ; mas sei que estive ao pé de mim.

« Que sentes agora no teu coração, meu filho ? »

— Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

« Podes ser amigo de... podes ser meu amigo ? »

— Amigo de...

« De tua mãe? »

Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto della havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o acesso d'uma demencia. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, por que eu não sabia o que é uma mulher, quando abraçada a um ente que julgava perdido; pôde exclamar: « este é meu filho! »

« E preciso ouvir-tel — disse ella com apaixonada energia — preciso que falles, que pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!... »

Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencivel; um pejo que me incendiava as faces; uma coacção indefinida, semelhante a outra, e essa unica, sentida em minha vida! O coração dizia-me que era ella minha mãe; e os labios convulsos e indecisos parece que recusavam proferir um nome, que la não fora escripto, na infancia pelos labios maternos.

Com os olhos fixos no regaço de minha mãe, e com uma especie de ressentimento que o meu silencio simulava, dir-se-ia que era um filho reprehendendo o desamor dessa mãe, que o abandonara criancinha, e viera procural-o adulto para lhe dizer: « tenho direito ao teu amar, aos teus carinhos, e ao teu respeito, por que tu dei a existencia! »

Mas um tal pensamento, uma tal vingança não era propria da minha idade, nem que o fosse, Ibradaria mais alto o grito filial, a exclamação represada, longo tempo, no coração escurecido pela orfandade.

E, contudo, minha mãe julgou, que o meu silencio era um queixume. Viu na minha supposta inercia uma accusação providencial, um castigo do ceu cujo instrumento era a minha innocencia.

E chorava com afflicção. Lia-se-lhe a tormenta do espirito na face atribulada. Lembra-me que era sublime da agonia aquella mulher, reluctando com o remorso, e encarando-me espavorida, como se eu fosse uma larva!

Era então que os olhos lhe scintillavam d'aquelle brilho sinistro da demencia. As faces pareciam aradas por um hialito de fogo, que as ressequira. Os labios estremeciam-lhe de crispações nervosas; e os cabellos humedecidos pelo suor da testa, lançava-os n'um desalinho desesperado para traz das orelhas.

Não sei que a expressão do odio se manifeste mais rancorosa do que então era em minha mãe a expressão do amor!

Mas não era essa a emoção, que, n'aquelle trance, lhe dava ao aspecto um colorido medonho.

Em quanto os labios della me beijavam em fervente commoção, a vibora do odio mordida-lhe o seio, e derramava-lhe um veneno diabolico nas arterias. Esse odio era uma sezão, uma syncope, um

acesso de hydrophobia, que fazia d'aquella infeliz uma possessa.

Não me peçam já a historia deste odio, o quadro lugubre deste typo excepcional nas amarguras.

É cedo ainda; porque as lagrimas são o continuado viver d'algumas vidas, e, se não fossem revelladas uma a uma, a biographia dessas existencias seria monotona, e fria.

Até para as lagrimas é preciso o methodo....

Eu tentava despertar minha mãe d'aquella especie de somnambulismo despedaçador; mas o ataque já não cedia aos meus acanhados esforços; tinha de passar por algumas crises, debater-se em convulsões impetuosas, enfraquecer-se em tremuras spasmodicas e terminar pela mortal atonia dos musculos.

Felizmente a cadeira, em que ella se sentara, estava proxima do meu leito. Minha mãe, desmaiada, pendeu a cabeça sobre a cama. Limpei-lhe da face um suor frio. Julguei-a morta. E, quando esta dilacerante suspeita me feriu o coração, corri á porta, abria-a, chamei D. Antonia, e pedi-lhe com mãos erguidas que mandasse chamar um medico para minha mãe.

A pobre senhora, atordoada com o estado assustador de sua visita, correu a chamar o irmão. O padre, menos alvoroçado, mas com terror visivel nas feições, tomou o pulso da desmaiada, e estremeceu. Pegou d'um espelho, collou-lh'o sobre

os labios, observou-o, e vendo-o embaciado, exclamou com desafogo :

« Está viva ! »

E ouviu-se então um signal na porta, e uma voz de fora, que dizia :

« Já passou um quarto d'hora.

Neste momento, minha mãe abria os olhos. Sentou-se. Contemplou-nos com os olhos assombrados e delirantes. Fez um gesto de se retirar D. Antonia que a tinhanos braços; e D. Antonia ia retirar-se, quando o padre repetiu as palavras, que pareciam tel-a acordado :

« Já passou um quarto d'hora. »

— Já ! — exclamou minha mãe.

E tomando a capa do chão, sem ao menos se despedir de mim, com os olhos, desapareceu, como se fugisse a deshonra daquelle quarto.

E, em seguida, ouvi o rodar rapido d'uma sege.

IV.

O segredo do meu nascimento parecia-me escurecer-se cada vez mais, não obstante me ser facil conjecturar a classe a que pertencia.

Minha mãe é que estava sendo para mim um insondavel segredo. Aquelle frenesi, aquella desesperação, aquelle sobresalto pareciam-me emoções in explicaveis ! Durante a rapida entrevista, que tivemos, taes cousas vi, que, recordando-as, depois

sósinho, cheguei a lembrar-me se o que eu vira seria um ataque de loucura!

D. Antonia, a quem eu revelava as minhas infantis suspeitas, não me tirava de duvidas. A sua linguagem era sempre retrahida e indiciosa: parece que tremia de pronunciar a palavra «mãe»; e por mais instantes supplicas, que lhe fiz, não adiantou nada ao que eu sabia.

O padre não me fallava em nada. Ouvia-me, com mais affabilidade, mas era sempre o mesmo rosto frio, e a mesma austeridade de mestre.

A meditação absorvia-me as horas do estudo, e o padre não queria que eu meditasse. Ampliou-me as lições, obrigou-me a raciocinar em sciencia, e tentou assim abstrahir-me das meditações estereis da minha vida enigmatica.

Decorreram mezes, e não vi minha mãe, nem tive quem me fallasse della.

Cheguei a soffrer uma dorida saudade daquella mulher. Reflectia-se em meu coração a imagem que vira: soava-me, em sonhos, o ecco das suas palavras; sentia nas faces o calor de seus beijos, e a impressão estranha de suas lagrimas.

Este idealismo converteu-se em amor profundo. Senti que era filho daquella mulber, porque m'o dizia a voz profetica da alma, a convicção intima de uma faculdade que tem o coração, e que não carece dos sentidos externos para funcceionar.

E a não ser filho, eu deveria deste ideal passar á violenta paixão d'amante. A não poder chamar-

lhe «mãe» deveria chamar-lhe «esposa.» Eu não sabia então que estes dous sentimentos preenchem as mais imperiosas condições do amor; mas adivinhei-os, como hoje os sei, depois que vinte annos de experiencia m'os fizeram saber. Ha verdades no mundo, que se vêem, em toda a sua luz, ou pelos olhos puros da candura, ou pelos da experiencia, quando as lagrimas parecem dar-lhe um grande alcance. . . .

O mestre ordenou-me um dia, que me vestisse para passear com elle. Admirou-me esta ordem, por que o dia era lectivo, e mesmo, ao domingo, nunca se dá uma semelhante attenção para comigo.

Sahimos, e andamos muito. O padre não me deu uma palavra em quanto atravessamos a maior parte da cidade. Reparei n'um letreiro de uma rua quasi deserta, e li CAMPOLIDE. Andamos ainda muito; atravessamos uma azinhaga, perdemos de vista Lisboa por algum tempo, em quanto caminhavamos encostados ao muro de uma quinta; e ao cabo desse muro estava um palacete sombrio, triste, e quasi escondido entre as copas das faias, dos chorões, dos cyprestes.

Defronte desse palacete o terrasso formava uma curva por um banco de pedra. O padre sentou-se, e mandou-me sentar ahi.

«Gosta deste sitio, João?» perguntou o padre.

— Gosto muito; tomara eu aqui viver.

«Porque?»

— Não sei por que: acho isto tão triste. . . .

E o padre sorriu-se. As janellas, excepto uma, estavam fechadas, como se a casa não tivesse moradores. Essa mesma, que não estava de todo fechada, apenas tinha meia portada aberta.

Reparei que o padre olhava muito para aquella janella. Acompanhei-o nesta curiosidade muitas vezes.

Havia mais de uma hora, que ahi estavam, quando, através da vidraça, devisei um vulto. O padre fez uma ligeira saudação á pessoa, que apparecia, e disse-me que estivesse de pé com o meu bonet na mão.

Vi que a pessoa da janella fazia um signal. O padre mandou-me sentar e cobrir.

O vulto deixou cabir a dobra da capa que lhe escondia meio rosto, e eu conheci minha mãe.

Apenas recebi esta surpresa, não pude conter-me, e disse com sobresalto «é minha mãe!» O mestre mandou-me calar.

Não podia despregar os olhos da face d'ella. Acenava-me, sorria, limpava os olhos, e fazia não sei que signaes ao padre, a que elle respondia affirmativamente.

Vi que minha mãe, de instante a instante, desaparecia como quem procura segurar-se de alguma surpresa. Pareceu-me mais cadaverica. Em redor dos olhos negrejavam-lhe as nodoas do soffrimento, como se as carnes alli tivessem sido maceradas.

Pedi ao padre que me deixasse lá ir. O padre, sorrindo, fez-lhe signal a ella do meu pedido. Vi-a tambem sorrir; mas que mortal amargura naquella sorriso, naquella expressão ironica da desgraça!

Passaram alguns minutos. Minha mãe affastou-se, e voltou precipitadamente, dizendo-nos adeus.

O mestre tirou o chapéu, fez que enchugava o suor da testa, e disse-me que não olhasse para lá.

Mas não pude obedecer-lhe. A vidraça, que minha mãe não ousára abrir, foi de repente aberta com estrondo.

Olhei, quasi violentado; e vi um homem de figura assustadora, que nos olhava com vista colerica. O padre olhou-o tambem por um momento, e ficou-se na postura em que estava, simulando a mais bem fingida indifferença, e não me prohibiu que olhasse para aquelle homem, por que assim talvez julgou que nos tornariamos menos suspeitos.

Mas os seus reparos no padre pareciam augmentar de interesse. Não sei o que tinha a vista de tal homem, que me inculia terror! Morto estava eu por me retirar d'alli, quando elle com voz imperiosa, e a testa franzida, nos disse:

« Querem d'ahi alguma cousa? »

— Não, senhor — disse o padre. — O que nós quizemos foi descansar, um instante; mas, se somos importunos, retiramos.

O mestre levantou-se, e o homem, retirando-se, fechou a janella, e nós seguimos o caminho por onde vieramos.

Na noite deste dia, tive eu o seguinte dialogo com o padre :

— Pouco posso, por quanto, adiantar-lhe sobre o seu nascimento...

« Mas... pouco que seja...

— Sabe que aquella senhora é sua mãe...

« Sim ; mas quem é aquella senhora ?

— Não tem necessidade de o saber, nem de o perguntar. É uma pessoa, que lhe deu a existencia, e a educação.

« E meu pae era aquelle homem, que appareceu na janella ?

— Não. Seu pae já não vive.

« E aquelle homem não é meu parente ?

— Não é seu parente : é marido de sua mãe.

« O marido de minha mãe !... Mas é meu inimigo, não é verdade ?

— Por que pergunta se é seu inimigo ?

« Por que não sabe que eu existo..

— Sabe que existe... mas... não me faça mais perguntas, que eu não lhe respondo. Mais cedo, que eu e o menino quereíamos, saberá tudo, por que eu sei muito pouco do muito que espero saber, se sua mãe morrer antes de mim...

« Pois minha mãe...

— Admira-se que morra antes de mim ?

« É ainda nova, não é ?

— É velha nos padecimentos. Não lhe viu aquelle rosto como está acabado ? Sua mãe é uma

senhora muito infeliz... Nem eu sei como se pode viver assim!

O padre tinha os olhos enturvados em lágrimas. Eu senti descerem as minhas com um travede amargura como nunca sentira.

Este dialogo foi interrompido por D. Antonia, que entrou no meu quarto entregando uma carta ao irmão.

O padre leu, meditou, pareceu lutar em desejos oppostos, e por fim, retirando-se, disse-me: «Quero dar-lhe alguns traços da vida amargurada da sua mãe. Elles aqui estão escriptos por ella... Leia essa carta, e peça a Deus que se compadeça de quem a escreveu.»

A carta escripta a lapis, dizia assim:

«O conde suspeitou. Fallou-me da perturbação em que v. s.^a ficára quando o vira. Quiz arranjar-me o segredo dessas duas pessoas. Fez-me algumas perguntas com o punhal sobre o coração. Vi-lhe os olhos injectados de sangue, e cuidei que me matava. Offereci-me, como sempre, ao sacrificio, pedindo-lhe de joelhos a morte. Cuspiu-me no rosto, quando eu estava nesta humilde postura. Sabiu, como furioso, em procura de v. s.^a; era tarde, felizmente, para encontral-o. Deu ordens aos creados para indagarem de v. s.^a alguma cousa. Será uma deligencia baldada. Não torne a sair com o pequeno. Foi uma imprudencia minha. Parece-me que sarei privada da luz outros oito annos! Deus me tire deste mundo, por piedade! Tenho tentações de ma-

tar este verdugo. Ajude-me a morrer com resignação. Duas linhas suas, ou do meu filho, sejam-me doces na hora da morte, sejam a minha recompensa, a minha coroa deste longo martyrio. Adeus. Abrace, meu filho, sim? Adeus. — A.

A dôr parece que me elevou o espirito para o extremo refugio dos desgraçados! Cahi de joelhos, e, com as mãos erguidas, pedi a Deus compaixão para minha mãe.

V.

A minha alma cubriu-se de um veo de tristeza perpetua no momento em que li a carta de minha mãe. Já não quero, como Job, datar a minha desgraça desde o ventre materno. Verdadeiramente infeliz, sei que o fui desde que conheci uma mulher que me chamava filho, mas uma mulher, cujo infortunio obrigava o padre a chorar, e justificava demais essas lagrimas com a carta, que eu acabava de lêr.

Todas as manhãs, a pretexto de saudar o mestre, perguntava por minha mãe; e, durante tres mezes, não obtive noticia boa nem má. O padre não tivera mais intelligencias com a desgraçada; e respondia-me que não se admirava disso, por que não seria novo deixar de tel-as oito annos.

E eu recordava-me do que fôra escripto por minha mãe, a respeito desses oito annos em que não vira a luz. Este supplicio parecia-me impossivel; e dôr mais que eu pedisse ao padre a causa deste cas-

tigo barbaro, respondia-me que não podia exceder as ordens de minha mãe, a respeito da sua vida.

D. Antonia pouco mais sabia que eu. O segredo era todo do sacerdote, e o sacerdote era um livro de sete sellos, que só poderia ser aberto pela mão de um cadaver, como elle me disse, cuidando curar-me com veneno a ferida que pedia balsamo. Esperar a morte de minha mãe para então, lhe saber a vida, era uma condição bem cruel! Para que viera aquelle anjo limpar-me as lagrimas da orphandade? Para substituir a estas as mais amargas de um filho, que tem a consciencia das torturas mysteriosas de sua mãe sem poder acudir-lhe, sem poder suavisar-lh'as com a esperança de um futuro melhor!

Eu principiei muito cedo a recolher o meu espirito em dolorosas meditações, improprias da minha idade. Não soube o que era viço de infancia, nem ideal de venturas sonhadas nessa quadra de innocentes desejos. A realidade em mim principiou comigo, por que não ha poesia nos pesares, nem elevações extaticas para o ceu, quando se pisam espinhos, onde deveram desabrochar-nos flores.

E, por tanto, eu não podia distrahir os meus cuidados do viver afflictivo de minha mãe. A minha tristeza tornara-se uma doença, que eu sentia enervar-me a vida, e exaurir-me de alentos para esperar-lhe remedio. Ha dores silenciosas, que nos incutem respeito, quando o que as soffre nos não pede compaixão para ellas. A minha dôr era assim.

O mestre uma ou duas vezes me recommendou o estudo; depois, comprehendeu a perturbação de meu espirito, e deu-me liberdade ampla de chorar, por que eu tambem não queria outra.

No fim de tres mezes, soube que minha mãe vivia; mas poucas linhas revelam que vida era a sua. O padre leu-me este bilhete, por que as palavras que continha, não devia eu saber-as todas:

« Este homem suspeitou do creado Bernardo e despediu-o. Fiquei privada desse bom homem que era a minha esperança, e que tanto me custára a movel-o em meu favor. Não tenho podido achar um meio de lhe escrever. Estas mesmas linhas escrevo-as a tremor, por que não sei se irão cair na mão do conde. Este barbaro inventa caprichos de maldade para flagellar-me. Sinto-lhe um desejo diabolico da minha morte. Não se decide a matar-me!... Será uma cobardia? Será o prazer de vêr-me penar? E meu filho? Falla-lhe em mim? Tenho-o tão impresso na minha imaginação! Se eu não sentisse este amor de mãe, que me abraça o coração, bastaria o reflexo do amor, da saudade... oh meu Deus!... da saudade de um anjo, que foi deste mundo, legando-me a herança de lagrimas, que em breve legarei ao nosso infeliz filho!... Sr. padre Diniz, por caridade não poupe carinhos a esse menino! Seja-lhe pae pelo amor, pela religião, pela piedade, e pelo bom coração que Deus lhe deu.»

O padre, terminando a leitura incompleta deste

bilhete, abraçou-me com extraordinaria effusão, e chorou comigo.

No dia seguinte disse-me D. Antonia — que um creado de farda me procurava; mas que, sem licença de seu irmão, não consentia que eu lhe fallasse. O creado instava que não era pessoa suspeita; mas a tímida senhora não podia transgredir os preceitos de seu irmão. Ora o padre estava fóra de casa, e não era certa a hora em que recolhia.

Quando vi entretida D. Antonia corri para o creado, e não o conheci. Perguntou-me o meu nome, por que elle tambem me não conhecia. Certificou-se de mim, perguntando-me se eu estava certo de ter sido procurado por uma senhora que se dizia minha mãe.

Esta pergunta fez-me vacillar na resposta, por que não sei como imaginei que aquelle homem era um enviado do algoz de minha mãe.

O creado vendo-me em embarços nada semelhantes á decisão com que viera fallar-lhe, disse-me que não receasse de dizer a verdade, por que elle era o confidente de minha mãe no tempo em que ella viera ver-me.

E, de repente, lembrou-me o escripto que ouvira lêr um dia antes, e o nome do creado que minha mãe lamentava ter perdido!

« Como se chama? » lhe disse eu.

— Bernardo.

« Ah! então de certo é meu amigo!... »

E tomando-me nos braços, onde me eu lançara com alegria, o pobre homem apertava-me, e soluçava não sei que palavras, que bem se via lhe vinham do fundo do coração.

« O filho da minha querida senhora!... — exclamava elle. — O filho d'aquella santa, que vai deste mundo tão passada de dores!... »

— Então sabe a vida de minha mãe? — perguntei eu com anciedade. — Diga, diga, tudo o que souber... por que eu tenho chorado muito... sei que ella é muito desgraçada; mas nem ella, nem o padre, nem D. Antonia me dizem a causa dos seus soffrimentos.

« A causa dos seus soffrimentos... — tornou elle, limpando a face, onde as lagrimas corriam copiosamente — Pois o menino não sabe a causa dos soffrimentos d'aquella pobre senhora condessa? »

— Condessa!... — exclamei eu — pois minha mãe é condessa!... Ah!... sim, sim... já sei por que é condessa...

E lembrou-me então o começo da primeira carta que vira escripta ao padre. La fallava-se de um conde, mas a minha educação, tão fora dos usos mais triviaes da sociedade, não me disse logo que minha mãe era forçosamente condessa por ser a victima, a mulher, ou a escrava desse conde.

« Sua mãe, não ha duvida, é a senhora condessa de Santa Barbara, por ser casada com esse

homem, que não tem em todo o mundo quem se messa com elle em maldade. E' um tigre, menino! aquelle homem é o que se pode ser! Deus o livre a v. exc.^a de lhe ver os olhos quando o sangue lhe sobe a elles!

— Eu ja o vi, e tive-lhe medo!

« Bem no dizia eu! Não que elle, realmente, é um homem, que Deus mandou a este mundo para castigo da humanidade. Eu soffri-o dous annos, por que, senão fosse eu, sua mãesinha morria de sede algumas veses...

— Morria de sede! exclamei eu, quando principiei a ver por mais longe os limites d'um verdadeiro infortunio. — Mas porque? minha mãe que mal fazia a esse homem?

« Nenhum... pelo contrario, parece que lhe andava alli sempre de joelhos a adivinhar-lhe as vontades.

... — Mas elle sem mais nem menos...

« A fallar-lhe a verdade, meu fidalguinho, eu não sei contar-lhe a historia tal qual, porque lá em casa ninguem sabia, porque sua mãesinha era tão martyrisada; mas, mas pelos modos, a causa principal de tudo aquillo era... o menino.

— Eu! pois que mal fazia eu a esse homem?

« Isso são outras cousas, que eu, ainda que as sei, não lh'as quero dizer, porque o menino é muito novo, e não m'as entende. Lá virá tempo em que tudo se saiba....

— Mas diga-me, Bernardo, v.m.: conheceu meu pae ?

« Nada, não conheci.

— Mas sabe quem elle era ?

« Tambem não, nem perguntei a ninguem por isso, porque não era da minha competencia.

— Mas eu já sei que elle morreu...

« Morreria; mas que eu saiba não. Quem pode dizer-lhe tudo é cá o snr. padre, que sabe a vida da snr.^a condessa desde que v. exc.^a nasceu.

— Desde que eu nasci ?

« Pois então ! O menino creio que está aqui desde que nasceu, ou pelo menos quem tem tractado sempre da sua educação é cá o snr. padre-mestre.

— Mas eu ainda ha pouco tempo que sei que tenho mãe...

« Isso não admira, porque sua mãesinha esteve oito annos fechada sem ver sol nem lua...

— Porque ?

« Em quanto a mim é porque disseram ao sr. conde que a snr.^a condessa tinha um filho... Isto é, eu não affirmo, mas parece-me que sua mãesinha uma vez, estando em delirio, disse uma coisa que era isto, ou que se parecia com isto...

Neste momento, contra os meus desejos, appareceu o padre. Pedi a Bernardo que não dissesse o que me tinha dito.

O padre tractou-o affavelmente; louvou-lhe o

cuidado de vir ver-me, e eu instei-lhe ternamente que viesse todos os dias se pudesse.

VI.

Eu era verdadeiramente amigo deste Bernardo, que vinha fallar-me de minha mãe, uma vez em cada semana; mas em vão eu tentava a sua prudencia, pedindo-lhe circumstancias mais claras do passado da sua ama, da sua sancta, como elle a intitulava.

Padre Diniz tinha-o talvez prevenido, impondo-lhe o silencio por condição, sem o qual não lhe permittiria fallar comigo.

Uma vez — era em Agosto de 1832 — justamente no dia em que eu fazia 15 annos, appareceu Bernardo, a suar por todos os poros, e a rir por todas as feições, e a abraçar-me com toda a vehemencia de uma alegria expansiva.

O que elle me queria dizer parecia que não lhe passava da garganta. O homem ria e chorava, e era todo elle uma vibração de contentamento!

— Que é isso, Bernardo, diga-me por que está tão alegre!

« Deixe-me abraçá-lo, que é um abraço que lhe manda sua mãe...

— Pois fallou com minha mãe? Ella quer vê-me? Já não está fechada no quarto?

« Está no quarto, mas é por que está ainda do-

ente ; não quer expôr-se ao ar por que deseja viver agora...

— Pois que é?... diga, Bernardo... o tal homem leve pena della ?

« O tal homem... qual pena nem meia pena... Aquillo não é bichinho dessas cousas... É por que o snr. dom Miguel foi para o Minho, e quiz que o conde o acompanhasse.

— Que felicidade !... E não tornará tão cedo ?

« Quem sabe !... Anda pr'a lá a guerra dos malhados com os realistas, e se viesse uma bala... Deus me perdôe... que o partisse... Olhe que se não perdia nenhum macho de cem moedas... Má raios...

— Mas olhe, eu agora posso ir sem medo a casa de minha mãe?... Ella mandou-me ir?... Eu vou dizer ao padre que vou... sim ?

« Tenha lá mão, fidalgo, por ora não vae a cousa assim. Sua mãesinha mandou-me procurar á casa onde eu estava, e apenas me disseram que ella me chamava outra vez para escudeiro, aquillo foi um fogo visto, corri a quatro pés ao quarto da minha santa condessa, e pouco me faltou para me pôr de joelhos a agradecer-lhe o lembrar-se do pobre velho, que aposto eu se ha pae que ame uma filha mais do que eu a ella, e depois della o meu querido fidalguinho, que ha-de ainda ser muito feliz, e muito amigo do seu Bernardo, não hade ?

— Heide, heide ; mas... minha mãe... eu

queria vel-a... Se lá não está o homem que alerra a gente com os olhos...

— Ha-de ir, sim, senhor; mas deixe-me agora fallar primeiro com sua mãe, por que o conde ainda hontem partiu, e quem sabe se lhe dá algum ataque de bexiga, que o faz tornar para traz? Com prudencia tudo se fará... Adeus, meu menino, dê este recado ao senhor padre Diniz da minha parte, e diga-lhe que as cousas correm ás mil maravilhas, ponto é que o diabo tome debaixo da sua protecção aquelle algoz da sua mãesinha, e meu, por que, a fallar a verdade, ainda lhe não disse a v. exc.^a que aquelle malvado dava-me bofelão e pontapé de crear bicho, só por que eu estava sempre prompto a soccorrer a senhora condessa! Má raios o partam, Deus me perdôe... Então, adeusinho. Eu cá tornarei breve; haja gaudio, e viva o snr. D. Pedro que teve a habilidade de fazer sahir de cá o snr. D. Miguel, e o snr. conde, que, se não é isto, nem o diabo o tirava de casa. —

Bernardo retirou-se murmurando uma ladainha de pragas ao conde.

Eu, tão alegre como elle, corri ao quarto do padre, e dando-lhe a nova que deveria, em quanto a mim alegral-o, quasi lhe não fiz impressão nenhuma.

Eu não comprehendí então que ha no homem uma paixão que, em certos caracteres, absorve as emoções de todos os outros sentimentos; a politica!

A sahida do snr. D. Miguel, pela causa que o fizera sahir, obrigava o padre a profundas meditações. A minha alegria não podia distrahir-o, ou elle, propheta do meu destino, viu n'um rapido lance d'olhos que o horisonte da minha felicidade não se aclarava mais com a sahida do conde.

Fosse o que fosse, padre Diniz disse-me que esperava as ordens de minha mãe, e acrescentou que nunca me deixasse deslumbrar cegamente por uma esperança, que só tinha em si, como verdade, os nossos bons desejos. E, com esta sentença, mandou-me retirar, por que tinha que fazer, e que pensar.

Retirei-me triste. O homem desgraçado duvida tanto das lisonjas da esperança, que, se não encontra amigos que o ajudem a phantasiar formosas realidades, descoroço das suas previsões, descrê de si, e recabe no seu habitual desalento.

Aos quinze annos podem sentir-se estas peripeccas, como se sentem aos trinta; por que no primeiro acto da vida ha um doloroso presentimento, que nos faz de antecipação amargar o travo do desenlace desse drama de lagrimas.

Procurei D. Antonia, e achei-a chorando, por que as novidades politicas impressionaram-na como a um grande estadista. Pedi-lhe a razão das suas amarguras, e a boa senhora redobrou de pranto, proferindo, entre soluços, uma tal ou qual profecia do abatimento em que ella teria de vêr a reli-

gião, se Deus, por sua misericórdia infinita, a não chamasse a si.

E eu hoje, recordando-me do que então lhe ouvi, confesso que as tristes reflexões de D. Antonia são as unicas admissiveis que podem tolerar-se a uma senhora, interessada na sorte dos partidos. E não darei uma ampla explicação deste meu juízo, por que não escrevo para uma geração remota, e esta, que me lê, de certo não quereria accreditar-me, quando podesse comprehender-me.

No dia seguinte, Bernardo entregou uma carta a padre Diniz, e, na tarde desse mesmo dia, recebi a boa nova de que veria, á noite, minha mãe em sua propria casa.

Doudejei d'alegria; mas não sei fazer entender aos outros como era aquelle meu contentamento! Parece que o meu sorriso era violento. Faltava em mim uma certa expansão intima e luminosa de que me fallam os felizes da terra, e que eu não experimentei até aos 35 annos, nem já agora tenho a louca vaidade de esperar.

As 9 horas da noite estavamos, eu e o mestre, sentados no banco de pedra fronteiro á casa do conde de Santa Barbara.

Pouco depois, Bernardo conduziu-nos por um portal de quinta, e fez-nos entrar por uma cocheira onde vi segas desmantelladas, arreios, e um não sei que de ruinas, que fallavam de uma passada grandeza.

Subimos d'ahi a um corredor, que nos conduziu a um salão. Neste vasto recinto havia um lam-pião, que derramava pelas paredes pardacentas som-bras fantasticas, á maneira de vultos encapotados, que davam ao logar uma solemnidade mysteriosa.

Bernardo mandou-nos sentar, e sahiu.

Padre Diniz, apenas sentado, continuou no seu intimo recolhimento espiritual. A politica, era precisamente a politica, que paralisava aquella intelli-gencia, desviando-lhe os olhos do grande quadro que os meus contemplavam.

Reparei que nas paredes estavam quadros pen-dentes: aproximei-me, e apenas devisei traços de vultos humanos.

Não pude callar a curiosidade, e perguntei ao padre que quadros eram aquelles.

« São retratos » respondeu elle, sem levantar a cabeça da postura meditativa em que a tinha.

Contei os retratos e vi que eram seis. Tornei a examinal-os um a um, e não pude penetrar além do vulto.

Um, porém, prendia-me a attenção mais que os outros, por isso que o bruxulear da lampada pro-jectava ás vezes um relampago fugilivo por sobre a escuridade da muldura.

E nesse instantaneo clarão sobresahiam feições, e essas feições pareciam-me de mulher, e essa mu-lher queria eu por força que fosse minha mãe.

E, dando á voz toda a inflexão do carinho, per-

guntei ao padre se aquelle retrato era de minha mãe.

« E' — respondeu elle, e atou de novo o fio da sua meditação quebrado um instante por aquella letra, que eu tanto lhe agradei.

Tornava eu para a minha deliciosa investigação, quando Bernardo nos chamou.

O padre seguiu-o, e eu, conduzido pela mão, entrei no quarto de minha mãe.

Estava ella deitada n'um canapé com um tremó á cabeceira, e o cotovello esquerdo apoiado sobre o tremó.

A luz, que lhe alumiaava o rosto era tão escassa que eu mal a distingui, quando entrei.

Minha mãe apertou a mão do padre, e susteve-se nella querendo sentar-se; e não podendo conseguir-o, sosinha, disse-me que lhe amparasse a cintura para poder erguer-se.

E, depois que se sentara, ficou abraçada em mim, com a face pousada sobre o meu hombro.

Senti-lhe as pulsações veloses do coração, e a lavareda em que parecia abrasar-se-lhe o rosto. De instante a instante, humedecia os beiços n'um copo de agua, que eu sustinha na mão direita.

De improviso rebentaram-me as lagrimas dos olhos. Eu conheci então uma agonia tão abafada na alma, que de certo devera succumbir-lhe, se a dor não tivesse esta providencial respiração das lagrimas.

« Que tens, meu querido filho? » murmurava

minha mãe, limpando-me a face com o seu lenço. — Que tens? Não podes estar aqui feliz ao pé de tua mãe? Coitadinho! Como vaes tão depressa provando o teu manjar de toda a vida!... São as lagrimas precursoras... »

Estas ultimas palavras disse-as minha mãe a padre Diniz, que nos contemplava com as mãos enlaçadas sobre o peito, e procurando nas sombras, talvez esconder o testemunho de sua lagrimas.

« Joãozinho — disse o padre — falle com sua mãe... diga-lhe que tem soffrido muito com ella... Não tenha só eloquencia de filho quando falla comigo... mostre a sua mãe, que é um homem perfeito em soffrimento...

— Não preciso que elle m'o diga, eu bem o sei... — atalhou minha mãe. — Eu bem o sei, por que elle é meu filho, e já está senhor da herança... de uma alma, que subindo ao ceo, devia deixar na deste menino as dores, que são da terra... Joãozinho... tens quinze annos... não deves chorar como creança... Conversa comigo... sim?

E eu sorri-me, com violencia: mas não sei que dominação moral exerceram sobre mim, naquelle instante, os meus quinze annos! Olhei, com altivez, sobre as minhas lagrimas, e parece que representei em mim a creança que devera ser um homem ao pé d'uma mulher que pedia protecção!...

Eu não choro, minha mãe... chorei um momento, mas ninguem pode dizer ao coração que o chorar é uma vargonha — não é assim?

E minha mãe respondeu-me com um beijo, e logo, encarando o padre, sorriu-se com um ar de espontanea alegria, que eu nunca lhe tinha visto.

— E não foi bem romantica a resposta, sr. padre Diniz? disse ella.

« Eu já não me admiro » — respondeu o padre.

— Não lhe pareceu ouvil-o... diga... não eram assim as suas respostas?

« As respostas de quem? — perguntei eu.

« Digo? » interpellou minha mãe, com os olhos fixos no padre.

— Por que não! — respondeu elle.

« Queres saber — tornou minha mãe — com quem te pareces nas tuas respostas, meu filho? Não adivinhas, sem que t'o digam? Não te falta na vida um ente, que deixando-te no mundo, bavia deixar-te de si alguma lembrança?

« Meu pae?! » — exclamei eu, com energia e commoção.

— Sim, sim, sim, teu pae, — bradou minha mãe, apertando-me freneticamente ao seio, e estremecendo toda ella na convulsão de uma febre.

Esta situação, demorada de mais para o seu debilitamento, prostrou-a, obrigando-a a deitar-se, sem me largar a face da posição em que a tinha.

O padre, pensando que eu, assim reclinado sobre a face d'ella, devia incommodal-a, quiz desenlacar-me, e não pôde conseguil-o.

Minha mãe não chorava, Arida nas faces, e

abrasada nos labios, parece que um volcão intimo lhe queimara aquella parte do coração, onde o anjo dos allivios deve ter depositado o pranto.

Esta penosa situação, para todos nós, durou assim alguns minutos.

O desalento de minha mãe sobresaltou-me muito. O padre, por que sabia que doença era a d'ella, não deu signal de perturbar-se, e ajudou a sustentar o collo da pobre senhora n'uma altura, em que a respiração lhe fosse menos penosa.

As faces passaram-lhe de um palido cadaverico ao vivo rosado de uma saude vigorosa; mas aquella escarlate, destacando-se no rosto como duas romans, carregava o azul-escuro das sombras, que lhes desciam das orbitas. E, depois, minha mãe, estremecendo, e levando a mão ao seio, como se o coração estremecesse com ella, denunciou por gestos que tinha alli uma grande dôr.

Sentou-se, sem precisar do nosso auxilio; pousou a testa na mão esquerda; comprimiu o coração com a direita, e esteve alguns minutos nesta postura, que eu e o padre contemplavamos sem dizer uma palavra.

Por fim, atacou-a uma tosse para a qual pareciam extincas as forças de minha mãe. Que ella era dolorosa e violenta denunciavam-no as contorções do corpo, e o sangue que lhe soltava as golfadas sobre um lenço, que minha mãe collava á bocca, como se quizesse esconder-nos aquelles indicios de uma vida a extinguir-se.

Beparando na minha inquietação, a desgraçada, como a luz que bruxulea nos seus ultimos clarões, sorria-se com a graça de um anjo, e com alegria de martyr.

« Não é nada, meu filho! — dizia ella. — Vive-se assim muitos annos, quando se tem um grande espirito para soffrer. Deixa morrer o corpo, meu filho, que a alma é immortal, como o amor de mãe. Terás de viver longe de mim pela vida, mas has de entrar no meu seio pela morte. As nossas desgraças devem terminar aqui... Do tumulo para dentro não está uana pouca de cinza fria: lá é que principia a vida dos que se sentiram viver no inferno variado de mil tormentos.. neste inferno do mundo, em que a esperança da morte é o paraíso dos infelizes... Não é isto assim, snr. padre Diniz? »

— Falla como inspirada, senhora condessa — respondeu o padre, — e não pode assim fallar-se sem presentir o premio que Deus promette aos que choram...

« Ai! — murmurou minha mãe — aos que choram!... E que lagrimas, snr. padre Diniz! e com que resignação!... Sempre é muito forte a mulher quando lucha com os padecimentos! O que eu tenho soffrido ha doze annos, aqui, neste quarto, com aquella porta fechada, com aquella janella pregada, com esta lampada accesa de noite e de dia!... Tantas vezes ajoelhei pedindo ao Senhor o fim dos meus trabalhos!... E não era vã a minha oração... O que Deus me dava era coragem para futuros martyrios;

era resignação para esquecer-me dos passados... mas esperanças... no mundo... nenhuma, meu filho, nenhuma o Senhor me dava, nem mesmo a de encontrar-te um dia... E, com tudo, aqui estás tu nos meus braços!... não és tu meu filho?...

— Sim, sim, minha querida mãe... —

« Pois que mais quero eu? Fui ouvida, fui atendida por Deus!... Na hora das supremas angustias, antes de cerrar as palpebras para sempre, quiz Deus que eu te visse! Agora... que meus olhos se fechem, por que não tenho mais que ver, nem o coração tem outros sonhos, que devam realizar-se aqui... Um sinto eu, acordada, e dormindo... um sonho, mais que um sonho, uma anciedade do infinito, em cujo seio devo encontrar o anjo da minha mocidade, das minhas alegrias, e dos meus tormentos... Queres tu vê-lo também, meu caro filho, queres um dia ver o meu anjo, o thescuro de tua mãe, a estrella que lhe deu a luz na infancia, que lhe mostrou o ceu na terra, e que um dia se escondeu aos meus olhos, por que fôra alumiar o sacramento do Altissimo? Queres vê-lo, sabes quem é?

— Quem é, minha mãe?... quem é? —

« Quem é? — perguntas tu... É uma saudade, é uma imagem que se não palpa, e eu sinto-a vibrar-me em todo o corpo como sinto os teus labios nos meus... É uma imagem, que me não falla a linguagem dos homens, e eu ouço-a de noite e de dia... ouço-lhe um hymno de felicidade, quando eu choro... e deixo de chorar, por que esta alegria do

meu anjo é um grito de coragem ao meu espirito que desfallece. Ainda não sabes quem é o anjo de tua mãe? »

E eu ouvi-lhe aquellas palavras quasi inintelligíveis pela expressão e pela idéa. Eram novas para mim aquellas pinturas, que eu não tivera tempo de encontrar nos livros onde se acham escriptas as historias das paixões, nos romances onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado por nenhuma. E, depois, minha mãe parecia fallar n'um mundo que não era este. O seu rosto irradiava uma candura angelica e uma electricidade indisivel, que pareciam tornal-a superior a si mesma. Hoje é que eu vejo a menor linha de transfiguração daquelle rosto, onde a morte se ostentava tão bella, como se a aproximação do tumulo, a ultima quadra da vida, fosse tambem a primeira de uma nova innocencia, com todas as suas alegrias!

E minha mãe repetiu a sua pergunta :

« Não sabes quem é o anjo de tua mãe ? »

E voltando-se para o padre, continuou :

« Parece que o coração devia adivinhar-lh'o, não é verdade, sr. padre. Diniz ? »

O padre olhou para mim sorrindo-se, e encolhendo os hombros, como se pedisse a minha mãe desculpa de minha pouca penetração. Mas por uma intuição que não sei explicar, lembrou-me de repente que o anjo das alegrias e das sandades de minha mãe era meu pae. Machinalmente proferi esta palavra, com aquella intimativa de quem, na

duvida de adivinhar uma pergunta enigmatica, balbucia uma resposta incerta. E minha mãe, enlevada n'um arrobamento de jubilo, abraçou-me impetuosamente. Parecia agradecer-me o desafio que eu lhe dera, pronunciando um nome, que o pejo lhe abafava no coração.

Padre Diniz, organização nervosa e entusiasmada pelo sublime, achou n'aquelle abraço incentivo para uma destas emoções, que electrizam o sangue, e fazem saltar as lagrimas.

« Foi a natureza — dizia-me minha mãe — que te ensinou esse nome?... Quem te disse a ti, meu filho, que o anjo das minhas saudades devia ser teu pae ?

— Ninguem me disse que elle era um anjo — respondi eu — mas já eu sabia que minha mãe...

« Diz, diz, Joãozinho...

— Que minha mãe soffria muito por minha causa, e que a pessoa que a fazia soffrer não era meu pae...

« Não, não! — exclamou ella com vehemencia — Graças a Deus que não é teu pae o meu algoz... Não podia sel-o... Oh! eu te amaldiçoaria se fosses filho d'um monstro... Não me recordem esse homem, que lhe vejo a sombra, e a sombra desse ligre tem garras que despedaçam o coração...! Não posso accordar do pesadello agonizante a que esse habaro habituou a minha existencia! Custa-me a persuadir-me que elle não está aqui, espreitando as minhas palavras, o meu gesto mais innocente,

o meu pensamento mais occulto ! E eu não podia pronunciar uma palavra que não fosse uma provocação aos odios sanguinarios do meu carcereiro ! Escandalisava-o o meu silencio, quando pedia a Deus que me desse alentos. Escandalisavam-no as minhas palavras, quando lhe pedia a elle perdão de crimes, que eu não tinha ! Que inferno, meu querido filho, que inferno tem sido esta lenta agonia de tua pobre mãe !... Oh ! por Deos te pesso, não te lembres de que entre mim e ti está esse homem, que partiu para longe, mas que deixou o seu fantasma pavoroso a vigiar-nos... »

Minha mãe tinha subido a um grau de excitação, que fazia dó e receio. Padre Diniz interrompeu-a, distraindo-lhe a attenção para um objecto que elle suppunha distrahir-lh'a.

Fallou na sahida imprevista do snr. D. Miguel, no desembarque do snr. D. Pedro, nas consequencias destes dous acontecimentos, e no futuro de Portugal. Penso que era isto, porque não attendo á exposição do padre, e penso mesmo que minha mãe lhe acenava com a cabeça, em ar de intelligencia, simplesmente por urbanidade.

Todavia a febre de minha mãe serenava vesivelmente, como se uma carinhosa esperança lhe suscitasse a conversação do padre.

Ao toque de uma campainha, appareceu Bernardo.

E minha mãe perguntou-lhe se tinha ouvido

dizer alguma cousa. Bernardo respondeu negativamente, e sahiu.

A timida senhora explicou-nos, da seguinte maneira, este seu temor:

« Aqui, nesta casa que chamam minha, sou eu quem dá explicação da sua vida aos criados, e estes receberam do conde de Santa Barbara o direito de não so espreitarem, mas até pedirem a sua mulher explicação dos actos da sua vida. Entre as creadas ha uma especialmente que vive aqui como senhora absoluta, porque meu marido não precisou da benção matrimonial para conferir-lhe a soberania de rainha. Julguei algum tempo que me convinha ser amiga adulatora, e até escrava desta mulher. Cuidei que merecendo-lhe o seu amor ou a sua piedade desarmaria as coleras de meu marido.

« Enganei-me. O sacrificio que fiz da minha dignidade fez que eu fosse de então em diante mais ultrajada por ella, e mais escarnecida por elle. O O snr. conde sahiu, e a sua valida retirou-se aos seus dominios ..

— Ah! — interrompeu o padre — ella sahiu d'aqui?

« Retirou-se aos seus dominios... quero dizer... fechou-se em metade desta casa, serve-se com as suas creadas, que muita gente dirá que são minhas, creio mesmo que recebe as suas visitas, e de vez em quando pergunta o que faz D. Angela de Lima, como ella me chama, para me não dar parte no titulo do seu conde de Santa Barbara. E foi com

medo desta mulher que eu chamei Bernardo, por que, se elle me dissesse que a « minha ama » suspeitava da existencia de v. s.^a aqui, eu teria de ir curvar-me humilde aos pés della, pedindo-lhe que me não denunciasse ao seu amante, que tem sobre mim direitos de marido.

Com quanto eu não comprehendesse logo toda a idea occulta desta ironica humildade de minha mãe, entendi o que bastava para nutrir um odio, não de criança, um odio profundo á mulher de quem se fallava. Sem pesar antecipadamente o valor de minhas ideas, disse eu a minha mãe:

— Essa mulher tem aqui alguma cousa ?

« Tem tudo, meu filho; tem um poder de senhora.

— E minha mãe ?

« Eu tenho a humildade de creada... pois não vês que medo eu tenho de que ella saiba que eu estou aqui contigo, e com o teu mestre ?

— Mas essa mulher deve ser castigada.

« Quem a castigará ? Deus... não é verdade ?

— Deus castiga, penso eu, no outro mundo; mas neste mundo tambem ha castigos.

« Então que queres, meu filhe... eu não posso castigar-a, porque ella é mais forte, e tem um homem á sua disposição.

— Que homem ?

« O conde de Santa Barbara.

— Mas para esse — disse eu energicamente — para esse tem minha mãe um filho.

« Pois queres defender tua mãe, meu anjo ?
Minha mãe sorria e chorava fazendo-me esta
pergunta; e padre Diniz olhava o meu desembaraço
com pasmo.

A' pergunta que ella me fez ja eu não pude
responder com a mesma resolução. O olhar do
padre entibiou-me a coragem. Pensei que lhe desa-
gradavam esses meus brios de homem, talvez por
mal cabidos n'um rapaz de quinze annos ! Respondi
a minha mãe com um sorriso, e um gesto. Ambos
me comprehenderam, e notei que padre Diniz, a
meia voz lembrava a minha mãe a inconveniencia
de provocar-me n'uma idade irreflectida. Conjecturei
isto da resposta de minha mãe :

« Deus me livre dessa tentação ; mas não vê aqui
o filho desse homem tão nobre como pundonoroso ?

« E não será uma consolação morrer resignada
nas mãos d'um carrasco, quando se não morre
abandonado de todo o mundo, quando se não morre
sem um filho que dê valor ao sangue innocente de
sua mãe ? !

VII.

A condessa passava do abatimento á exaltação
com admiravel rapidez. O rubor febril das faces
mudava-se-lhe em palidez repentina, apenas o silen-
cio succedia á energia da palavra. E então via-se-
lhe o cansasso no latejar do seio, e na lassidão da

palpebras, que desciam amortecidas sobre as pupilas vidradas de lagrimas.

Eu cuidava que chamar-lhe «mãe» era restituir-lhe o vigor perdido. Algumas vezes esta palavra fazia estremecel-a, e abrir de repente os bellos olhos, onde a luz da alegria era um relampago, que eu não podia com os meus carinhos fazer durar alguns minutos. No seu sorriso para mim, e para as minhas estereis palavras de conforto, traduzia-se a violencia, e o corajoso esforço da felicidade contrafeita.

No mundo é que eu aprendi a decifrar as amarguras nos sorrisos. Eu não sabia então que minha mãe era mais felíz quando chorava, que quando ria.

Padre Diniz era pouco fallador; mas cada palavra sua era uma consolação, que tinha em si um preceito evangelico, e um conselho de extremoso amigo.

Nas mais demoradas syncopes de minha mãe eu pedia ao padre que a consolasse, e aliviasse daquelle peso. Não me respondia, e o seu silencio de então é hoje bem eloquente para mim. O homem de cincoenta annos tivera demasiado tempo de saber, que o coração, devorado no intimo por agonias insauaveis, é como o sepulcro, insensivel ás lagrimas da mãe, que lhe pede o filho; e como a dor que mata, superior á lucta desigual com as debeis forças da palavra confortadora.

Minha mãe, depois de olhar-me com uma at-

tenção penetrante, e vacillar n'uma irresolução que parecia affligil-a, disse a padre Diniz com voz suffocante:

« O meu filho não poderia viver comigo algum tempo, alguns dias, aqui? »

O coração saltou-me no peito. Olhei para o padre, com gesto não menos supplicante que a voz de minha mãe. A alegria que transpirava dos meus gestos anciosos fez sorrir o padre, e irradiou-se na face de minha mãe.

« Viver seu filho com v. ex.^a... — disse o mestre — não me parece isso um acerto... Não acaba a snr.^a condessa de pintar-me a vigilante espionagem em que estão os seus actos? »

— Tem razão... — murmurou minha mãe, pendeu a cabeça para o seio, e chorou.

« Mas o Bernardo — exclamei eu — não é bastante para esconder-me dos nossos inimigos? Eu pesso-lhe, sim, minha mãe? »

— Como hasde tu pedir-lhe, meu querido filho?

« Digo-lhe que me deixe aqui estar de noite, quando as creadas estiverem recolhidas; e de dia esconde-me debaixo da sua cama. »

O padre e minha mãe sorriram-se; mas o abalo, que a desgraçada reflexão do padre lhe causou, fazia dó. A infeliz fora ferida no seu orgulho. A revelação, que elle nos fez do medo que tinha á sua creada, não lhe foi decerto tão pungente como a observação com que o padre respondeu á sua doce esperança de possuir-me. Foi o mesmo que di-

zer-lhe: « nada podes em tua casa, por que está ahí uma mulher, que tomastes como tua creada, e que teu marido revestiu de plenos poderes sobre os desejos mais santos de teu coração. Suffoca pois as expansões de tua alma, por que o amor que tens a teu filho não deve vencer o medo que tens a tua creada. »

E não ha affronta mais vilipendiosa a uma alma nobre!

Padre Diniz, reconhecendo a sua cruel sinceridade, procurou sarar a chaga que só a morte podia cicatrizar.

— O menino lembrou bem — disse elle. — Com o auxilio de Bernardo é talvez muito facil não ser percebido aqui, e v. ex.^a bem sabe, sabe melhor que eu, os graves infortunios que podem seguir se a uma accusação desta ordem feita a seu marido...

« Sei, sei — balbuciou ella.

— E com uma tal creada não é para admirar que no proximo correio o conde de Sancta Barbara receba uma carta da sua... creada, em que sua esposa é accusada de ter de portas a dentro...

« Não diga mais » — interrompeu minha mãe afflicta — « Eu sei todas as consequencias... e a mais funesta é de todas a que eu mais appetço... Por Deus, snr. padre Diniz, desejo a morte como um agonizante de seda deseja uma gota de agua... Desejo esquecer-me dos meus verdugos, por que espero em Jesus Christo que a minha alma não v

deste mundo com o odio, que neste mundo lhe deram, á força, os malditos a quem meu marido encarrégou o meu supplicio... Deixo meu filho, é verdade, deixo meu filho; mas tambem espero em Deus que o amor, o santo amor de mãe, vá comigo á eternidade continuar-se no amor de Deus... Eu estou tão convencida destas verdades, que a minha fé me dita, que começo a sentir a doçura dos padecimentos na certeza de que hade vir um, e eu hade vencer o, e esse hade ser o ultimo... E, depois, meu caro filho, tu ficarás no mundo com esta herança de fé, que tua mãe te deixa. Se soffreres innocente, hades chegar a beijar a mão, que te ferir de morte, por que... se não fosse a morte... que triste cousa era teres conhecido tua mãe para a perderes tão cedo!

— Snr.^a condessa! — interrompeu o padre —
Essas idéas são justas e sanctas; mas v. ex.^a não pode caminhar voluntariamente ao termo final da sua vida, em quanto Deus lhe der modo de salvar-se da morte. D'ahi ao suicidio não vai grande differença... É certo que seu marido tem má indole, e não se horrorisa diante da crueldade de assassinal-a lentamente; mas v. ex.^a tem a liberdade de fugir desta casa de martyrio, como quem foge á perseguição de um punhal...

« que idéa! — exclamou allucinadamente minha mãe. — Que idéa! — E posso eu fugir daqui sem que o mundo me calunnie, sem ter de enver-

espero em Jesus Christo que a minha mãe...

gonhar-me de algum ultrage, que desvirtue a minha vida de mulher cazada?!

— Pode — respondeu serenamente o padre — pode, por que a justiça de Deus é superior ao juizo dos homens. Que pode o mundo dizer? A condessa de Sancta Barbora deixou seu marido. Porque? Se houver uma bocca perversa que cuspa a infamia no character virtuoso da condessa de Sancta Barbora, a voz da verdade fará calar o calumniador; e eu, homem cujos labios se não deshonraram ainda pela mentira, e que agradeço a Deus a consideração que o mundo me dá, sahirei a publico, entrarei nos salões, fellarei nas praças, e, se fôr preciso, quando o conde de Sancta Barbora ousar assentir aos calumniadores de sua mulher, eu bradarei bem alto: « este homem mente como um vil! »

Minha mãe, exaltada pelo enlevamento magestoso do sacerdote, saltou do canapé, tomou as mãos do padre, e cahiu de joelhos, soluçando palavras inintelligiveis. Nem então, nem hoje posso explicar a força que me fez tambem ajoelhar! Minha mãe, vendo-me ao pé de si, lançou-me o braço esquerdo pelo pescoço, e disse-me com voz balbuciante:

« Chora, comigo, meu filho, aos pés de um homem, que quer salvar tua mãe!... »

O padre fez-nos erguer, e conduziu minha mãe ao canapé. As emoções desla triste grandeza não resistem os characteres ignobeis, quanto mais o de um homem cujos labios não tinham sido deshonrados pela mentira! Padre Diniz tinha a face inun-

dada de lagrimas, que pareciam paralisar-lhe o dom da palavra. Pelos gestos, conhecia-se que o digno ministro de um Deus misericordioso nos queria dizer que a sua missão era aquella, e que o sublime daquelle quadro estava no evangelho e não no interprete, estava em Deus que mandava, e não no homem que obedecia.

« Ainda posso ser muito feliz neste mundo, não é assim sr. padre Diniz? — perguntou minha mãe, com estranha alegria.

— E qual é o christão que não pode ser feliz neste mundo? — disse o padre. O que são as perseguições aqui em baixo nestes tres dias de peregrinação? V. ex.^a pode ser feliz mudando de situação, porque, em verdade, não sei que possa peorar de soffrimentos.

« Pois bem... eu deixo esta casa... mas... »
— E minha mãe nesta hesitação foi comprehendida pelo padre.

— Mas... — acudiu elle — quer um tecto hospitaleiro, onde possa viver com seu filho... não é assim?

« Sim, sim, — exclamou ella como delirante — com meu filho... Não posso aspirar a tanta felicidade... é muito para mim, que tenho sido tão desgraçada... é uma illusão que quero nutrir sem que Deus me diga que posso realisar-a... »

— Pode! — retorquiu o padre com confiança.

« Posso? viver com meu filho? em paz? sem remorsos? sem temores?... posso? »

— Pode, snr.^a condessa. O mestre de seu filho não será indigno de ter como hospeda, como filha, e como irmã sua mãe.

« Oh meu Deus ! »

Minha mãe, nesta exclamação com as mãos erguidas, exprimiu o sentimento que não posso eu descrever. Creio que aquella elevação para o ceu era uma expansão de reconhecimento, porque eu tenho sentido, na minha longa vida de trabalhos, necessidade de agradecer a Deus uma ventura das que eu, habituado a soffrer, já não ousava pedir. E este reconhecimento do infeliz é, por ventura, um grande testemunho a favor dessa mão invisivel que a Providencia dá aos desgraçados que tocam a borda do abysmo.

Neste lance, o silencio era o seu mais sublime complemento. Padre Diniz contemplava minha mãe com uma santa alegria, e parecia que na viva satisfação do rosto se lhe via brilhar a gloria do homem, que pode ao pé de uma innocente desgraçada exclamar :

« Salvei-a ! »

VIII.

E minha mãe, animada pela esperança de melhores dias na terra, parecia reaver o viço das faces, aquelle rosado da saude, que não é o escarlate incendiado da febre, ou a palidez sombreada do mo-

ribundo. Até esse momento, nunca eu lhe vira outro colorido no rosto.

Era, pois, a possibilidade de abandonar aquella casa que a salvara. Não se explicará naturalmente a robustez e o desembaraço, que, tão depressa, tomou o corpo alquebrado de minha mãe! Aquella fronte, alumiada pelo sol da esperança, restaurou a nobre allivez de sua magestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como a tige da flor que uma gota de agua revocou á vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espirito. Regenerara-se, como se as vivazes aspirações da mocidade ressuscitassem do tomulo do seu desalento. Era uma creança a doudejar de alegre, abraçando-me com frenesi, beijando com ternura as mãos do padre, e communicando-nos o seu contentamento como um excesso de vida, que lhe não cabia no coração.

« Se esta esperança fosse uma mentira — dizia ella — eu seria mais desgraçada... »

— Eu não minto, snr.^o condessa — replicou o padre dando á fysionomia um gesto de severidade em que se revelava a firmeza das suas tenções. — Hoje mesmo — continuou elle — se v. ex.^a quer, entrará com seu filho em minha casa, com a mesma liberdade com que entraria na casa de seu pae, se o tivesse.

« Hoje mesmo!... — exclamou minha mãe — Hoje mesmo!... sim... e porque não hade ser hoje mesmo?... Este convite que v. s.^a me faz bem pode ser um aviso de Deus... eu

devo talvez fugir hoje mesmo... O anjo protector de meu filho é o sr. padre Diniz, e talvez seja tambem o meu... Mas... hoje mesmo... que dirão... oh minha querida mãe, inspira-me do ceu!

E uma força superior á minha vontade fez-me dobrar os joelhos aos pés de minha mãe, supplicando-lhe que deixasse aquella casa naquella mesma noite. Padre Diniz fortaleceu os meus rogos, pedindo-lhe que attendesse ao fervor com que eu lhe pedia. Minha mãe, irresoluta um instante, tocou uma campainha. Bernardo appareceu.

« Bernardo — disse ella — posso sahir sem ser vista ?

— Quando v. ex.^a quizer.

« Posso levar comigo um bahu ? »

— Estou eu aqui para leval-o — respondeu Bernardo.

« É aquelle » disse minha mãe, apontando para uma caixa de couro marchetada de amarello.

A minha alegria era como um alvoroço intimo, que me não deixava certificar-me da realidade dequelle bello sonho.

Bernardo sahira com o bahu: minha mãe cobriu-se do mesmo manto, que lhe vira nas duas vezes, que lhe fallára; os seus passos para a porta eram firmes e resolutos; mas, voltando a face machinalmente para o interior do quarto que deixava, fraguearam-lhe os passos, cansou-lhe a coragem, e annuviou-se-lhe o brilho das faces, como se por entre as cortinas do leito lhe acesse uma larva

aterradora. Encostada ao alizar da porta, pousou a cabeça sobre a mão esquerda, e segurou-se com a direita ao braço do padre.

— Então que fraqueza é esta, snr.^a condessa?
— interpellou o padre.

« Sou uma fraca mulher... a desgraça dá cabo do corpo e do espirito... nem para buscar a ventura deixa coragem á infeliz...!

— Que sente, minha mãe? — perguntei eu, beijando-lhe enternecidamente a mão gelada.

« Que sinto, meu filho? Nem eu posso dizer-te... É o peso do meu destino!... É a minha consciencia que me diz que não devo tentar a felicidade, da qual não tenho direito ao menor quinhão...

— Não fale em destino, senhora! — interrompeu o padre. Deixe essa palavra ao povo, e aos ímpios mais ignorantes que o povo. O destino é uma palavra van, é uma negativa ao que Jesus Christo nos diz dos soffrimentos neste mundo, e dos contentamentos no outro...

Em quanto o padre perseguia neste discurso religioso, que não pude reter na memoria, abracei minha mãe pela cintura, e senti-a tremer como n'uma febre intermittente.

O susto obrigou-me a interromper o padre. Pedi a minha mãe que se sentasse, e consegui, ajudado pelo mestre, senta-la no mesmo canapé, donde, ha pouco, a vira levantar-se com tanta energia.

Ahi, a infeliz escondeu o rosto entre as mãos ; e soluçava anciadamente.

Bernardo voltava de collocar o bahu fora do palacio. Minha mãe estremeceu quando sentiu passos estranhos no quarto. O terror habitual da sua vida afinara-lhe o systema nervoso, a ponto de figurar lhe em cada ruido os passos do seu demonio domestico, que se aproximava com o flagello da morte lenta.

« Ah ! és tu?... » exclamou ella.

— Sim, minha senhora ; agora o que resta é saber para onde vae o bahu.

« Para minha casa » respondeu o padre.

— Sim, sim, para nossa casa — accrescentei eu.

« Para nossa casa !... — disse minha mãe, sorrindo ternamente para a minha franqueza.

— Pois é o que se devia ter feito ha muito... — disse Bernardo com aquella chan sinceridade, que tão bem cabe n'um amigo, embora um servo, cuja honra lhe dá fóros de interlucutor nas mais afidalgadas conversações.

Minha mãe surriu-se ainda ao decidido applauso de Bernardo, e, vencendo um esforço que lhe soffreava o coração, ergueu-se outra vez corajosa e animada como ha pouco.

Desta vez não voltou o rosto ao transpor a porta do quarto. Padre Diniz, prevenindo a repetição do acto, tomou-a pelo braço, e parece que a levava por força.

E depois atravessamos silenziosos o salão por onde vieramos: era o salão dos retratos.

Ahi, minha mãe largou o braço do padre, e foi ajoelhar-se diante de um dos seis quadros, cujas feições eu não podera enxergar.

Nem ao menos murmurava a sua oração, se era uma oração o que ella fora alli dizer com a linguagem mystica do espirito.

Pé ante pé, acerquei-me do padre, e perguntei-lhe baixinho, se aquelle painel era a imagem de alguma Nossa Senhora.

Respondeu-me que era a imagem de uma sancta.

Perguntei ainda o nome da sancta.

Respondeu-me que era minha avó, a mãe daquella outra martyr que estava de joelhos.

« E porque não hei-de eu resar tambem? » interoguei eu.

— Ninguem o priva, menino, rese tambem, peça-lhe que leve á presença de Deus as lagrimas de sua mãe.

E eu fui ajoelhar-me ao lado della. Não sei quaes então foram os pensamentos calorosos que a minha innocencia elevou á imagem daquella que vivia em minha mãe pelo espirito de martyrio. Sei que havia eloquencia na minha fé, e esperanza na minha oração, mas se hoje me pedirem uma palavra daquellas, uma lagrima das que então chorei naquelle vehemente fervor, eu terei de pedir primeiro aos homens que me restituam a minha inno-

cência, a minha fé, e o thesouro de virtude que me roubaram

Minha mãe levantou-se, e caminhou com firmeza, mas callada, e recolhida, como se continuasse ainda a sua pratica com os espiritos invisíveis.

Durante o transito do palacio á casa de padre Diniz, minha mãe careceu do nosso amparo, algumas vezes, para não cahir desfallecida. Apenas podemos arrancar-lhe algumas palavras, apesar de todas as diligencias que fizemos por distrabil-a.

Quando entramos no meu quarto, sabia Bernardo de pousar o bahu. Minha mãe fez-lhe signal de acompanhal-a, e disse-lhe:

« Vai para casa, e vem manhã participar-me o menor incidente. Tem cuidado que te não sigam, nem te vejam entrar nesta casa. Queria remunerar-te os teus serviços, meu amigo leal, mas sou pobre como sabes, e se fosse rica seria muito melindrosa em recompensar-te, porque o teu coração é nobre de mais para ser pago com dinheiro. »

Bernardo chorava, e não podia articular os gemidos com que se despediu de nós.

Minha mãe, movida pelos carinhos de D. Antonia, passou a apparentar um socego e contentamento de espirito, que fazia a felicidade de todos nós.

IX.

Não houve algum incidente desagradavel. Minha mãe parecia feliz, e nós procuravamos, com a

nossas conversações alegres, sustental-a n'aquella sua distracção.

Até a uma hora da noite, estivemos juntos no meu quarto. Depois, minha mãe recolheu-se ao de D. Antonia onde fôra preparada a cama.

Quando me alevantei, na manhã do dia seguinte, vi da janella do meu quarto que minha mãe passeava no jardim.

Corri, cheio de alegria, a beijar-lhe a mão, reprehendendo-lhe docemente não lhe ter mandado chamar. Respondeu-me que o somno da manhã era a unica hora feliz do dia para as pessoas pouco venturosas; e não quizera por isso accordar-me. Disse mais que se erguera muito cedo, por que dormira quatro horas um somno seccado, o que não lhe acontecera ha muitos annos; e como não podesse nem precisasse dormir mais, viera, com permissão de D. Antonia, recordar, sosinha, a ventura que Deus lhe concedera n'umas poucas de horas sem que alguma nova desgraça lh'a perturbasse.

Minha mãe fez-me sentar ao pé de si, e inclinou-me a cabeça sobre o seu hombro. Nesta postura, estivemos, alguns minutos, silenciosos.

E mexprimível o goso de minha alma, n'aquelles rapidos instantes.

Eu, e minha mãe, precisavamos d'aquelle recolhimento, daquella mudez, em que o coração parece povoar-se-nos de espiritos celestes, que fallam uma linguagem, que a lingua humana não articula.

E tanto assim é, que, se, naquelle momento,

me perguntassem o que eu sentia, não me fora possível definir com a palavra as vagas imagens que tanto me diziam.

E, como eu então nolasse a insufficiencia das minhas idéas para revelar a expansão de immensa felicidade que me enlevava, lembrei-me se a falta seria de mim, e da minha falta de palavras. E, por isso, pedi a minha mãe que me dissesse o que sentia.

Respondeu-me que não podia.

« Olha, meu filho, eu penso que Deus não concede á palavra a soberania que concede ao espirito. As grandes dores são mudas como os grandes jubilos. Em situações de infinita amargura, cheguei a um estado de não poder gemer. Ajoelhei muitas vezes, sem balbuciar uma palavra queixosa ao Deus da justiça, por que a não tinha. E já hoje ajoelhei aos pés da minha cama, com o coração a trasbordar de alegria, e tambem não tive uma palavra com que agradecesse ao Deus da compaixão os momentos de felicidade que me dá. O que sinto agora, meu caro filho, é um desafogo na alma, uma primavera na vida, um não sei que de felicidade, que só pode comparar-se ao transporte do convalescente, que se levanta de um leito de prolongado soffrimento para respirar o aroma das flores de Abril. Comprehendeste-me, meu filho? »

— Sim, minha mãe — respondi eu. — Comprehendi, por que eu, se pudesse fallar como falla minha mãe, não saberia responder com outras pala-

vas ; mas não somos nós tão felizes ?... não parece que Deus nos está olhando neste momento com tanto amor ? A gente nunca deve suppor-se desgraçada de todo...

« Porque, meu filho ? »

— Por que nós eramos hontem muito infelizes, choravamos muito, e estamos aqui agora abraçados, e tão venturosos, que nem podemos dizer por que somos tão felizes...

« E se o dia de amanhã assim não fôr ? »

— E porque não será ?! A mãe não quer levantar-se manhã como hoje, vir como hoje ao jardim abraçar seu filho... dizer-lhe que hade fazer o mesmo no dia seguinte...

« Ah ! sim, meu filho, eu queria como não pode querer-se mais á vida, ao amor, e à salvação ; mas os designios do Senhor são tão occultos... e o mundo está sempre tão acordado para não deixar adormecer a desgraça no coração de uma mulher infeliz...

— Pois que ha agora a recear ?...

« O meu passado... meu filho... o meu passado... »

Neste momento, vimos Bernardo descer para o jardim. Minha mãe sobresaltou-se, quando o viu, e murmurou com voz tremula :

« Que desgraça virá annunciar-nos ?... »

Bernardo justificava o triste pressentimento de minha mãe : vinha palido, e assustado, como se o perseguissem.

« Que ha Bernardo? » perguntou minha mãe com sobresalto, sahindo-lhe ao caminho.

— Não ha boas cousas, senhora condessa... O demonio está da parte dos maus sempre a tecer contra os bons.

« Pois que é? »

— Que hade ser, minha senhora... Era meia noite e bateu á porta o sr. conde...

« O sr. conde! » exclamou atribuladamente minha pobre mãe.

— É verdade. Eu fiquei sem pinta de sangue, quando lhe ouvi a voz.

Minha mãe transfigurou-se rapidamente perdendo a vivacidade que ha poucas horas principiava a agitar-lhe as feições, d'antes paralisadas pela dôr. E receando ser vista no quintal, onde realmente não podia sê-lo, levantou-se precipitadamente, tomou-me pela mão, e correu a esconder-se no meu quarto.

Bernardo entrou connosco, e em seguida o padre e D. Antonia.

« Ha algum acontecimento? » perguntou o padre.

— Era impossivel que o não houvesse... « respondeu minha mãe, e continuou com um triste sorriso, semelhante a uma ironia ás suas proprias desgraças — « Eu não te disse, meu filho, que o dia d'amanhã não seria como o de hoje?... Enganei-me, por que a desgraça estava outra vez comigo

quando eu suppunha, que ella me daria algumas horas de treguas... »

— « Pois que foi? » interrompeu o mestre, voltando-se para Bernardo.

— Chegou o snr. conde — é o que aconteceu, quando ninguem o esperava — respondeu o creado.

« — Nesse caso — tornou o padre com estranho contentamento — nesse caso, snr.^a condessa, levante as mãos a Deus, e agradeça-lhe não estar em casa para o receber. »

E minha mãe fitou um olhar de profunda reflexão na face do padre, como se aquellas palavras confortadoras tivessem feito em sua alma uma saudavel impressão.

Bernardo {continuou.

« O snr. conde foi direito ao quarto da Eugenia; e encontrando-me n'um corredor onde vim cumprimental-o, disse-me que não era preciso que a snr.^a condessa soubesse da sua vinda. Não respondi nem palavra; mas sentia cá por dentro uma afflicção daquella casta! Em vez de me ir deitar, estive de vigia a vêr o que se passava, porque eu não sabia verdadeiramente o que vinha a ser aquella recommendação de não dizer á snr.^a condessa que tinha chegado o seu marido, tão depressa, sabendo por tanto tempo. Antes de mais nada, descí á cavallariça, e perguntei ao lacaio, se o snr. D. Miguel tinha voltado. Disse-me que não Perguntei-lhe por que tinha vindo o snr. conde, que fora na compa-

nhia do rei, respondeu-me que não sabia, nem se lhe importava saber. Fiquei como d'antes. Descalcei os çapatos, e vim em palmilhas até á porta da sala, onde está a porta do quarto da creada. Esta porta estava aberta, e deixava ouvir tudo o que lá se dizia. Ouvi algumas cousas, que ainda me não esqueceram, por que até as escrevi, para as vir dizer á snr.^a condessa...

« Não, não, Bernardo — interrompeu minha mãe — Não quero saber as conversas de meu marido com a sua creada.

— Mas talvez seja util e necessario saber-as... — disse o padre.

« E o certo é que é muito necessario saber-as — redarguiu Bernardo. V. ex.^a dá licença que eu as conte ?

— Sim, dou, diz tudo, não me poupes o coração ás punhaladas que mais m'o despedassem.

« Pelo contrario — tornou Bernardo — talvez que tudo seja para bem. Foi assim. O snr. conde estava a dizer á creada, que chegando a Santarem tivera muitas saudades della, e conbecera que já não podia viver sem ella ; e por isso se fizera doente, e fora deitar-se dizendo que tinha febre ; e que o snr. B. Miguel, pensando que era verdade a sua doença, lhe dera licença de vir tractar-se a sua casa, e procural-o em Braga depois que estivesse restabelecido. Que tencionava demorar-se alguns dias, e depois tornava a hir, levando a creada em sua companhia, porque não podia viver sem ella. Ora

aqui está o que se passou até ás duas horas, em que me fui deitar, porque se fechou a porta do quarto. »

Olhei para minha mãe, e vi-lhe o semblante prodigiosamente sereno. Esperei ouvir-lhe uma palavra, mas não se abriram seus labios, fechados por um sorriso inexprimivel.

D. Antonia tinha-se benzido duas vezes durante a narrativa de Bernardo. O padre enrugara a testa, como escandalizado pela immoralidade do plano do conde. Eu sentira-me feliz por concluir de tudo aquillo que minha mãe continuava a ser minha mãe, e minha companheira.

« Está dito... — disse Bernardo — o snr. conde levanta-se das 10 para as 11, e eu vou vêr o que acontece agora. »

Com estas palavras, conhecemos todos que o verdadeiro acontecimento devia dar-se quando o conde não encontrasse em casa sua mulher. Não trocamos palavras, mas o silencio, em que Bernardo nos deixou, era o susto em que todos ficavamos.

X.

Quem soffre muito, com raros intervalos de repouso, familiarisa-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes ha uma renuncia do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade de seus esforços por uma sorte melhor.

A dolorosa pratica destas idéas conheci-a na pre-

sença de espirito com que minha mãe ouvira Bernardo, e esperava ainda ouvi-lo, depois que o contive a não achasse em casa.

Reparei muito então, e avalio hoje mais aquelle seu sorrir indecifrável, quando o creado lhe contava os extremos de seu marido pela sua creada.

O amor proprio ferido, o orgulho senhoril aviltado, o desprezo absoluto em que seu marido a tinha, sacrificando a honra de ambos ás saudades de uma creada, estas affrontosas vexações ao coração de minha pobre mãe arrancaram-lhe apenas um sorriso de apparente indifferentismo.

Seria indifferentismo?

Não era, não. Era a resposta mais nobre que uma senhora podia dar. Era a expressão mais leal de um espirito pundonoroso que, mesmo na desgraça, recebe com magestade a extrema das vilanias.

A mulher trivial desencadearia uma troveada de epythetos a seu marido, e á sua ignobil rival. Vomitaria golfadas de maldições sobre o seu algoz, e protestaria vingar-se d'elle, obrigando-o a corar quando visse sua mulher uzurariamente paga de suas infidelidades conjugaes.

Tive muitas vezes, no trabalhoso curso da minha vida, occasião de comparar minha mãe. Cheguei a ser « povo » acreditando na superstição do sangue nobre; mas quem ao depois me desilludia este prestigio eram as mulheres fidalgas que des-

ciam ás iras sordidas e plebeas, se o ciúme lhes ferventava o sangue... azul.

O que, em verdade, conclui de todas estas variantes foi que este planeta, organizado por Deus, e entregue á administração dos homens, não podia cabir em peores mãos.

Mas não vá eu perder-me em abstracções fastidiosas para mim, e para os que me lerem estas pungentes remeniscencias.

Era á tarde, quando Bernardo voltou. Esperavamol-o anciadamente, eu e o padre. Minha mãe essa parecia indifferente, ou pelo menos resignada não sei para que novos tormentos, que de seu marido podiam vir-lhe.

Bernardo contou assim o que presenciara :

« O snr. conde ás 11 horas ergueu-se, e a creada poucos minutos antes veio á cosinha dar ordens para o almoço. Eu fui quem levei o taboleiro, para a antecâmara da moça. O snr. conde sahio do quarto, com ella ao seu lado e parecia muito contente da sua vida. Sentaram-se, e mandaram-me sahir. Ao meio dia tocaram a campainha, e eu fui buscar o taboleiro. Quando me retirava, chamou-me o fidalgo, e perguntou-me se a snr.^a condessa já estava a pé. Respondi que não sabia. Mandou-me saber. Não estava má esta ! Que havia eu de fazer nestas entalás ? Estive um bocado por allí a passar tempo, e lá quando me pareceu fui-lhe dizer que a snr.^a condessa não estava no quarto. Perguntou-me elle onde é que estava ; respondi-

lhe que não sabia. Disse-me que fosse saber o. E vai eu comecei a perguntar aos creados se sabiam onde estava a senhora condessa; respondiam-me que não. Forte novidade! podera responderem-me que sim... Tornei ao senhor conde, e disse-lhe que ninguem sabia dizer onde estava a senhora. E vai elle fita os olhos espantados em mim, e grita como um endiabrado:

« Quem foi que te chamou outra vez para esta casa? Eu não te tinha mandado embora? »

Fiquei atordado com estes gritos, e quasi que me hia engasgando!

« Responde — gritou elle outra vez — quem foi que te chamou para esta casa? »

— Foi a senhora condessa — respondi eu, com todo o desengano.

« E onde está essa mulher? »

— Não sei dizer a v. ex.^a

« Vou-te mandar amarrar, bregeiro, e vergalhar como a um preto, até dizeres onde ella está. » disse elle. Subiram-me cá uns certos fumos á cabeça. Eu sempre fui homem prudente e temente a Deus; mas quando me querem chegar ao forro da camisa, não conheço ninguem. Não pude conter cá a raiva, e sempre lhe fui dizendo, que não seria facil amarrarem-me contra a minha vontade; que, se eu estava naquella casa, era por que a dona da casa me mandára chamar; o mais que o condé podia fazer era mandar-me para a rua, e pagar-me primeiro. O fidalgo poz-se a olhar para o lado como quem pro-

eura com que me atirar á cabeça. O que estava mais á mão era uma cadeira, que de certo viri sobre mim, se a Eugenia lhe não agarrasse no braço, dizendo-lhe palavras ternas. Foi o que me valeu a mim, e não sei se lhe diga, senhora condessa, que não foi mau para elle; por que, favas contadas, elle a dar-me com a cadeira na cabeça, e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha, Deus me perdoe! A criada levou-o pelo braço para o quarto, e fez-me signal de que me escapasse. Não foi preciso segundo. Fiz a troxa, e mandei-me mudar, e não trouxe saudades. Ora aqui está o que eu sei.»

Minha mãe conservou-se na sua admiravel attenção moral, em quanto Bernardo fallou. Eu e o padre algumas vezes sorrimos ás franquezas de Bernardo, que não poderiam, sem a gyria plebea, causar vontade de rir. O padre Diniz offereceu acolhimento em sua casa ao fiel creado; mas nem elle nem minha mãe poderam conseguir que se aproveitasse, visto que não precisavam delle para o trabalho. Aquelle amigo leal chorava quando se despedia de nós; e consolava-se com a esperanza de ser um dia testemunha da nossa felicidade.

Estavamos, por tanto, privados de saber o que se passava em casa do conde de Sancta Barbara. Minha mãe não se mostrava interessada n'isso, a parece que se esforçava por affastar semelhante assumpto das nossas conversações. Eu estimava muita esta simulada serenidade de seu espirito; mas pa-

dre Diniz conhecia melhor que eu o coração humano, quando disse a minha mãe:

« Eu vou sondar por terceiras pessoas o que se passa em sua casa, senhora condessa. Penso que não poderei saber cousa que mais aggrave o seu infortunio; pelo contrario é de crêr que seja a favor da tranquillidade de v. exc.^a tudo o que se tiver passado...»

— A favor da minha tranquillidade!... — interrompeu minha mãe.

« Por certo... Não podemos esperar que o conde de Sancta Barbara se converta n'um bom marido. Eu estou persuadido disto, se é que a Providencia me não desmente com algum milagre. E em quanto Deus não vier directamente intervir nos negocios dos homens, eu penso que a indole de seu marido ha de ser sempre a indole do seu algoz, e perdoe-me v. exc.^a esta maneira de chamar ás cousas pelo seu nome. O que primeiro devemos pedir a Deus é a regeneração desse homem; e se as nossas orações não bastam para conseguirmos tal maravilha, devemos pedir que o desvie para longe d'uma infeliz senhora, que não deve deixar-se morrer, pedindo á justiça divina que a vingue. Um crime menor vai affastar esse homem d'um crime maior. Seu marido, abandonando Lisboa para mais livremente saborear os amores da sua creada, deixa a v. exc.^a uma respiração mais livre, um ar mais puro, e uma sombra de menos a perseguil-a de noite e de dia. O que elle não pode roubar-lhe é a

suprema felicidade que v. exc.^a deve agradecer a Deus, porque é innegavel que o mal é uma planta da terra, e o bem um orvalho do ceu. Embora esse orvalho nem sempre nos converta os espinhos da mortificação em flores de paciencia, devemos agradecer muito ao Altissimo os pequenos beneficios, que bastam para compensar-nos grandes amarguras. V. exc.^a tem um filho, e tem um pae. Este nome quero-o para mim; e se uma infeliz amiga não desdenha que eu a intitule minha querida filha, hade seguir os dictames d'um homem de cabellos brancos. Mulher, que ama seu filho, pode dizer ufantemente que o seu coração está cheio d'amor. Eu não sei que possa desejar-se na terra mais suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão sancto, este reflexo da ternura de Maria Santissima, é o vinculo que prende as delicias dos anjos com as raras alegrias da terra. Que mais quer, senhora condessa? não tem aqui seu filho?

« Tenho, tenho — exclamou minha mãe, abraçando-me com exaltada vehemencia — tenho aqui meu filho, e tenho medo que m'o roubem, tenho medo que Deus o chame para junto de seu pae... Oh senhor padre Diniz! eu sou tão desgraçada, que tremo até de pedir um bem, como se tivesse a certeza de que não tenho direito ás migalhas de felicidade que sobram ás mais pobres mães, e essas pobres mulheres, que apagam com lagrimas a sede de seus filhos. Pois não vê? Acha que esse homem não fará valer toda a sua auctoridade em Lisboa

para vir arrancar-me dos braços desta creança? Não sabe, meu querido pae, que este menino é a innocente causa dos meus padecimentos, ha tantos annos?

— Sei, sei-o de mais!... — respondeu o padre — mas Lisboa não é uma aldeia. V. exc.^a viverá em minha casa, desconhecida, como se, em vez de entrar aqui, se afogasse no Tejo, ou fechas-se sobre si a lousa d'uma sepultura. Quando fosse possivel ser descoberta a sua existencia em casa do pobre mestre de meninos, v. exc.^a acharia nesta pobre casa os meios necessarios para transportar-se com seu filho a duas mil leguas de Lisboa. A benção de Deus não desamparou Agar no deserto. A victima, que foge a um sacrificio de morte que lhe não é necessario para salvar a honra, em toda a parte encontra a mão invisivel da Providencia a ministra-lhe o sustento dos que padecem por amor da justiça. »

Minha mãe, ajoelhando aos pés do sacerdote, regava-lhe com lagrimas as mãos.

XI.

Padre Diniz dedicara-se exclusivamente a consolar a sua filha adoptiva. A sua conversação era quasi sempre o meu futuro. Ninguem, como elle, saberia desenhar tão bellas perspectivas. E não sei que toque de certeza os seus quadros tinham! Minha mãe ouvia-lhe aquellas formosas illusões, e

juraria pelas realidades d'ellas, como se o padre fosse um profeta.

Não seria profeta, mas tinha o dom mais sublime do anjo do conforto. Eu, no abatimento escuro em que hoje me vejo, neste abandono mortal a que votei as mentiras da vida, seguiria por toda a parte um homem, cuja linguagem arrojada em visões estranhas pudesse arrebatá-me o ouvido, já que o espirito não pode tirar dos seus recursos uma illusão momentanea. Eu queria deparar esse homem, para viver alguns annos das bellas chymeras dos seus sonhos, lançar-me fora deste globo em que me vejo cansado n'um gyro de infortunio, e acabar de convencer-me que o fantastico é a cousa unicamente boa deste mundo.

Ora o padre Diniz era um homem de suprema intelligencia, por que recebera do ceu a imaginação creadora. Uma vez, sentados á tarde sob as sombras das faias do quintal, eu e elle e minha mãe tínhamos cahido n'um silencio profundo. Padre Diniz estivera longo tempo embæbecido nas bellas do horisonte, onde o sol, como a lava de um vulcão, parecia espirrar linguas de fogo á superficie das aguas.

Eu, attrahido pela meditação extatica do padre, procurava comprehender os mysterios que seriam vistos por elle na magestade do sol, atufando-se nas ondas.

Minha mãe não olhava para o ceu, nem para a terra: as suas visões eram lá no interior do seu



espírito, onde os nossos olhos não podem penetrar. Com as mãos entrelaçadas, e a cabeça pendida sobre ellas, minha mãe poderia chorar em segredo, se uma lagrima, escorregando-lhe até aos labios, não viesse dizer-nos que um grande peso de infortunio não deixa levantar os olhos para admirar os augustos quadros da criação.

E é assim; por que a desgraça é-me sempre mais intoleravel, quando vejo, fóra de mim, uma bella natureza, serena como a paz, risonha como a alegria, embalsamada como um jardim cultivado por anjos, e sinto, no meu mundo intimo, e vejo, no meu panorama de agonia, a desconsolação do passado, as trevas do presente, e o terror do futuro. Não sei que alegria insultuosa á minha desgraça vejo ahí nessas bellas insensiveis de uma natureza lympida, onde me considero isolado como um raço negro, um proscripto da felicidade!

E, talvez que minha mãe pensasse assim naquelle tempo em que nós contemplavamos o ceu, e ella chorava. Talvez, que aquella alma varonil descesse então aos abysmos de um soffrimento, que deveria ser um exclusivo de maldição para os homens de ferro, que não tivessem o direito de exclamar em lances de desesperação: « Compadece-te de mim, oh Deus, que sou teu filho! » Por que este grito, se não é ouvido nos ceus, é o precursor d'uma blasfemia, que deve ser ouvida nos infernos. Por que essas lagrimas d'uma creatura, que se acha neste mundo a soffrer, neste mundo onde uma força in-

visível a collocou e abandonou... essas lagrimas, conforme vão cahindo n'um chão esteril, apagam desse chão os vestigios da Providencia.

Estavamos, pois, na situação que descrevi, quando padre Diniz, descendo os olhos do ceu, e fixando-os na face meio-escondida de minha mãe fallou assim :

« Esta hora manda recordar ; e a recordação é a vida mais grata aos infelizes. »

— De certo ! — exclamou minha mãe, erguendo de repente a cabeça, e suspirando com desafogo.

« Recordaremos, pois, — continuou o padre, pousando as mãos entrelaçadas sobre o peito. Haverá quinze annos... era assim por uma serena tarde de verão... e lembra-me de um ceu azul, e de um crepusculo saudoso semelhante a este que nos faz reconcentrar, e sentir, e soffrer.

« Além por aquella escada vi descer um homem, que me não conhecia... e eu de relance conhecêra no « grande-mundo. » Fui a meio-caminho recebê-lo e cumprimental-o. Disse-me que, sabendo que eu estava só neste jardim, antes quizera ser aqui recebido, por que tinha a fallar-me de cousas inviolavelmente secretas.

« Mandei-o sentar no banco onde agora está a senhora condessa ; e eu sentei-me neste mesmo banco.

« Devo aqui ceder ao desejo que tenho de a-

juntar os traços da figura deste homem, se a reminiscencia m'os der fielmente.

« Não era alto ; mas era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros , e nestes olhos scintillava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espirito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. Naquelle composto de feições, dir-se-ia que a bocca era o órgão que menos fallava. Por um contraste admiravel, a fisionomia deste homem era ao mesmo tempo severa, absorta, e tristissima. O palido e o descarnado daquelle rosto representaria fielmente a paralytia d'um cadaver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

« Vestia de preto, como em lucto rigoroso ; e notava-se um desalinbo no seu vestido, se bem que de prompto se conhecia que era o desprezo e não o mau gosto que presidia áquelle desarranjo de gravata, de camisa, e até de symetria na abotoadura do casaco.

« Ora eu não pude esquecer-me desta frivola circumstancia que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens, que pretendem distinguir-se na sociedade, seja pelo que fôr.

« Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que elle compõe a gola do seu casaco de modo que não discrepe uma linha do talhe que o alfaiate lhe deu. Ha abí muita frivolidade

de nesse espirito, que se considera tanto mais sublime, quanto pode manter-se direito entre os colleirinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas azas do laço da sua gravata. »

Minha mãe por condescendencia, talvez sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a crytica jocosa de meu mestre. E continuou :

« E, por tanto, se me perguntassem que juizo fazia eu da minha visita, antes de ouvil-o fallar, diria de antemão, como um propheta, aquillo que depois me sahiu tão ao certo com o meu systema de julgar do monge pelo habito.

« Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A senhora condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de saber-lhe o nome: faça de conta que houve uma lenda fantastica, em que o nome do heroe é a palavra menos curiosa do enredo.

Vi que minha mãe empregava dobrada attenção, em quanto o padre continuava :

« Dito o seu nome... inutil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, mettendo os dedos por entre os cabellos, que alirava negligentemente para traz das orelhas. Pediu um copo d'agua, pediu licença de fumar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa porque viera procurar-me. « Devo parecer-lhe um homem extraordinario !... » disse elle. — Por em quanto — respondi eu — não vejo em v. exc.^o mais

nem menos que um homem. — « Muito infeliz... »
acrescentou elle, tomando o copo da agua, e di-
zendo ao creado que o deixasse ficar.

Passados os minutos de descanso, o cavalhei-
ro, com voz pouco firme, porém de um timbre in-
sinuante e simpaticamente melancolico, explicou a
sua vinda da seguinte maneira :

— Antes de fallar, poderia eu mover a com-
paixão de v. s.^a a meu favor, se pudesse chorar.
Não posso... nem jámais poderei. Se eu, ao menos,
poder pintar bem a minha situação, e a de uma in-
feliz menina, que não posso resgatar com o meu
saugue... terei conseguido da sua caridade o que as
lagrimas conseguiriam. »

« Falle, sem reserva. Possua-se de que falla
com um homem disposto a servil-o, como se a nos-
sa amizade fosse de muitos annos, como se v. ex.^a
viesses pedir ao seu mais querido irmão um grande
sacrificio. » — Estas palavras reanimaram-no sensi-
velmente, dando-lhe á expressão uma firmesa de
confiança e intimidade.

« Eu não procurei — disse elle — quem me ap-
presentasse a v. s.^a Não ha difficuldades invenciveis
para uma dôr que não envergonha a pessoa que a
soffre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito,
por que leio no bondoso rosto de v. s.^a a toleran-
cia.

« Sou um filho segundo, e, por tanto, sou um
homem pobre. A lei dos caprichos humanos deser-
dou-me no coração, desde creança, certas inclina-

ções que um homem pobre, um filho segundo, mal pode suffocar, quando está adulto no espirito, e forte na vontade. E já que o filho de um nobre, que não deve a primogenitura a um acaso feliz, é legalmente pobre, parece que a lei, em recompensa, deveria desvelar-se pela sorte desse bastardo de um matrimonio legitimo. E não lhe seria nada penoso o seu disvelo, decretando que o filho segundo de qualquer senhor de vinculos, cujos bens não bastassem á sustentação dos que vierem depois do morgado, fosse conduzido dos braços da parteira a um despejo commum de creanças. A creança cresceria ignorante e ignorada no seu nascimento. Chegada á idade de guardar uns porcos, de alinhavar umas botas, ou de esfregar uma sala, o filho segundo do illustre senhor dos vinculos seria um çapateiro, um creado de servir, um gaiato de praça, e poderia alegremente satisfazer as necessidades da sua condição. Então, sim; a lei seria generosa para o morgado, e generosa para o filho segundo.

« Desculpe-me v. s.^a estas delongas, cujo valor só eu comprehendo, por que não posso desviar a reflexão destas puerilidades, desde que me lançaram em rosto o meu nascimento, como *segundo*, querendo assim convencer-me que não podia aspirar aos nobres estímulos do coração de um *primeiro*.

« Era tarde, quando m'o disseram, senhor padre Diniz.

« Sahi de um collegio aos quatorze annos. Oito annos de um amor celebre desta celebridade, que

não faz ruido no mundo, mas que devora um anno da existencia em cada dia que passa... um amor assim tem sido a minha infancia, a minha adolescencia, e a minha velhice... V. s.^a bem vê que a minha apparencia é a de um homem, que se arrasta nas visinhanças do tumulo, como esses vermes esmagados, que não acham no ar livre, que respiram os vivos, o alimento, e o repouso que tem certo entre os cadaveres.

« Encontrei aos quatorze annos, uma dessa mulheres fatidicas, que trazem no seu primeiro olhar de amor a ventura plena, ou a desgraça absoluta do homem que encaram.

« Era creança como eu, filha segunda como eu, e predestinada, como eu, para o infortunio.

« Não sei dizer-lhe como vivi pelo amor deste anjo. Foi, primeiro, um sonho sem sobresaltos, uma suave embriaguez do coração sem o delirio dos sentidos, um ardentissimo desejo de felicidade, sem calcular o que devia ser a felicidade para nós. Foi, depois, um acanhamento em nossas revelações, um corar sem motivo quando baixavamos os olhos um na presença do outro, quando os levantavamos simultaneamente para o ceu, como a supplicarmos coragem para podermos ao mesmo tempo soltar a palavra tremenda, a expressão comprimida, que devia sellar o contracto que mutuamente faziamos de sermos ambos desgraçados por toda a vida. Foi, por fim, a lucta desabrida do coração com a cabeça, da innocencia com o calculo, da santidade das af-

feições com o demonio das conveniencias sociaes.
« Este é o enredo da minha tragedia, senhor padre Diniz. O que não pode ser contado é aquillo que eu calo, por que não sei como se contam as minhas angustias secretas, nem v. s.^a poderia comprehender-m'as. A serenidade da sua fysionomia assegura-me que eu sou um estrangeiro, que lhe falla uma linguagem sem significação para o sacerdote!, que verte o mel da religião na taça das agonias, cujo travo nunca provou. »

‘ Eu comprehendo-o, senhor. ’

Foram as minhas unicas palavras, e elle continuou :

« No fim de seis annos, este amor abafado pela mão da indigencia... da indigencia... Não lhe parece bem aviltante, bem ignobil, esta palavra, senhor padre Diniz? »

‘ — Nem ignobil, nem aviltante... Acho-a exagerada... Seria talvez melhor dizer — a força das circumstancias... ’

« A palavra mais sincera, senhor, é — indigencia. A mulher, que eu amava, era filha do Marquez de Montezellos, e eu era filho do conde de Alvações. E, com tudo, quer v. exc.^a certificar-se da indigencia destes dous filhos de duas primeiras familias de Portugal? Espero que poderei conseguir-o. »

« No fim de seis annos disse de joelhos a esta mulher, que havia no mundo uma situação sanctificada por Deus, e concedida ás almas que a sociedade não podia desligar. Disse-lhe que fosse mi-

nha esposa, que me deixasse colher as flores, que nossas lagrimas regaram, que me deixasse buscar na sua vida uma protecção, que eu, sosinho, não podia dar-me contra os combates de uma morte prematura.

« Recebeu-me com lagrimas de alegria. Disse-me que já fizera juramento a Deus de pertencer-me em alma e corpo, na vida e na morte. Fallou, como eu nunca a ouvira, contra a prepotencia de uma sociedade, que ousára segredar-lhe as inconveniencias da sua affeição por um homem, filho segundo como ella. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade que a condemnava.

« Compreendi-a.

« No dia immediato pedi ao marquez de Montezellos, que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: « Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar porque eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ella. A esta condição satisfaria v. ex.^a; mas eu só dou minha filha ao homem, que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ella não tenha nunca saudades da opulencia com que foi creada. Minha filha é pobre; v. exc.^a é pobre; e nem eu, nem o conde de Alvações podemos crear para nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros.

« Eu não sei se balbuciei algumas palavras, que ferissem a susceptibilidade do marquez; é certo, porém que me voltou as costas, dizendo-me — « que espaçasse quanto me fosse possível as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de prohibição completa. »

« Senti-me vexado e corrido: envergonhei-me de mim mesmo, e cheguei quasi a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pae de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pae dessa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezível como um villão !

« O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrível. No rico expande-se em pompas que deslumbram os seus inimigos. No pobre respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

« Lembrou-me a vingança sordida, a vingança não direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalheirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os baixos instinctos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha á cara de um pae, que primeiro o envergonhara a elle.

« Esta lucta do orgulho com a deshonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade, e da virtude, meu unico patrimonio.

« Chorei muito, senhor padre Diniz, tanto por mim como por ella. Por ella, coitadinha, que contava as horas, e via soar a ultima do dia, sem que

eu chegasse a consolal-a com uma esperança mentirosa daquellas mil que um homem inventa, quando quer consolar uma mulher, que as decepções não gastaram de todo.

« Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de collegio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguém dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze annos, parece uma fantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnostico. A consumpção rapida e sombria que me fora na infancia o preludio desta morte que hoje sinto matar-me, foi accelerada pelo golpe que recebi da unica mão que podia dar-m'ó. O pae daquelle anjo convertera-se-me n'um espectro torvo, que, nem o reflexo do amor da filha podia desassombrar. Mas este rancor era inoffensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de quem me fazia verter lagrimas tão amargas de desesperança...

« Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantanea... Lembrava-me a America, onde ha muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o genero humano, e donde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir a meu pae, com a idéa da minha pobreza gravada sempre na consciencia, para que

não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrupulo de honra, que resistisse á minha fome de riqueza. Era necessario que a sociedade me indemnizasse do patrimonio, que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapôr á lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas, mais ou menos astuciosas, da deshonra.

« Conheci que esta contrariedade á minha generosa paixão me fizera no espirito um grande estrago. Senti-me corroído pelo cancro da ambição, e perdoei a muitos immoraes cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralisação do mais bem organizado espirito. A imagem dessa innocente menina transparecia luminosa na escuridade dos meus projectos sequiosos de ouro. Como o anjo] da serenidade, parecia-me ouvil-a reprehender-me a lucta de prespectiva ambiciosa em que a minha esperanza se empenhara. A recordação da minha passada independencia, e do indifferentismo, com que via o fausto dos ricos, servia-me de padrão para avaliar a riqueza de virtudes, que minha alma perdera.

« Era chegado o tempo da minha partida, trez mezes depois que fora urbanamente despedido de casa do marquez de Montezellos.

« Os aprestos de viagem não me davam cuida-

do, nem eu poderia tractal-os, sem ser descoberto o meu plano.

« Até á vespora do dia em que devia partir não tivera nem procurara noticia alguma da minha infeliz companheira de infortunio. Passei a maior parte do tempo n'uma quinta de meu irmão, a sete leguas de Lisboa. Quando procurei aquelle refugio, ambicionava morrer na mesma casa, onde vira Angela, na mesma quinta onde este infeliz amor nascera bello e desassombrado, como as flores que lá colhiamos, e que fallavam de nossos amores ainda mais que nós.

« E, de mais, desde muito creança, tivera eu um pressentimento, quando orava ajoelhado diante do jazigo de meus avós, que está na capella da quinta. O pressentimento dizia-me que eu iria muito cedo pousar a face ainda viçosa de infancia sobre as ossadas daquelles que tinham passado no mundo mais felizes que eu. E nunca este abalo profetico me esqueceu. Quando, nas minhas enfermidades, me sentia perigar, pedia que me levassem para a quinta, onde muitas vezes convalesci com um verdadeiro pesar de não succumbir.

« Foi d'ahi que eu escrevi algumas linhas á filha do marquez de Montezellos. Meu proprio irmão, que não sabia as minhas tenções, encarregou-se do bilhete. Era muito pouco o que lhe dizia. Pedia-lhe coragem, e esperança. Pedia-lhe compaixão e lealdade. Pedia-lhe segredo e condescendencia na minha partida.

« Meu irmão foi o portador da resposta. Era também muito simples.

« Consentia que eu partisse, mas impunha-se uma condição que devia cumprir no momento da minha saída : o seu suicidio.

« Lendo este escripto, perturbei-me, e busquei amparar-me nos braços de meu irmão, que me pediu o segredo daquelle escripto.

« Não lh'o confiei. Perguntei-lhe se a vira. Respondeu-me que sim, e no estado em que a vira receava não poder mais vel-a, por que não podia viver-se muito tempo assim.

« As minhas ambições morreram neste momento. A generosa dor do coração venceu os calculos egoistas da cabeça. Rapidamente comprehendí que o meu plano era um crime, e o silencio daquelle infeliz, durante tres mezes, uma violencia que seu pae lhe fazia. Doeu-me o coração, e envergonhei-me de mim proprio, comparando as nossas situações. Ella morria no silencio da sua saudade, violentada pelo pae; eu abandonava-a, buscando espairer livremente as magoas do meu amor infeliz na conquista do ouro. Senti então necessidade de pedir-lhe perdão de joelhos; queria explicar-lhe com razões persuasivas o nobre incentivo que me fazia abandonar a patria, para mais tarde realisar as sanctas esperanças do meu amor. E entenderia ella as minhas razões, se eu lh'as desse? Não lhe seria uma linguagem nova a do homem que vae sterilisar o coração no amor do dinheiro, para de-

pois lh'o offerecer, combatido pela ulcera das mercancias ambiciosas? E, se ella chegasse a comprehender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia grangear para, depois, poder arrematal-a em leilão vergonhoso?

« Estas interrogações que eu fazia á minha consciencia, se as fizesse a qualquer amigo meu dos que proferem todos os dias o epytasio da virtude morta na terra, fal-os-hia naturalmente rir. Que importa á mulher o processo de que te serviste para enriquecer o throno em que a sentaste? — diz uma certa filosofia sordida, que se afadiga em rebaixar a humanidade ao mais raso lamaçal do sensualismo. Importa muito, creio eu; importa muito, quando a mulher, no momento de ser deixada pelo homem que vai merecel-a, ganhando uma posição que só o dinheiro pode dar-lhe, consente a partida desse homem, e impõe-se corajosamente a condicional do suicidio. Ora esta mulher, em vez do throno, quer um tumulo. »

— E seria capaz de cumprir a condição? — perguntei eu.

« Não tenho a certeza, bem sabe v. s.^a que não posso responder-lhe. »

— Essa menina não teve educação religiosa?

« Penso que teve: sua mãe susteve-se, até ao extremo do longo martyrio da sua vida, ajoelhada aos pés da cruz: é impossivel que não tivesse nos braços a sua querida filha. Faz-me essa pergunta,

porque não pode combinar a religião com o suicídio ? »

— É verdade.

« Eu tenho a mesma dificuldade em combinar a extrema desgraça com a resignação religiosa. Penalisa muito não vingar uma só esperança das que o Creador plantou no coração, e que espontaneamente ali nasceram. Uma inclinação virtuosa é contrariada ; as mais innocentes tendencias do espirito são punidas pela mão da sociedade que as sufoca ; é-se desgraçado sem ser-se criminoso. Quer v. s.^a que o espirito, assim calcado e repellido das suas generosas aspirações, possa levantar-se para Deus, e transigir amigavelmente com a dôr ?

— Eu não quero, senhor, mas aconselho os desgraçados que procurem em Deus a consolação que não acham nos homens.

« Não ampliemos esta questão, senhor padre Diniz, que vai muito fora do nosso assumpto. Perdoe-me v. s.^a, mas eu fujo de argumentações religiosas porque sou muito desgraçado. Se fosse feliz, talvez as não evitasse... seria mesmo um crente de convicções, porque não ha nada mais bello que a gratidão, e eu quereria ser reconhecido ao supremo espirito, protector da minha felicidade. Assim, convencido que o mal é todo da terra, e Deus não pode ser mau, não sei pedir a Deus consolações dos males que os homens me fazem... seria approximal-os muito... seria talvez uma oração blasphema... »

— Respeito agora a sua dôr — repliquei eu — mas não respeitarei a sua opinião, quando lhe conhecer mais serenidade de espirito.

O cavalheiro, apoz alguns minutos de rememiscencia do que dissera, continuou:

« Escrevi logo a Angela, dei a carta a meu irmão, pedindo-lhe que me não obrigasse a fazel-o meu intimo confidente do que decorrera nos meus amores com aquella menina. Assegurei á pobre innocentinha, que não daria um passo contra sua vontade. Pedi-lhe que dominasse as minhas acções e os meus pensamentos; que marcasse o meu destino; que suavisasse o meu soffrimento, impondo-me a doce obrigação de soffrer com ella.

« Estas palavras foram o orvalho do ceu na florinha, que as lagrimas de mãe já não podiam reverdecer. Angela era um instrumento do egoismo de seu pae. O marquez de Montezellos conhecia os soffrimentos da filha; mas encarava-os aprasivelmente, reputando-os uma febre passageira, uma crise que devia salvar-a desse amor inconveniente.

« Meu irmão, sem que eu o authorisasse, lembrou ao marquez que não seria prudente estalar com tanta violencia os vinculos innocentes que a mão da infancia atára em dous corações. Pintou-lhe o meu estado não menos perigoso que o de sua filha, e acabou por supplicar-lhe que nos deixasse encontrar algumas vezes, até que a razão operasse lentamente sobre o espirito.

« O marquez recebeu mal as reflexões de meu

irmão, e chegou a irrital-o no seu pundonor, lançando-lhe em rosto que o conde de Alvações representava um triste papel, tomando sobre si uma commissão, que o não honrava nada...

« Mas as cartas de Angela recebi-as sempre; era ainda meu irmão, que, por terceira pessoa, me proporcionava seguros meios de recebê-las. Dizia elle que não queria levar mais adiante a sua vingança...

« Angela, revivendo pela esperança, justificou as presumpções do pai. Suppunha elle que sua filha descoroçoada, se esqueceria; e, esquecida, li-songearia os seus orgulhosos calculos.

« E effectivamente, a apparencia jubilosa de Angela não poderia traduzir-se de outra maneira. Restituída, por tanto, á sua plena liberdade, a pobre creança no coração não calculou os perigos que devia vencer, se a paixão lhe pedisse sacrificios, que ella não reputava *sacrificios*. Esta palavra não tem a mesma significação entre duas mulheres, uma das quaes considera o amor um contracto em que se estipulam reservas, que dão ao corpo um preço infinitamente superior á alma; e outra, que, reconcentrada no espiritalismo das suas affeições, não sabe que os vôos da alma devem ser reprimidos pelas leis do decoro, que versam todas sobre a materia, e não tem nada com o espirito. Esta mulher é innocente; a outra é a que não tem nada a perder, mas inventa diariamente sacrificios novos.

« Angela, sem que eu lhe instasse, permittiu-me entrada em sua casa. Desde o momento que pude a sós com ella enxugar-lhe lagrimas quatro mezes represadas, intitulei-a minha irmã. Conteilhe os meus passados projectos de riqueza, fantasiei-lhe um bello futuro, comprado com ouro, visto que uma terceira pessoa queria fazer um contracto do nosso amor. Não me perdoava tal pensamento, por mais colorido de felicidade, que lh'o apresentasse. Fallava-me na deliciosa existencia que teriamos n'um deserto, ainda que não tivessemos mais alimento que o nosso amor. Voejava por esses mundos infantis, onde eu já não podia acompanhá-la, por que ninguem já poderia despersuadir-me do grande preço do dinheiro applicado ás mais subtis idealidades do coração.

« O que me fazia dobradamente feliz junto della era a esperanza de alcançar um dia em Portugal uma posição, que me dêsse, em nobreza *real*, o que me sobrava em nobreza *imaginaria*. O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do mercieiro, que entra em casa do fidalgo, dóta-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palacio, onde ámanhã mandará insculpir um braço de armas, se essa loucura lhe appetecer.

« Quatro mezes, não interrompidos, em alguma de suas noites, visitei Angela, sem causar suspeitas. Este remanso de felicidade inexprimivel, depois de muitas agonias, não foi perturbado, em

quanto a candura fraternal sancificou as nossas puras entrevistas.

« O anjo da innocencia abandonara-nos, quando a voz impetuosa da paixão fallou mais alto que o timido balbuciar daquelle sereno desejo de um ceu, que a terra não realisa a duas almas, que lh'o pedem, idealmente apaixonadas.

« O anjo da innocencia abandonara-nos; e eu conheci então que o mal é sempre punido pelas suas proprias consequencias, embora tardias.

« N'uma dessas noites, ao dar das duas horas procurava eu, escondido contra o muro do quintal de Angela, o signal que, por um costume inalterado, me animava sempre a subir sem receio.

« Esse signal não apparecia. Demorei-me alguns minutos, conjecturando o que poderia ter acontecido, com os olhos pregados no ponto em que, a cada instante, esperava ver assomar o vulto de Angela.

« Vi, com effeito, levantar-se uma cabeça n'um outro ponto do muro. Estremeci. Vi, ao lado desta, dous vultos a meio corpo: quiz esconder-me; era tarde. Ouvi a detonação de algumas armas de fogo. O relampaguear da escorva cegou-me, e uma nuvem cerrada dos vapores da polvora poz-me os sentidos na perturbação em que tinha o entendimento.

« Senti duas ligeiras dores que augmentavam progressivamente: uma no braço direito e outra no hombro. Vi que estava ferido. Dera uns poucos de passos machinalmente, quando me cercaram pa-

trulhas de policia. Perguntaram-me que estrondo de tiros fôra aquelle n'um becco sem passagem.

« Balbuciei na resposta, e prenderam-me como suspeito.

« Levado ao corpo da guarda, fui interrogado mas ja não pude responder. Tinha perdido muito sangue, senti banhar-se-me o rosto de um suor frio, e perdi completamente os sentidos.

« Esta syncope foi momentanea. O commandante da guarda era um homem delicado, e casualmente filho de um brigadeiro que frequentava a nossa casa. Não foi preciso eu dar-lhe explicações da minha aventura: conheceu o melindre do acontecimento, e acompanhou-me a uma botica para eu ser curado.

« A ferida do braço, procedida de quatro balotes, era de facil cura; mas a bala que me penetrara o hombro, e me fizera estragos no peito, era mortal.

« O meu primeiro impulso, quando cheguei a casa, foi ajoelhar aos pés de meu pai, e de meus irmãos, pedindo-lhes inviolavel segredo daquelle acontecimento. Eu, da minha parte, não disse uma só palavra, que denunciasse o lugar onde fôra ferido e a rasão porque o fora.

« Nos primeiros dias, nenhum medico affiançou a minha vida. Eu tinha a coragem de perguntar se eram mortaes aquelles ferimentos, e a resposta que alcançava de minha familia eram lagrimas.

« O segredo daquelle acontecimento devia mor-

rer comigo. Resisti ás carinhosas perguntas de meu pae, e cheguei a negar a meu irmão a verdade que elle devia suppor sem grande custo. Um e o outro, insinuados pelo medico, não me affligiam com as suas instancias, nem permittiam que alguém de casa me fizesse perguntas.

« Mas eu soffria o que ha de mais horrivel na escala do martyrio. Não eram as dores fisicas, nem o pavor da morte. A sorte de Angela era um segredo que me despedaçava. Custava-me a reprimir nos labios aquelle nome; precisava de proferil-o como um grito de afflicção, como a supplica do moribundo que pede uma gota de agua, como o brado de soccorro á Providencia, quando não ha forças humanas que salvem o desgraçado de um abysmo em que se sente escorregar.

« Era impossivel vencer-me. Chamei meu irmão á cabeceira do leito, pedi-lhe a compaixão que reclama um agonisante. Contei-lhe a scena dos tiros. Atalhei os assomos de colera que o inflamavam, supplicando-lhe prudencia para salvar-mos a infeliz, se fosse ainda tempo. Abri-lhe todo o meu coração: solucei confessando-lhe as minhas culpas, que nem uma paixão violenta poderia absolver-me...

« Ouviu-me com indulgencia, e reanimou-me com palavras unguidas de um sincero amor de irmão. Perguntou-me o que eu queria da sua amizade. Respondi-lhe que se informasse d'Angela, e

a tomasse debaixo da sua protecção, se a encontrasse desamparada.

« Meu irmão revellou-me que, dous dias depois do meu ferimento, fôra elle, já suspeito, a casa do marquez de Montezellos. Achara franca entrada no quarto do marquez, onde fora encontral-o, encostado a uma banca, sobre a qual estava um par de pistollas em postura que designava prevenção. Disse-me que o vira empallidecer, apenas entrara, e fora friamente recebido. Accrescentou que contara ao marquez o acontecimento dos tiros, e nem por isso lhe movera grande curiosidade em querer saber as especialidades do successo. E de tudo isto combinado concluíra elle que eu fora ferido em casa do marquez.

— E Angela? — perguntei eu.

« Angela não a vi, nem perguntei por ella ao pae. Demorei-me alguns minutos, e, quando sahia, perguntei ao guarda portão se a menina sahira a visitas; disse-me que sim, ha dous dias, e não voltara, nem talvez voltaria. Quiz saber promenores, e nada colhi: fallei-lhe n'uns tiros que se ouviram por aquelles sitios, respondeu-me que eram novidade para elle. »

« Fiquei, por tanto, sabendo que Angela não estava em casa. Senti-me arder em febre.

« O dialogo com meu irmão foi interrompido por uma carta, dirigida ao conde de Alvações. O sinete eram as armas do marquez de Montezellos. Meu pae não estava em casa; e meu irmão, sup-

posto usasse daquelle titulo, reconheceu que a carta era dirigida ao pae, e não a elle.

« Mas — reflectiu elie — talvez que esta carta contenha toda esta historia...

— É preciso que o pae a não veja... atalhei eu sobresaltado.

« Mas — replicou meu irmão — é falta de respeito abril-a...

— Bem o sei ; mas eu nunca faltei ao respeito a meu pae : será esta a primeira e ultima vez. Dir-lhe-hei que fui eu, quando venha a saber que o marquez lhe escreveu...

« E freneticamente lancei mão da carta ; abri-a ; quiz lê-la, não pude, porque de subito se me embaciaram os olhos de um veio, que parecia lançado entre mim e a vida.

« Meu irmão foi que leu essa carta... Eil-a aqui... Tenba v. s.^a paciencia para ouvil-a :

« Senhor conde. Os tempos mudaram, e as desafrontas cavalheirosas foram-se com os tempos da honra. Meu avô, se tivesse uma filha, e o pae de v. exc.^a viesse a casa requestar-lh'a contra sua vontade, intimava-o para não mais transpor o limiar do seu palacio ; e, se seu pae insistisse descaradamente no seu plano, encontraria uma espada das que os marquezes de Montezellos experimentavam no campo das batalhas. Mudaram, porém, os tempos. A traição de um degenerado fidalgo de hoje pune-se com um tiro, quando o atraídoado não quer confiar ao seu laçao o encargo do castigo. E de

mais um chicote não castiga um homem sem brio : é preciso punil-o com instrumento que lhe dóa. Dito isto, tenho explicado a razão porque mandei disparar alguns tiros sobre seu filho, como quem se quer livrar de um salteador que lhe escalla os muros do seu jardim.

« Seu filho foi mais feliz que a pontaria das minhas armas. Não se persuada que eu, matando-o faria mysterio desse attentado. Não, senhor conde. Eu tencionava que o cadaver de seu filho fosse conduzido a casa de seu pae em uma padiola ; e nas mãos desse cadaver acharia v. ex.^a a historia posthuma de seu filho, já que elle não podia contar-lh'a com os labios mortos.

« Tenho uma filha a cuja posse ninguem tem direito sem meu consentimento. Ora seu filho quiz cuspir-me no rosto, provando-me que os direitos de um pae não podem competir com a audacia de um amante. Enganou-se, e, se viver, pode aproveitar muito da lição que lheí dei.

« Tambem tenho a certeza de que essa minha filha está pura de toda a macula com que podiam sujá-la os amores de seu filho ; e, a não ter esta certeza, nem o seductor me fugiria no leito da doença, nem minha filha sobreviria á sua deshonra. As minhas nodas costume laval-as com o meu proprio sangue. O corpo maculado de minha filha estaria, a esta hora, envolto n'uma mortalha.

« O fim primario desta carta está cumprido.

« Não preciso dizer-lhe que ainda tenho outro.

Todavia é boa toda a clareza, para evitar-mos consequencias funestas. Não consinto que alguma pessoa de sua familia pise os tijolos do meu pateo.,—
Marquez de Montezellos. »

« Eu comprehendi muito pouco desta injuriosa carta, quando ouvi lê-la. Meu irmão illiminava metade das palavras, e transtornava o sentido de algumas destas frases insolentes que por aqui desmentem bastante a vergonha de quem as escreveu. Todo o meu empenho foi pedir a meu irmão que occultasse de meu pae similhante insulto; avisando-o por qualquer pretexto, para que não fosse eventualmente a casa do marquez.

« Todas estas precauções eram pueris. O marquez de Montezellos gloriara-se do feito que praticou, e era elle o pregoeiro da sua gloria. Contava do drama a scena que mais lhe convinha: dizia que seguira muito de perto os amores de sua filha; e quando soubera que, *pela primeira vez*, eu conseguira uma intrevista no quintal, ás duas horas da noite, fôra elle quem me quizera receber com descargas, segundo a pragmatica devida a pessoas reaes. O marquez ajuntava a isto a sua gargalhada cynica, e recebia os emboras de seus amigos, que vinham depois escarnecel-o com os meus.

« E, por tanto, meu pae, quando entrou em casa, vinha senhor de todos os acontecimentos, segundo a exposição do marquez.

« A sós comigo, o honrado velho tocou-me no caso, com todo o melindre. Perguntou-me se eu

queria tirar alguma desforra judicial daquella tentativa de assassinio. Respondi enérgicamente que não; e meu pae recebeu-me com um abraço a imperiosa negativa que lhe dei.

« — Queres por tanto — disse elle — uma desforra de homem para homem? »

« Calei-me: parece que senti a mão de Angela apertar-me os labios, e aquietar-me os sobresaltos do coração.

« E Angela? » — perguntei eu quando elle esperava uma resposta á sua pergunta; mas, de repente, conheci a indscrição em que me precipitára. O silencio de meu pae confirmou este receio.

« Perdoe-me — lhe disse eu — esqueci-me que fallava com meu pae... vi só um amigo... não me enganei... que o é... »

« A vinda de meu irmão veio mudar o estado violento em que meu pae me punha, involuntariamente. Eu tinha pejo de o trazer a uma pratica deste genero em que a intervenção de um pae é sempre ridicula.

« Meu irmão, a meia voz, disse-me que o pae sabia tudo, menos o contheudo da carta: perguntei-lhe por Angela: respondeu-me com uma só palavra: convento.

« Esta unica palavra, senhor padre Diniz, teve em mim a influencia de um raio. Tudo o que ha de mais afflictivo veio exacerbar-me no coração um tumulto de angustias, que deviam matar-me se eu não estivesse reservado para maiores provações.

— Mas por que? — interroguei eu — Parece que v. exc.^a devia estimar de preferencia que essa menina entrasse n'um convento. Onde podia tel-a com mais segurança, e com mais liberdade, ao menos, de chorar?

« Liberdade de chorar, senhor padre Diniz, mas chorar lagrimas de vergonha, quando tiver de ser expulsa do convento aonde está, para vestir a mortalha que seu pae lhe promete na carta, que acabei de lèr...

— Essa menina entrou como noviça ou como secular?

« Secular.

— Ha, por tanto, um desgraçado segredo entre v. exc.^a e ella...

« Um desgraçado segredo, que brevemente será a infamia e deshonra de ambos nós. Deus não quiz que eu morresse das balas para me vêr punido pelo flagello das minhas paixões, que tão nobres principiarão, e tão velipendiosas a sociedade m'as tornou.

— Que posso eu fazer-lhe, senhor?

« Muito... uma grande esmola... pode salvar-a.

— Como? não se acanhe... falle com a certeza de ser servido.

« Angela está no convento de Nazareth. *

* Não existe tal convento em Lisboa. Nazareth é um pseudonimo.

— Em Nazareth?

« Onde v. s.^a tem uma irmã secular, que é o anjo d'amor da minha querida Angela.

— Tenho, sim, tenho, e por tanto vamos salvar essa menina.

A radiante alegria com que eu disse estas palavras consoladoras ao nobre moço, transportou-o a meus braços na vehemencia do seu desafogo. Eram sublimes de reconhecimento as lagrimas que acompanhavam as suas palavras agradecidas! Não o deixei ajoelhar-me, mas não pude suster que me beijasse as mãos, onde os seus labios soluçavam essas palavras, que me fizeram chorar: « Angela, a infeliz arrancada á deshonra, hade tambem beijar esta mão! »

De repente, minha mãe, com o delirio nos olhos, com os cabellos eriçados, com o rubor da febre incendiado nas faces, ergue-se do banco em que estava, corre aos pés do padre, ajoelha, beija-lhe freneticamente a mão, sustem com um braço a cintura do padre que quer levantar-se, e exclama com uma voz forte e vibrante de entusiasmo:

« Sim, sim, a desgraçada Angela, a infeliz arrancada á deshonra, cumpriu a profecia do anjo, que annunciára estes beijos, antes de partir deste mundo! »

E voltando-se para mim:

« Meu filho, ajoelha tambem, que ouviste da bocca do teu salvador, de tua mãe, a tua histo-

ria, a historia dos trances amargurados que precederam a tua entrada no mundo!

Ajoelhei.

A minha cabeça estava perdida nas visões daquelle sonho! Eu ouvira a historia de duas pessoas que se amavam com um amor muito feliz. Não comprehendera algumas palavras que o padre dissera, fallando da deshonor de minha mãe, das suas lagrimas vergonhosas, e do seu anjo de innocencia fugido... Seriam essas palavras, que eu não entendi a significação do meu nascimento? Eram: não consultei alguém para sabel-o. Illuminou-se-me de improviso o entendimento, e comprehendí n'um relance de vista intima o resto da historia de minha mãe. Os que me lêrem, porém, precisam que eu lh'a diga, por que o coração de um estranho não é o coração de um filho.

O padre, commovido, e fatigado, tomou minha mãe pelo braço, e conduziu-a ao seu quarto.

Atravessavamos um corredor, quando D. Antonia nos sahia ao encontro.

« Já eram horas — disse ella — o ar da noite não é bom aos saudaveis, quanto mais aos doentes... Que tem, minha filha? está tão desmaiada!...

E minha mãe, abraçando-a com muita ternura, murmurou:

« Venho de ouvir a historia de Nazareth...»

— Para que fallam nessas cousas? — replicou

D. Antonia.

« E' para que meu filho saiba beijar as mãos

da secular, que foi, em Nazareth, o anjo d'amor de sua mãe.

D. Antonia não consentiu que eu cumprisse a vontade de minha mãe, e os estímulos do meu coração. Abraçou-me, chorando, e fez sorrir a todos, por que teimava em querer tomar-me ao colo, sendo eu quasi da sua altura.

XII.

Depois destas revelações, senti necessidade de outras. O meu nascimento, a morte de meu pae, o casamento de minha mãe com o conde de Sancta Barbara eram factos que eu não podia explicar-me, nem me sentia com o desembaraço de pedir explicações. O pudor tem um instinto, que adivinha não os segredos, mas o embaraço da pessoa que pode contal-os. Não obstante o desenvolvimento prematuro do meu espirito, eu olhava para mim, e via-me rapaz de quatorze annos. Nesta idade, parecia-me temeridade, e falta de respeito, interrogar o padre sobre segredos de minha mãe, particularmente aquelles, que a sua linguagem soube colorir de um toque mysterioso para mim.

Mas as circumstancias do meu nascimento dispensava-as eu. O que eu queria era a historia de meu pae, cujas feições, desenhadas pelo padre, eu retivera na fantasia, profundas e salientes, como se as tivesse beijado mil vezes.

No dia seguinte, em quanto o mestre procura

va satisfazer a missão que se impozerá de observar os passos do conde de Sancta Barbara, entrei no quarto de minha mãe, depois que debalde a esperei no jardim.

Os seus padecimentos, adormecidos n'um torpor de apparente felicidade, linha-os acordado a commoção da vespora. Minha mãe recebeu-me com alegria, se assim pode chamar-se ao passageiro sorriso, que bruxulea face palida de uma luz palida tambem. Poderei dizer que essa luz era o crepusculo da eternidade que amanhecia para minha mãe? Era, era.

« Sente-se hoje peor, minha querida mãe? »
— perguntei eu beijando-lhe as mãos, que escaldavam.

— Peor não, meu filho: o mesmo, sempre o mesmo... Ha quinze annos que não sinto alteração nos meus padecimentos... E tu? dormiste bem?

« Eu não dormi; scismei toda a noite... como havia eu de dormir? Aquella historia deixou-me tão triste... »

— Triste!... porque?...

« Minha mãe soffreu muito, e meu pae... »

— Foi feliz...

« Feliz?! eu pensava que não podia sè-o... »

— Pois não foi, meu filho? Teu pae não sabes tu que morreu já?

« Sei, minha mãe. »

— Pois que maior ventura lhe desejavas tu?
Não imaginas quanto é bom morrer quando se é des-

graçado e virtuoso? Não tens ouvido dizer ao teu mestre, que a peregrinação trabalhosa neste mundo é o caminho suave do ceu? Teu pae morreu como vivera, meu filho... foi um justo, que pede talvez neste instante ao Senhor o espirito de tua mãe...

« E será verdade que eu heide vel-o um dia? — É meu filho... e, se não fos se, qual seria a bemaventurança dos que se salvam? Deus permite neste mundo a ligação de duas almas, que nunca mais se desligam. Ah! meu filho! se me comprehendesses... se eu pudesse dizer ao teu entendimento os formosos sonhos do meu coração.... Quem sabe? talvez eu seja comprehendida!... Olha, meu querido anjo, a nossa alma é immortal, e os sentimentos divinos que ella tem são immortaes como ella. Tudo que sentimos subliine e sancto pertence a Deus; tudo o que sentimos rasteiro e vi pertence á terra. O que é da terra na terra se consume: mas o que é de Deus pertence á gloria, entra no seio da eternidade, porque Deus é infinito. Aquelle sancto amor com que amei teu pae, esta sancta saudade com que o procuro ha quatorze annos n'um mundo melhor, é a respiração da minha alma, é a vida do meu coração, é a chama immortal do meu espirito, que não pode nunca extinguirse, nem pode satisfazer as suas ancias sem entrar no seio de Deus a unir-se com a parte da existencia que me levou... Espera, meu filho...

Minha mãe tomou um lenço, onde salivou sangue, e enchugou lagrimas. Repetindo hoje o que en-

ão lhe ouvi, vejo confirmada a opinião dos que reputam extraordinariamente subtil a intelligencia de um tysico. Minha mãe, fallando comigo, fixava olhos immoveis no ceu, como se buscasse, acima da humanidade, espiritos aërios que a comprehendessem. Era tragicamente sublime o rasgo de inspiração, que lhe illuminava o rosto d'uma aureola, como esse toque de luz que admiramos nos retratos das martyres, a expiarem sob o alfange, e a saudarem a myriade dos anjos que lhe acenavam do ceu.

Quando me disse — « espera, meu filho... » talvez uma visão inexprimivel em lingua humana lhe arrebatasse o espirito! Talvez o anjo das suas saudades, com a fronte engrinaldada das flores do ceu, lhe mostrasse a coroa triumphante do seu martyrio! Minha mãe, absorta n'uma adoração, qual o estaluario imprime no marmore das virgens christãs, estendia o braço esquerdo na direcção da minha bocca, como impondo-me silencio. Com ambas as mãos aproximei a sua aos labios; e duas vezes a chamei, sem responder-me.

« Passaram-se minutos. Eu esperava que minha mãe cahisse desfallecida, quando descesse daquelle doloroso enlevo de espirito. Não foi assim. Espantei-me, quando a vi passar daquelle arrobamento á vivacidade com que ha pouco me revelava as suas convicções sobre a immortalidade do espirito. Não se deu a mais ligeira transição, a não ser o movimento de feições, que pareciam petrifi-

ca das. Dir-se-hia que o halito creador soprara de improviso, nos labios da estatua o espirito de vida, a harmonia da palavra, afinada pela musica dos anjos, que seus ouvidos recebiam.

Foram estas as suas palavras:

— Pouco importa, meu filho, uma flor, sem seiva, n'um jarro de christal... A pobrezinha não respira o ar dos cortinados e dos festões dourados. Tiraram-lhe o seu ceu, o seu orvalho matinal, o seu beijo da viração, e o morbido clarão da lua, que a namorava no silencio da noite. A mim não me deixaram o seio onde eu pousava a minha face... Era o meu unico arrimo... fiquei desamparada... cahi sobre a minha sepultura onde me arrasto, ha quinze annos, até que o anjo da morte me diga... «entra no seio de teu esposo...» Meu filho, tu não podes mandar ao morto que se levante, não podes dizer ás folhas espalhadas de uma rosa que floresçam, não podes encher de vida o coração de tua mãe... Ficarás, sem mim, bem cedo. Verás então que é a viuvez de todas as esperanças neste mundo... Desejarás a morte.. hasde pedil-a a Deus, como os felizes do mundo lhe pedem a vida... És uma creança, terás uma época de creança, quando to homem te chamar homem. Ai de ti, quando o seus affectos não forem moldados pelas innocentes illusões de uma creança... Ai de ti, por que então, quando julgares que succumbes a paixões de mancebo, consultarás o teu coração, e sentil-o-has cansação. O primeiro amor desgraçado envelhece o cora-

ção, meu terno filho... Sou uma louca... fallo-te e tu não me comprehendes... Que importa? retem na memoria estas palavras... é a pagina profetica da tua vida... lê-a todos os dias, e um dia virá em que a comprehendas... Desde esse dia ancias a morte: se fôres religioso, tudo que o mundo tem de bom e de mau te fará feliz, quando mais visinho te vires do tumulo. Se não fores religioso a mesma desgraça te fará crente, não nos homens, nem nas superstições dos homens; mas em Deus... E, depois, á sombra desse grande principio crearás um outro mundo, e sorrirás ao infinito onde vaes passar, transpondo a sepultura, como a avesinha que canta sobre a arvore, a cujo pé se despenha uma torrente medonha, e de um vôo transpõe esse abysmo, para depois cantar de novo sobre a arvore da outra margem... Hasde recordar as palavras de tua mãe, sim, meu filho? —

« Não as esquecerei nunca; mas eu quero que minha mãe m'as repita d'aqui a vinte annos... Não me diga que cedo ficarei sem mãe.. Bem sei que não posso fazel-a feliz, como meu pae poderia fazel-a, mas eu sou o filho desse seu amigo, desse seu anjo de saudades, como tantas vezes lhe chama... »

Não me deixou continuar: lançou-se-me ao pescoço, beijando-me soffrega e abrasada.

Padre Diniz veio presencear este lance.

Minha mãe desceu do seu fervente mysticismo á realidade da sua vida na terra. Padre Diniz vinha fallar-lhe do conde de Sancta Barbora, e da

sua serva idolatrada. A repugancia que tinha de ouvi-lo, exprimiu-a ella nestas palavras, que acompanhou de um gesto significativo de aborrecimento:

« Quizera antes, senhor padre Diniz, que me não dissesse nada.

— Pouco poderei dizer-lhe, senhora condessa. Não tive tempo para informações. Dirigi-me a casa de seu mano...

« Do marquez de Montezellos? — interrompeu minha mãe como assustada.

— Do marquez de Montezellos; e, se seu pae fosse vivo, procuraria directamente seu pae.

« Com que fim?

— Com o fim de cumprir uma missão providencial: iria punil-o, acordando-lhe o remorso no coração. Dir-lhe-ia que sua filha, amarrada por elle a um poste de ouro, estava em circumstancias de esmolar um bocado de pão. Dir-lhe-ia que o conde de Sancta Barbora, como desvelado algoz de sua filha, exercera cabalmente a tyrannia que o marquez de Montezellos lhe concedeu com os legitimos direitos de marido... Mas seu pae não esperou a punição neste mundo...

« E que disse a meu irmão?... Elle conhecia-o?

— Não era preciso conhecer-me...

« Mas que tem meu irmão comigo?... Oh senhor padre Diniz... permita Deus que as minhas desgraças se não complicassem com esse passo que deu... Que foi dizer a meu irmão?

— Muito pouco. Disse-lhe que v. ex.^a era irmã do marquez de Montezellos; que fora violentada a casar-se com um rico para manter a dignidade do seu nascimento: que esse rico a martyrisára durante alguns annos para lentamente se desfazer d'elle: que essa infeliz senhora, aconselhada por um homem compassivo, fugira a seu marido, procurando uma morte menos trabalhosa...

« E que importava isso a meu irmão, que, ha quatorze annos, expulsei da minha presença?

— O que importava? Eu vou dizer-lhe, e tivera-o dito já, se v. exc.^a me escutasse com mais serenidade. Lembrei-lhe que a condessa de Sancta Barbara devia judicialmente separar-se de seu marido...

« Para que?

— Para haver dos bens de seu marido quarenta contos com que foi dotada.

« De que me servem esses ignobeis quarenta contos?... Venderam-me, mas eu não me vendi...

— De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar este menino da miseria em que hade vil-o encontrar a idade, em que a subsistencia é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem de seu.

« E porque não hade o meu filho ser pobre?

— Para não morrer, como seu pae, suffocado pela mão descarnada da miseria... Senhora condessa, este mundo está organizado tristemente, mas quem não quizer amoldar-se nas formas em que a

sociedade lh'o apresenta, lueta sem forças contra um destino invencivel. As mais amargas lagrimas que v. exc.^a tem de chorar hão-de ser as ultimas, quando, ao despedir-se de seu filho, não tiver um pão independente que legar-lhe, um salvo-conducto com que possa atravessar a sociedade sem ser apupado das vaias que achincalham o homem pobre. A honra não é herança; é uma bella recordação que um filho conserva de seus paes, em quanto a miseria lhe não risca no coração essas cinco letras que ninguem desconta... Adiante... Fallando com seu irmão, disse-lhe que v. exc.^a não estava em casa de seu marido. Perguntou-me aonde estava, respondi-lhe que lh'o não dizia. Recebeu-me cavalheiramente esta negativa, e não instou. Disse-me que hia partir na direcção de Braga até encontrar o conde de Sancta Barbara, que acompanhava D. Miguel. Observei-lhe que o conde voltára de Santarem a pretexto de curar-se de uma enfermidade que subitamente o atacara. Vestiu-se, e despediu-se de mim, ordenando-me que o procurasse hoje de tarde para informar-me do que passara com seu cunhado...

« Vai acontecer uma desgraça, senhor padre Diniz! — exclamou minha mãe tocada por um afflictivo presentimento.

— Que vaticina v. exc.^a?

« Um conflicto de vida e de morte entre meu irmão e meu marido.

— Pode ser que não. O conde de Sancta Ba

bora hade dar-lhe quarenta contos, porque a vida é preferivel a quarenta contos...

« E, se os não dá, meu irmão...

— Castiga-o ? É um dever... é um peccado, que eu absolvo, porque n'uma sociedade desmoralizada, onde os preceitos de Deus são invalidos, permite Deus que os preceitos dos homens valham alguma cousa. Não devemos deixar passar ao pé da victima, que chora lagrimas estereis, o criminoso com a fronte erguida. E' preciso abater-lh'a no chão, é preciso evitar o escandalo; ora um mau homem impune é feiamente escandaloso, por que desafia muitos a seguirem-no pelo caminho da impunidade. Seu marido manhã partiria com a sua creada a saborear, livre de remorsos, os fructos da sua obra. De vez em quando assaltal-o-ia a lembrança de sua mulher, que lhe fugiu; mas tal lembrança, n'um coração estragado, não doeria tanto como as saudades da creada, que o trouxeram de Santarem com um lenço apertado na cabeça. Suppomos que o conde de Sancta Barbara reputava uma infidelidade a fuga de sua mulher...

« Por Deus!... senhor padre Diniz!... Tenha compaixão de mim!... não faça semelhantes conjecturas...

— Deixe-me fazel-as, por que sou eu que as faço... Imaginando elle que a fuga de v. ex.^a era uma infidelidade, dar-se-hia por muito desferrado na sua consciencia. E quem sabe mesmo se elle diria « minha mulher trocou-me por outro » para que

Lhe não dissessem: « malaste tua mulher, por que ninguém sabe onde ella vive. » E o mundo acreditá-o-ia; e para que o mundo não tenha de entrar na perigosa solução do problema da sua fugida, competia-me declarar que v. exc.^a fugira, que v. exc.^a vive, e, quando seja necessario declarar-o para sua honra, direi que vive em casa de um padre, cujo nome ahí nesse mundo pesa mais na balança da honra que todo o ouro do conde de Sancta Barbara... Até logo, minha filha; vou dizer missa, que é já bem tarde, para quem está em jejum.

Padre Diniz não deu tempo a que minha mãe exprimisse uma idéa, que se lhe via tumultuar na inquietação dos gestos, e na anciedade, com que ouvira as ultimas palavras.

Disse-me que a deixasse sozinha, e lhe mandasse D. Antonia.

Padre Diniz, conforme combinara, foi, na hora aprazada, procurar o marquez de Montezellos.

Na volta, contou assim a minha mãe as informações que colhera:

— O marquez recebeu-me com maneiras extraordinariamente rudes. « Fui fallar com o conde — disse elle; — encontrei-o afflicto, perguntei-lhe por minha irmã, respondeu-me que fugira de casa, durante a sua ausencia. Indaguei os motivos da fuga, respondeu-me que minha irmã vivia desde muito para um homem, que elle não conhecia...

Padre Diniz reparou em mim quando se inter-

rompeu naquella palavra ultima, e mandou-me sair do quarto de minha mãe. Conservei-me na antecâmara do quarto repisando o sentido de cada uma daquellas expressões. Poucos minutos se passaram, quando ouvi um grito agudo. Conheci que era minha mãe. Abriu-se a porta do quarto, e vi o padre, que chamava D. Antonia para tomar minha mãe nos braços.

Devo concluir o lance que produziu aquelle grito, se bem que vou buscar-lhe a explicação annos depois, por que só então fui sabedor desse segredo, que não pude mais cedo arrancar ao padre, nem a D. Antonia, nem a minha mãe

Accrescentara o conde de Sancta Barbora que sua mulher fôra em solteira o que estava sendo em casada — absolutamente livre — e a prova estava n'uma carta, que o conde mostrara ao irmão de minha mãe. Esta carta era de meu pae, escripta nos ultimos dias da sua vida, pedindo-lhe protecção para o orfãosinho que era eu. O marquez de Monzellos couhecera a letra do filho do conde de Alvações, sobre quem disparara um tiro junto a outro de seu pae. E, convencido da deshonra de sua irmã como solteira, não podia rebater as affrontas que lhe eram feitas como cazada. Accrescentára o conde de Sancta Barbora, que o agente das negociações adalteras de sua mulher era um padre, cujo nome com grande magua sua não sabia, por que muito desejava agarral-o para arrancar-lhe o se-

greto daquella infamia, e mandal-o depois azorregar pelo seu laçaoz

Padre Diniz, por tanto, era o padre das negociações adulteras, e estava na presença do irmão da adúltera, que protestára vingar a sua honra, e a honra de seu cunhado tanto quanto fosse possível.

O padre, depois que ouvira o infamante arrasoado do marquez, tirou da sua carteira com admiravel tranquillidade, um bilhete que dizia : « Padre Diniz Ramalho e Sousa, Largo da Junqueira n.º 44. »

— Dou-lhe a minha residencia, snr. marquez — disse elle serenamente — para que v. exc.^a não querendo receber as ultimas lagrimas de sua irmã, vá ao menos levar-lhe um obulo da sua fortuna para as despesas do seu funeral, que eu não posso suprir, porque sou tão pobre como ella.

O marquez impressionou-se destas palavras, e vacilou na resposta. Padre Diniz ia retirar-se, quando o irmão de minha mãe lhe indicou que não sabbisse. O inalteravel *agente das negociações adulteras* da condessa de Santa Barbara tornou a sentar-se. O marquez fitava-o attentiosamente como quem queria ler-lhe na tranquillidade do rosto muita innocencia.

— Então — disse elle — convida-me o snr. padre Diniz a que vá ver minha irmã ?

« Tomo a liberdade de convidal-o, com quanto não fosse authorisado para isso ; mas a desgraçade

senhora hade querer um parente á cabeceira do seu leito de agonias... Esta punhalada deve matar-a... mas juro que ella não quer morrer sem lavar o escarneo aviltante, que seu marido lhe cuspiu na face. Tracta-se de salvar-lhe a honra a ella... Eo quanto a mim, serei eu o restaurador da minha honra ultrajada por um homem, que me fará esquecer que sou um sacerdote...

— Quando posso ver minha irmã?

« Ja, se v. exc.^a quizer.

— A' noite.

« Até á noite, snr. marquez.

O grito de minha mãe fora arrancado por estas emoções despedaçadoras.

XIII.

Algumas paginas, que vão ler-se, não me pertencem: copiei-as da HISTORIA DOS SEIS RETRATOS. Este manuscrito é o *Livro negro* de padre Dimiz, como elle o intitulava. Herdei-o. Não fui testemunha das scenas aqui descriptas. Os meus quinze annos não poderam reter impressões então recebidas, porque o espirito debil não [podia digeril-as. O encontro do marquez de Montezellos com minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mesmo sabia que tal homem viria áquella casa. E, por tanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpe-

tuando as remeniscencias amargos do tormentoso drama de minha mãe.

« O Marquez de Montezellos esperava sua irmã na sala, ás 9 horas da tarde. Quando o annunciei, a condessa perdeu inteiramente uma affectada coragem, que tinha mostrado. Sustive-a difficilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua innocencia.

« O encontro destes dois irmãos, que ha quatorze annos se não viam, não se exprime. O Marquez reparava em sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe appresentava como condessa de Santa Barbara. Esta, superior ao dorido ressentimento que devia irritar-lhe a presença de um homem que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua coroa de martyrio, caminhou para seu irmão, estendendo-lhe a mão effectuosamente.

— Angela !... — murmurou o Marquez, abrindo-lhe nos braços o amparo, que ella muito precisava para não succumbir á convulsão.

Angela tinha a face banhada de lagrimas. Dos braços de seu irmão, onde não podiam as pernas sustental-a, passou a uma cadeira. Via-se que lutava com a exaltação das variadas emoções que experimentava. Cada palavra, suffocada por um soluço, vinha-lhe aos labios esvaecida da angustia em raras organizações.

« Pertencia-me a mim quebrar aquelle silen-

ção afflictivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se afflictivo para seu irmão.

« O snr. marquez — disse eu — veio pessoalmente ouvir sua irmã, depois que ouviu o conde de Santa Barbara. Entre o snr. marquez e sua irmã está um padre que deve parecer um mysterio para v. exc.^a A historia desse padre... a minha historia... compete-me a mim contal-a, e eu farei porque, em poucos minutos, nem eu seja reputado o agente das negociações adulteras da senhora condessa, nem v. exc.^a tenha de ouvir da bocca de sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violencia.

« Ha quinze annos que a snr.^a D. Angela de Lima foi encerrada no convento de Nazareth, por ordem de seu pae. Na vespora desse dia foi ferido com dois tiros o amante desta senhora. V. exc.^a sabe que os ferimentos não mattaram immediatamente D. Pedro da Silva, se bem que, desde esse instante, o desgraçado fez treguas de alguns mezes com a morte, porque o Altissimo não o quiz tirar deste mundo sem que expiasse com as lagrimas de uma acção nobre os desvarios de uma paixão generosa em seus principios, e lamentavel nas suas consequencias.

« Conheci então D. Pedro da Silva, e amei-o, como filho, desde que o conheci. Amei-o como filho, porque nunca me sentira mais commovido por um mancebo, que queria salvar a honra de uma menina, a quem sua familia sacrificaria de bom

grado no altar da deshonra, para depois lhe fazer a apothêose no altar do ouro...

« Esta senhora, senhor marquez, quando entrou no convento de Nazareth, deixou no mundo um homem, que a sociedade não legitimara como seu marido, mas que o coração abraçara cegamente, sem reservas, sem condições, e sem os receios da opinião publica.

« Sua irmã, senhor, entrara em Nazareth, quando devia entrar na igreja para que o ministro de Deus lhe absolvesse uma culpa, que a sociedade alcunharia .. uma deshonra.

« Será necessario rastrear a frase para ser comprehendido?

« Não me odeie no fundo do seu coração, senhora condessa. V. exc.^a não esperava que fosse esta a conversação de uma entrevista com seu irmão. Mas este é o solemne momento da sinceridade, da confidencia, e da respiração livre. Quando se trata de avaliar um character immaculado, pretextando um passado que as desgraçadas circumstancias justificam, é necessaria bastante coragem para levantar esse veio do passado, e expor a face pura ás infames imputações de conde de Santa Barbara.

« O filho do conde de Alvações tinha um coração prodigioso de honradez.

« Apaixonado até ao delirio, não veio consultar-me para que eu lhe dissesse a maneira decente de participar ao marquez de Montezellos que sua

filha seria brevemente mãe, e obrigaria as religiosas de Nazareth a serem, por compaixão, suas parteiras. Não : este nobre mancebo o que me pedia era a minha protecção para que a sua desgraçada amante se não dêsse em espectáculo de deshonra ás religiosas que a tinham recebido como uma virgem, que fôra alli buscar no fervor religioso o complemento da sua educação.

« Eu tinha nesse convento uma irmã... uma amiga...

« Dirigi-me a minha irmã. Tive de revelar-lhe um segredo, que a deixou passada desse singelo terror, que devia preceder uma fervente compaixão. Pedi-lhe que, desde certo tempo em diante, a titulo de muita amisadé, recolhesse na sua cella a pobre menina ; e desviasse quanto podesse, sob qualquer pretexto, as visitas do quarto. Mas isto não era tudo, senhor marquez. Faltava ainda preparar os ullimos soccorros, para que esta senhora, por falta de assistencia, não fosse um cadaver no acto de ser mãe. Esses soccorros quem m'os daria ? O meu zelo, a caridade de minha irmã, e a consciencia de uma acção boa. Procurei uma mulher das que o silencio se compra com dinheiro. Abstive-me das poucas regalias que o meu trabalho me dava, e assoldadei a titulo de creada de minha irmã, uma parteira, que durante tres mezes velou os incommodos desta senhora, cuja sorte eu estremecia, como se fosse minha filha.

« Noto-lhe no rosto, senhor marquez, alguns signaes de indignação...

« E' uma affrontosa surpresa — disse elle.

« Affrontosa, não, senhor marquez... chame-lhe antes uma scena de agonias surdas a que seu pae assistia com a maior presença de espirito.

« Meu pae?! » exclamou elle arrebatado, com os olhos injectados de sangue.

« Seu pae — respondi eu placidamente.

« E' mentira! ... meu pae, se o soubesse, apunhalava minha irmã, e despedaçava o infame que a seduziu.

« Não é mentira, senhor marquez; seu pae não apunhalava uma filha, porque tinha de dar ao publico a razão porque o fizera, e nessa satisfação ao publico era ferido o seu orgulho. O pae de v. exc.^a não despedaçava o amante de sua filha, porque não ha pae, nem irmão, nem marido que não soffra uma affronta em silencio, com tanto que os seus amigos ignorem que foi affrontado.

« E' mentira... repito, e sinto que v. s.^a não esteja na condição de me dar uma satisfação plena.

« Dar-lha-hei plenissima, senhor marquez, porque a minha condição sacerdotal não exclue os estímulos da honra. E começarei a dar-lh'a já, a meu modo, e, senão conforme as leis da cavallaria, ao menos com a logica rigorosa dos documentos. Queira attender-me v. exc.^a

« Vou lêr-lhe a cópia de uma carta que escrevi ao senhor marquez de Montezellos. Eide mos-

trar-lhe outra, depois, que o senhor marquez se dignou escrever-me.

« Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com meu pae...

« Quer com isso dizer-me que minto... Vejo que v. exc.^a é teimoso por indole, e não por educação... Conhece a letra de seu pae?

« O marquez tomou a carta, que eu lhe offercia, e não respondeu. Angela exprimia sensivelmente a repugnancia com que assistia ás grosserias de seu irmão. Eu bem a via contorcer-se na cadeira, e franzir a testa, olhando impaciente para o marquez, e envergonhada para mim.

« Condoido da sua penosa situação, procurei um pretexto para a fazer ausentar da sala. Eu recava-lhe um esvaimento dos muito frequentes que a atacavam, quando recebia impressões fortes.

« E, offerecendo-lhe o braço, disse eu: — E' conveniente que v. ex.^a se retire. Não é bom que saiba tudo que tem relação com a sua vida... E, de mais, a sua saude é muito melindrosa... Logo tornará a encontrar-se com seu mano.

« A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma ligeira mezura de despedida a seu irmão.

« O marquez olhou-a de revez, lance de olhos muito commum na refinada malicia, ou na estupidez grosseira.

« Fechei a porta por onde sahira a condessa, e vim sentar-me ao pé do marquez.

« Ouça v. exc.^a esta carta — lhe disse eu —

e depois lhe direi quaes incentivos me fizeram praticar este acto.

« E eu li :

« Exm.^o Marquez. Encontra v. exc.^a no remanente desta carta um nome que não conhece. Devo dar-lhe uma definição de quem sou, por que na simples palavra *padre*, que precede o meu nome, não está explicada a minha importância no mundo.

« Um padre, senhor Marquez, pode exercer no coração da filha de v. exc.^a o ascendente que seu pae não exerce : ministro de Deus, que prescruta o recondito da alma, vai sondar as chagas profundas da consciencia para applicar-lhe o balsamo divino, quando as consolações humanas são impotentes. Muitos gemidos, senhor, que suffocariam uma infeliz, antes que ella, aos pés de seu pae, pudesse balbuciar « perdão ! » coam-se atravez do confissionario, e vão pedir ao coração do sacerdote esse conforto de esperança, que Jesus-Christo legou aos representantes da sua caridade para com a samaritana.

« Eu sou, pois, o mais indigno dos que passam na terra enchugando lagrimas, e inspirando esperanças a quem as chora na desesperação de uma sorte melhor.

« V. exc.^a tem uma filha que chora assim ; e eu sou o sacerdote, que, ha poucos instantes, lhe ouviu entre soluços uma confissão dos erros, que lhe absolvi em nome de Deus. Mas não basta para a sua felicidade na terra a misericordia de Deus ; é

necessario que seu pae seja misericordioso é necessario que seu pae lhe diga: « ergue-te, minha filha, do abysmo de perdição onde te arrojé, cuidando que te salvava! »

« Sua filha, senhor, entrou no convento de Nazareth, como quem vai expor o lastimavel quadro de uma paixão cega entre pessoas, que menos comprehendem uma paixão, e mais se horrorisam das suas fataes consequencias.

« V. exc.^a, quando a arrastou violentamente a essa casa, não sabia que sua filha tinha pertencido em corpo e alma ao homem de quem a separava.

« Era tarde para levar ao abrigo da religião a mulher que se perdera sem saber que se perdia. Era tarde, para entregal-a ao culto divino, quando uma paixão invencivel, e vinculada á existencia de um filho, era desgraça de mais para conceder á infeliz amante e mãe alguns minutos de oração com espirito tranquillo.

« Estas revelações são pungentes, senhor Marquez, mas abençoada dôr a que nos livra de uma grande vergonha. A salvação desta menina é possível, por que a sua união com o homem da sua alma vai sanctifical-a diante de Deus e da sociedade.

« Permitta, senhor, que eu seja o mensageiro do seu perdão. Inspire-se do grande nome de seus avós, do grande nome de v. exc.^a, e do futuro da sua reputação para que as flores da virtude que

começam a murchar na grinalda innocente de sua filha, possam reverdecer, com o seu perdão, e com o seu beneplacito neste casamento, em que v. exc.^a faz dous entes venturosos, poupando o velipendioso nascimento de um terceiro, que virá depois, neto do marquez de Montezellos, pedir talvez uma esmola de pão aos lacaios de seu avô.

« Antes destas considerações todas mundanas, deveria eu reclamar de v. exc.^a a caridade Evangelica, o amor do proximo, e particularmente os deveres sacrosantos que c prendem a sua filha. Deveria, mas eu comprehendo a grandesa na terra, e lembrou-me que v. ex.^a não quereria amesquinhar-se aos olhos da sociedade caprichando na absoluta deshonra de sua filha. Terei a honra de procurar hoje de tarde resposta desta carta, assim como a tenho desde já assignando-me servo respeitador de v. exc.^a — *Padre Diniz Ramalho e Sousa.* »

« Já vê v. exc.^a, senhor marquez, que seu pae não deixou de apunhalar a filha, e despedaçar o amante da filha, por ignorancia.

« A resposta confirma o facto verdadeiramente. Leia v. exc.^a »

« Era este o contheudo da resposta, que o marquez leu :

« Não me considero obrigado a dar satisfações dos meus actos, nem lão pouco a receber conselhos. Como pae, pertence-me grangear o futuro da minha filha, embora a opinião publica, com que v. s.^a me ameaça, entenda que o futuro que eu lhe

preparo não é o melhor. V. s.^a, como sacerdote, a missão mais nobre, que tem a cumprir, é guardar o segredo, que lhe foi revelado em confissão. Eu vou tomar as necessarias medidas para que minha filha não seja exposta á deshonra, que v. s.^a receia. — *Marquez de Montezellos.*»

« O irmão de Angela dobrou placidamente esta carta, e entregou-m'a com a maior indiferença. Eu fiz-me estranho á sua frieza, e continuei:

« Bem sabe v. exc.^a quaes foram as medidas que seu pae tomou para que sua filha não fosse exposta á deshonra. Mandou-a immediatamente sair do convento, e transportou-a para uma quinta a vinte cinco leguas de Lisboa.

« Estavam, por tanto, inuteis todas as minhas precauções. Foi então que reputei irremediavelmente desgraçada D. Angela! A mais cruel das conjecturas, que me assaltaram foi o temor de que a infeliz menina fosse ser morta em torturas surdas ás mãos de seu proprio pae. Eu tinha visto a carta que o marquez de Montezellos escrevera ao conde de Alvações. Essa carta promettia envolver n'uma mortalha o corpo maculado da amante de D. Pedro da Silva, se por desgraça o estivesse.

« Não lhe direi, senhor, as agonias deste generoso mancebo, quando lhe apunhalei o coração com esta nova. V. exc.^a não pode talvez ouvi-las com piedade, e eu arrependera-me de contar-lh'as se lhe não visse uma lagrima. Basta que lhe diga que esse nobre infelz cahiu, como fulminado, no

leito, onde, quatro mezes depois, proferiu uma palavra, o nome de sua irmã, e cerrou os labios para sempre.

« Não estava cumprida a minha missão, senhor marquez. Um mez depois que sua irmã foi encerrada na quinta das Alcáçovas, via-se um homem desconhecido, trajando as vestes de cigano, e sustentando a mentira do seu falso modo de vida em vendas e compras de cavalgadas. Esse homem passára despercebido entre os fidalgos do Alemtejo, e conseguira pernoitar na quinta em que vivia D. Angela de Lima.

« Quem ahi morava, além d'ella, eram duas creadas, um capellão, um feitor e alguns creados. O desconhecido estabeleceu a sua residencia provisoria tres quartos de legua distantes dessa quinta,

« O cigano pertendeu astuciosamente vêr a filha do marquez; mas nem conseguiu vê-la, nem ousou perguntar por ella. Mas os recursos do ardiloso cigano eram immensos, por que a sua vontade era de ferro.

« N'um domingo convidou os creados do marquez para sua casa. Deu-lhes um jantar, e fez correr profusamente as canecas do vinho. Findo o jantar a embriaguez dominava os seus convivas, e o cigano folgava, não pelo vinho, mas pelo seu triumpho.

« Quando viu aquelles espiritos a doudejaçem nessas expansivas franquezas da embriaguez, pensou que tinha soado a hora das revelações. Fallou na

filha do marquez, e viu que a perturbação dos seus convidados não era superior ao sigylo que lhes fora imposto. Não instou; mudou de pratica, e mudou tambem de vinho. Pouco depois, quando feriu de leve o assumpto da filha do marquez, achou um só homem que lhe respondesse: os outros tinham cahido aturdidos, com o ultimo trago de vinho, que poderam comportar.

« Mas esse unico, a quem a Providencia conservava de pé, abraçou o cigano pelo pescoço, e pediu-lhe que sahisse d'alli, se queria fallar á vontade.

« Sahiram, e conversaram durante um quarto d'hora apenas, por que o embriagado não pôde suster por mais tempo a sua posição vertical.

« Resta saber o que se passou entre o cigano e o creado do pai de v. exc.^a

« É um lance atrozmente incrivel; mas o cigano não era homem que mentisse. Lembra-se v. exc.^a de um seu creado por alcunha o *Come-facas*?

— Lembro — respondeu o marquez.

« Pois bem: ouça v. exc.^a as revelações do *Come-facas*.

« Este homem fora chamado de uma quinta em que seu pai o tinha escondido por causa de umas facadas que dera n'um rival de seu pai, não sei em que desordens nocturnas abi para os lados de Belem. Seu pai estimava este homem como um arnez em que fazia resvalar a punhalada, que

não podia pessoalmente suster. E, de mais, o *Come-facas* era um intimo confidente do marquez de Montezellos, e uma cega machina das suas vingancas em variados lances.

« Foram estas as revelações do amigo do cigano; mas o cigano não limitava a isto a sua curiosidade investigadora.

« Chamando a conversa ao assumpto da filha do marquez, encontrou no *Come-facas* a mais cor-deal franqueza, e receou não poder disfructar-lh'a muito tempo, porque o seu interlocuter difficilmente se sustinha de pé.

« Soube, por tanto, que o foragido fora mandado vir para aquella quinta, alguns dias depois que D. Angela entrara nella. O *Come-facas* não viera para alli sem commissão. A seu cargo estava vigiar que não entrasse na quinta pessoa suspeita; e, quando nessa pessoa fosse reconhecido o filho segundo do conde de Alvações, podia elle confidente disparar-lhe um tiro, de modo que não houvesse grande pena em esconder o cadaver dos olhos da justiça. Era hediondamente feroz esta missão; mas o horrivel della tem alguma cousa mais grandiosa em atrocidade!

« *Come-facas* fora encarregado de receber em tempo opportuno uma creança, que devia ser-lhe entregue por uma mulher. Esta creança, snr. marquez, antes de receber o primeiro beijo de sua mãe, e a palavra de Christo que a chamava á redempção, devia soltar um vagido de morte entre as mãos do

infanticida, a cujo cuidado ficava lançar-lhe em cima algumas pás de terra.

« Parece que se horrorisa, snr. marquez!... O cigano tambem recuou horrorisado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causara no seu hospede, porque dera em terra com a ultima palavra do seu programma sanguinario.

« O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o á sua cama, e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se á cabeceira do embriagado, e velou-lhe o somno profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera, e o espirito de seu commensal procurava recordar-se da razão porque alli eslava.

« *Comefacas* ergueu-se prasenteiro, e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas remeniscencias da conversação que tiveram.

« Não tinha nenhuma; lembrava-se, apenas, que bebera algumas canadas de bello vinbo, e confessava que se sentia disposto para uma nova bambuchata. O cigano, a elle só em particular, e a título de especial sympathia, convidou-o para no dia seguinte cear com elle, depois que a sua sahida da quinta se não fizesse notada.

« No dia seguinte, á noite, o cigano esperava com anciedade o homem a quem apertara a mão, e chamara amigo; não obstante, porém, este lisongeiro titulo que lhe dera, o cigano preparou-se para receber o *amigo* como quem espera luctar com um

assassino: metteu duas pistollas n'um cinturão, e uma faca de mato no bolso da sua jaqueta de pelles.

« *Come facas* não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocava o appetite, e o convidado cedia galhardamente á provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-a sobre a mesa.

« Que é isto? — perguntou o *Come-facas*.

— E' ouro — respondeu o cigano. Conta-o, e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada.

« O homem abriu com soffreguidão a bolsa, e contou quarenta peças.

— Diabo! — exclamou elle — tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

« Que te importa? — tornou o cigano. E' teu, se me vendes a creança que o marquez de Montzellos te mandou matar! »

Comefacas ergueu-se de um pulo, e cravou no cigano uns olhos onde regorgitava o sangue da ferocidade surprehendida.

Quem te disse isso, alma de mil diabos? — exclamou, elle, levando a mão ao cabo do punhal.

« Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a bocca de uma pistolla.

« *Come-facas* estacou nesse spasma estúpido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnancia, e cedeu prom-

plamente não sei se á bocca da pistolla, se ao espanto em que o deixára aquelle « tu! » proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espirito.

« Senta-te — lhe disse o cigano, mettendo tranquillamente a pistola no correão — senta-te, e conversa comigo em boa amizade. Tu bem vês que eu sei o teu passado, o teu presente, e o teu futuro. Bem vês que eu, se não sympathisasse com a tua cara, podia entregar-te á justiça, e não só dar cabo de ti, mas até alirar com teu amo ás pedras negras. Vê lá como são as cousas! Não só te não faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma creancinha.

— Mas que demonião te disse que eu queria matar a tal creança?

« Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bebado, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste hontem comigo?

— Oh diabo! então os outros creados do Marquez ouviram!... com mil raios de diabos estou perdido!...

« Não ouviram nada... Quando tu fallaste a sós comigo já elles ressonavam como tres porcos a grunhir... por isso fico eu. O segredo até hontem era de tres, agora é de quatro... Tu recebes a creança: não a matas, entregas-m'a, recebes qua-

renta peças, e dizes ao marquez que a creança está enterrada...

— E tu p'ra que queres essa creança?

— Que te importa a ti? Imagina que quero um engeitado de quem heide fazer um potreiro de primeira ordem, e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho nem filha, nem mulher, nem sobrinho que me cahisse no gôto cá p'ra o modo de vida em que me vês; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros hade ser homem de se atirar em pello para cima de uma faca, e saltar por cima de ti p'ra a outra banda. Ora a tal creança, se fôr rapariga, hasde vel-a d'aqui a doze annos fugir como um raio por essas campinas sobre o melhor alasão do Alemtejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, hade ser como se quer. Neto de marquezes e de condes, hade ter costella de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não ha cigano que lhe bote agua ás mãos abi nas feiras. Palmada que deem na anca de um cavallo de nóra fazem-no estremecer como um ginete puritano d'Alfer, ferrado pelos acieates do mais habil Marialva. Ora abi tens para que eu quero a tal creança. Se fosse teu filho não me servia de nada, por que de um optimo jogador de faca nunca pode saber um soffrivel picador. Lá do neto do marquez de Montezellos, eu te promello, que se as hexigas o não lamberem, heide fazer o primeiro cigano das pro-

vincias do sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da creança por quarenta peças?

— Homem! tu queres-me botar a perder!...

« E's um asno... Perdido estás tu, se eu quiser: pelo menos nem matas a creança, nem recibes quarenta peças... Eu vou daqui direito a Elvas, fallo com o corregedor, e digo-lhe que a filha do marquez de Montezellos está como nós sabemos, e que tenho minhas razões para suppor que o menino ou menina hade ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece o que fará o corregedor? Intima incontinenti o pae para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

— E que tem lá isso?... apresenta-lh o morto...

Mas isso é o que não quer o marquez. Tu pensas que vaes matar essa creança para que não venha a succeder n'alguma grande herança? qual herança nem qual cabaça!... O caso e outro. O que o marquez não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

— Vou-te entendendo...

« Ora se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que elle tem em volta de si, que vem a ser escrivães, meirinhos geraes, meirinhos particulares, officiaes de diligencias, belegins, aguasis, finalmente as escolhas mais podres da humanidade... Entendeste agora?

— Está dito! Dou-te a creança, palavra d'honra!

« E eu dou-te 300\$000 réis, com que tu po-

des viver um anno honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma acção boa, e podes com o dinheiro que te dou arranjar um modo de vida que te resgate desse officio de carrasco em que estás atrellado ás sopas do marquez de Montezellos. »

« Eis aqui, senhor marquez, a parte mais interessante do dealogo, que tiveram o seu creado *Comefacas*, e o cigano.

« No fim de tres mezes, ás duas horas da noite, foi acordado o cigano para receber o recém-nascido. Era um menino, embrulhado nas dobras de um sacco, e comprimido na bocca por um lenço que a generosa parteira não apertou de mais, por que quiz desviar de si a maior responsabilidade do infanticidio.

« Não obstante, a creancinha vinha quasi morta, e principiou a reviver nos braços de uma ama de leite que o cigano tinha comsigo.

« Poucas horas depois, o cigano abandonava os logares onde vivera quatro mezes, traspassara a grossa manada de cavallos que tinha, e desaparecia do Alemtejo, onde nunca mais foi visto, nem mais noticia sua pôde chegar...

— Isso parece-me uma novella, senhor padrel — interrompeu o marquez — pois não houve mais noticia desse cigano ? !... quem nos affiança que tal cigano existiu ?

« Affiança-lh'o o proprio cigano, senhor marquez.

O padre Diniz de hoje não deixa mentir o cigano de ha quinze annos.

— Então v. s.^a conheceu-o ?

« Perfeitamente ; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu , senhor ; espero por tanto , que acredite na minha existencia, se não pertence á eschola dos pyrronicos.

« O marquez encarava-me com certo olhar reflexivo em que o respeito e o espanto se combinavam.

« Eu continuei.

« Tomei a meu cargo a criação do filho de sua irmã, senhor marquez. O pai do menino , a essas horas, estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos labios um beijo , para que o entregasse a sua mãe um dia , ou lh'o restituisse na presença de Deus, onde esperava encontral-o. Na minha presença, e nesses dolorosos instantes , é que D. Pedro da Silva escreveu uma carta á mãe de seu filho pedindo-lhe protecção para elle , se um dia tivesse proporções de dar-lh'a. Essa carta , que eu pude em tempo fazer chegar ás mãos de sua irmã, com a noticia da existencia de seu filho, é a mesma carta que v. exc.^a viu , e é justamente o alvará de algoz , que apresenta o conde de Santa Barbara, se lhe pedem explicação do direito com que martyriza sua mulher.

« Entretanto, senhor marquez , seu pai desembaraçado dessa creança que, sem fallar , apregoaria alta voz a deshonra de sua mãe, chamou-a para a-

sua companhia, tratou-a carinhosamente, e lamentou com ella a morte de D. Pedro da Silva! O cynismo de seu pai, senhor marquez, envergonharia Diogenes! Essas flores de saudade, depositas pela mão do marquez de Montezellos no tumulo do amante de sua filha, são o mais aviltante escarro que podia cuspir-lhe na face morta! E, quando eu creio que o cadaver estremece no tumulo, e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!...

α D. Angela apparecia, passado um anno, nos salões. Era ahi arrastada por seu pai, quando o não seguia, silenciosa e humilde, como quem receava desafiar-lhe as iras.

α O conde de Sancta Barbara era um rapaz, orfão aos deseseis annos, senhor de tres milhões de cruzados, e dissipador de grandes creditos, que contrahia sobre grandes usuras garantidas no futuro.

α Seu pai começou a metter-lhe á cara sua irmã; sua irmã, porem, nunca encontrou os olhos do joven conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando em seu auxilio a imagem do homem que morrera quando luclava com o pai, que lhe impunha despoliticamente o amor do conde.

α A luclta era desigual. D. Angela não teve coragem de ceder a vida ás ameaças de seu pai. Quando se viu abandonada de todos, recorreu ao proprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que

3 despresasse publicamente, e ella, em particular, lh'o agradecería com as mãos erguidas.

« Fallava com um rapaz, sem brios, sem nobreza de alma. e sem esse amor proprio que raras vezes se extingue na mais depravada alma.

« O miseravel revellou ao marquez as supplicas que tivera de sua filha. O marquez prometteu-lhe organizar um novo coração á sua futura esposa, com tanto que elle estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa, e a dotar com outros quarenta a sua filha.

« O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonara-se, e faltava-lhe, como já disse, aquelle nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso odio per commiseração!

« Tractou, por tanto, o marquez de organizar um novo coração á futura esposa do conde.

« Proponho-lhe o programma do seu processo, senhor conde: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se n'um quarto com ella. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas, e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia immediato achar um corpo vivo onde repetir as experiencias do processo, que elle chamava infallivel.

« Angela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pai não lh'o negou, e louvou-lhe a lembrança. Apareceu-lhe um padre, cuja consciencia o marquez amoldara pela sua. A

innocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça, e convenceu-se de que era ré de desobediência a seu pai. O padre, comicamente horrorizado, pintou-lhe uma legião de demonios de varios feitios que vinham buscal-a em corpo e alma para as abrazadas entranhas do inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão de seu pai, se ainda era tempo de sustar a vingança de Deus.

« O crime estava consummado. Com vergonha e compaixão declaro que a mão de um meu collega poz a pedra angular neste edificio de immoralidade !

« Effectivamente o coração da futura esposa do conde de Sancta Barbora recebera uma nova organização.

« Apenas os vestigios da maceração desapareceram da face de Angela, o conde, recebido em casa do seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos labios da filha.

« Mas que sorriso, senhor marquez ! Era a fiel expressão da martyr involuntaria, a quem pintaram Deus como um tyranno, que delega em seu pae o direito de tyrannisar-lhe o coração !

« O marquez accelerava o casamento. Vencera, com ameaças, a resistencia de alguns membros do conselho de familia do conde, e illudira a vigilância dos parentes, que o estorvavam, chamando para um casamendo clandestino o mesmo parochio, a quem pagara a confissão de sua filha.

« Não se dava neste negocio immoral um pas-

so que me fosse occulto. Eu fiz relações com o cura do parocho, por quem o marquez repartira um quinhão de confiança intima igual áquella que depositára no *Come-facas*.

« Consegui saber o dia do casamento, a hora, e a menor circumstancia desse sacramento, ignobilmente sacrilego, embora as leis civis sanccionem a relaxidão ecclesiastica.

« D. Angela de Lima era já condessa de Sancta Barbora.

« Ás duas horas da noite, o ministro de Deus, que vinculára para sempre aquellas almas por um vinculo de Satanaz, lavrava no chamado *livro dos casamentos* a acta de adjudicação de uma mulher, que fora alli ajoelhar aos pés do altar, ao lado de seu dono, mas que fora alli impellida pelo seu proprio terror das penas interminaveis do inferno, que seu confessor lhe abrira.

« O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a cerimonia, o marquez e o genro entraram na sacristia para assignarem o assento do casamento.

« D. Angela ficou orando, e eu, pouco distante, orava tambem por ella.

« Quando vi o conde curvado sobre o livro lutando naturalmente com as difficuldades de escrever o seu nome, pé ante pé, approximei-me de Angela, e entreguei-lhe uma carta.

« A pobre menina, assustada, deixou-a cahir. Disse-lhe o meu nome, e ella, tremula como a haste

de uma flor que não supporta uma commoção ligeira, tomou a carta do estrado, e vacilou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse.

« Chamada para assignar, a condessa de Sancta Barbora, ao perpassar por mim, murmurou estas palavras :

« Perderam-me... para sempre ! »

« As portas da igreja fecharam-se. Uma caruagem, cujo fremito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do justo, receber na fronte o stygma da sua escravidão. O codigo de Jesus Christo, interpretado pelo seu ministro, sanctificára esse stygma com o pomposo titulo de sacramento ! E eu, sósinho no adro do templo, com o peito varado de agonias que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma : « Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o atheismo fosse a suprema razão da humanidade, aquella infeliz não seria agora escrava. Porque o altar é uma irrisão á fé, o templo foi constituido um escriptorio de venda d'alma e corpo; e o padre é ahí como a porteira do alcouce, que conduz pela mão o primeiro que lhe paga á camara da mulher perdida que se vende. »

« E, levantando os olhos para o ceu, tremi horrorizado dos meus juizos. Pareceu-me que a minha blasfemia fora insculpida no astro da noite, como uma nodoa negra, atravez da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me

os joelhos, quando a palavra « perdão! » se me desprendeu dos labios como um grito atribulado do remorso

« A carta que eu entregára á condessa de Sancta Barbora era a do pae de seu filho, escripta nos prances do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residencia, onde poderia alguma vez receber noticias de seu filho.

« Não sei dizer-lhe, senhor marquez, o acolhimento que sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pae a vendera. É certo, porém, que no dia immediato ao do casamento, a condessa de Sancta Barbora, no cumulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, despresou as penas do inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediencia a seu pae. Tanto assim foi, que ella prohibiu tanto ao marquez de Montezellos como a v. exc.^a a entrada em sua casa.

« E como seu pae lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçára, sei que ella teve a coragem de responder-lhe, que, escrava de seu marido, estava isempla de ser escrava de seu pae, por que o não podia ser de dous senhores. E isto verdade, senhor marquez?

— Foi assim; e eu por isso, ha quinze annos, que não via minha irmã, nem meu pae tornou a

vê-la, nem mesmo á hora da morte conseguiu que ella o visitasse.

« Eu lhe digo, senhor marquez... quando seu pae se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro mezes, estava a condessa de Sancta Barbora, fechada n'um quarto, privada de luz, privada de alimentos, e incommunicavel para todas as pessoas, que não fossem o verdugo que seu pae lhe escolhera, e um creado fiel que a Providencia lhe deparára.

« Seu pae, senhor, morreu sem que sua irmã o soubesse, por que o conde lhe não deu tal nova, receando com isso dar-lhe prazer.

— E por que estava minha irmã fechada n'um quarto?!

« Durou oito annos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe...

— Pois não se explica essa atrocidade?

« Todas as atrocidades se explicam. Medite bem v. exc.^a, e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que sua irmã fôra amante e mãe, antes de ser esposa...

— Não o comprehendo bem...

« E' incrível!... V. exc.^a crê que a benção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

— Não....

« Basta, pois: se me não comprehende agora, deixe-me dar-lhe uma segunda explicação que vem confirmar a primeira.

« Poucos dias tinha sua irmã de casada, quan-

do o conde de Sancta Barbara, revistando-lhe os livros das suas orações, encontrou a carta que D. Pedro da Silva lhe escrevêra. As suspeitas do marido já não podiam ser illudidas por algum defeito de organização. Da carta constava em plena luz que sua amante fora amante, e fora mãe, e tinha um filho, vivo, entregue á educação de um padre, e recommendado, á hora da morte, pelo pae aos disvellos de sua amante. Tudo o mais que eu disser para explicar-lhe a reclusão de sua irmã durante oito annos, é uma ociosidade em mim, e uma impertinencia no senhor marquez.

— Comprehendo perfeitamente, mas v. s.^a que é padre, e sabe das cousas de Deus, me dirá se minha irmã não estava sendo providencialmente punida da sua falta...

« Não blasfeme, senhor marquez! Deus não permite que o instrumento da sua justiça seja um homem, que dá um tiro no generoso amante de sua filha, que lhe manda esganar o filho, que a vende por quarenta contos de réis, e que a faz passar do thalamo, onde subira deshonrada, a um potro de turturas, onde seu marido a faz expiar a traição que o sogro lhe fizera... Eu detesto a hypocrisia, ainda mais que a estupidez. V. exc. deu-se agora um ar beatifico nessa profunda veneração á Providencia que me fez descoroçoar de colher os fructos que esperava desta sementeira de palavras arrancadas com difficuldade ao coração...

— Franqueza, senhor! Que impressão lhe tem

feito a historia de sua irmã? Quer entregal-a ao marido?

— Não, senhor.

« Quer abandonal-a á miseria?

— Eu, por mim, de certo não posso dar-lhe uma opulencia que não tenho. A minha casa está empenhada...

« Pois seu pae não a indireitou, como elle dizia, com os quarenta contos da mercancia da filha?

— Não sei que fim levaram esses quarenta contos! Meu pae morreu devendo oitenta, e eu devo cento e vinte.

« E que lhe parece, senhor marquez: chegaria agora a occasião de eu fallar-lhe da punição providencial, sem para isso fazer tregeitos bealifecos?

— Será a punição providencial; mas eu não posso ser responsavel das injustiças de meu pae com minha irmã...

« V. exc.^a nesse drama sanguinario tem a sua scena, e é preciso que se lave com alguma acção que lhe não deixe vêr aos meus olhos a face borrifada de sangue...

— De sangue?!

« Que duvida, senhor. Já se esqueceu da facilidade com que desfechou uma clavina sobre D. Pedro da Silva?

— Quem lh'o disse para affirmal-o tão audaciosamente?

« A terceira pessoa dessa cobarde emboscada, *Come-facas*, quando estava bebado, era verdadeiro como Epaninondas Thebano... O crime passou, senhor marquez: a sua pouca idade desculpa-o; mas o remorso é o mais nobre sentimento de um criminoso. Condoea-se das gotas de fel que lançou no calix de sua irmã: lembre-se que lhe ulcerou o coração de chagas profundas, cujas dores só o amor pode mitigar-lhe. Dê um pouco de amor de irmão a esta infeliz senhora. Estanque-lhe as lagrimas com palavras ungidadas desse balsamo de esperança, que ella, coitadinha, pede, por que o seu espirito não pode nutrir-se de agonias somente.

— Que posso eu fazer-lhe, senhor padre Diniz? Não me dirá?

« Ainda as ultimas palavras desta glacial pergunta não estavam proferidas, quando a porta da sala se abriu, e a condessa de Sancta Barbara, formosa de um nobre orgulho que lhe reverberava no rosto, exclamou:

— « Desprezar-me!... E' o maior serviço que pode fazer-me meu irmão: é uma justa recompensa do sentimento que me inspira ha quinze annos!

« — A energia destas palavras, e a nobre soberba do gesto que as acompanhara, envergonhou o marquez, e encheu-me a mim de satisfação.

« Parece que um fio electrico fizera voar o meu pensamento ao espirito de D. Angela! Era justamente aquella resposta, que eu quizerá dar-lhe;

mas a consciencia accusava-me de ter eu sido o conductor daquelle homem á presença de sua irmã.

« O marquez, impassivel, depois da surpresa que o envergonhara, e rapidamente se desvanecera, ergueu-se, tomou o chapéo, e fazia uma despedida em retirada, quando a condessa, soberanamente altiva, tragicamente bella desses grandiosos rasgos de um orgulho corajoso, lhe estendeu a mão, indicando-lhe a cadeira em que devia sentar-se.

« Nunca eu vira, nem verei, situação real na vida, que melhor nos faça comprehender as posturas heroicas, em que o cinzel grego aprimorava a gloria da arte! Senti os calefrios do enthusiasmo! Cuidei que os lances da tragedia não podiam naturalisarse fora da scena; cuidei que a mulher, fraca e pobre de valentia moral nos grandes padecimentos, não podia, sem muito estudo, impor-se magnifica e magestosa, apesar de acurvada sob o peso da affronta e do desprezo!

« O marquez sentára-se, como se um braço invisivel o obrigasse. Fascinara-o talvez o olhar de sua irmã! Em mim pelo enthusiasmo, e nelle pelo ascendente do remorso ou da vergonha, a fascinação era real.

« A condessa sentou-se tambem; travou no irmão os seus bellos olhos colericos; limpou as bagas do suor que lhe banhavam a testa, e deu a cada uma destas palavras um tom de angustia, de severidade, e de arrogancia, que eu apenas posso recordar, e não insisto em descrever:

— E' preciso que me ouça, meu irmão. Ha quinze annos que nos não vimos: fui eu que o affastei com indignação da minha presença: lembro-lhe este facto, por que não duvido que o Marquez de Montezellos tivesse a cynica audacia de procurar ver-me no fundo do abysmo a que me atirou com a ponta do pé. O odio silencioso é um cancro que devora o coração. O martyrio que me infligiram meu pai e meu irmão foi-me tanto mais dilacerante quanto eu soffreei em mim o grito de desgraçada que elles deviam ouvir-me. Calai-me. Deixei-me arder neste inferno intimo, onde as esperanças em Deus parece que se extinguem no fogo da desesperação nos homens... Nunca fóra do meu quarto se ouviu um gemido! nunca pedi consolações aos meus nem a estranhos! Bebi silenciosa o meu trago de fel, na taça que meu marido me chegava violentamente aos labios. Apprendera assim a humildade, quando me ensaiei por flagellos que recebi de meu pai. Bem sabe, meu irmão, que eu soffria os seus despresos com o rosto risinho. Lembre-se que recebi insultos seus, quando lhe chamava « irmão » porque, dizia o mano... era injuriar-lhe o nobre sangue que lhe girava nas veias. Eu injuriava-o porque não queria ser mulher do conde de Santa Barbara de quem o mano esperava receber quarenta contos de rs. para desempenhar o seu vinculo. Eu injuriava-o porque não queria pagar com o meu corpo os desperdicios de meu pai, nem a herança de meu irmão. Eu inju-

riava-o, em fim, porque receava ser a victima expiatoria da traição que meu pai e meu irmão fariam a meu marido, entregando-lhe ardilosamente uma mulher que não podia ser sua, porque fora de outro... Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de *nobre* que era, degenerou para servil. Enojou-me quando o vi sentado a meu lado nos salões da condessa de Sancta Barbora, a quem chamava affectuosamente irmã, e a quem pedia perdão de a ter trazido á força ao throno de opulencia em que a via sentada. Lembra-se muito bem, que o encarei com uma certa compaixão que se doe do character rasteiro. Ao pé de mim estava o conde de Santa Barbora por quem meu irmão repartia as suas baixas adulações, visto que estava proximo o dia de receber os quarenta contos estipulados na venda da escrava, cuja liberdade era injuriosa ao nobre sangue que girava nas veias de meu irmão. Quando soube que estavam em seu poder os quarenta contos, e que a minha repulsa ja não podia tolher-lhes o ganho da sua veniaga, mandei retirar da minha presença um barbaro que se chamava pai, e um filho digno desse homem a quem eu me envergonhava de chamar irmão.

« Certo que os não vexei, porque lhes reputo o character invulneravel ao mais cortante vexame. Durante quinze annos não pude esquecêl-os porque de instante a instante cá sentia no coração profundar-se a chaga que elles me abriram. Depois do odio, viria o desprezo; mas o odio perpetua-

va-se com as dores do flagello que passou das mãos do meu pai e de meu irmão para as do meu marido. Saiba, senhor, que não fui eu que o mandei chamar, depois de quinze annos. Foi o voto espontaneo deste meu bemfeitor a quem, pela primeira vez, tive de reprehender uma acção. A sua presença recebi a como um ultrage; e ainda assim tive a fraqueza de apertar-lhe a mão. Quando ouvi perguntar que poderia o marquez de Montezellos fazer em meu favor, respondi, mas não respondi plenamente. Saiba pois, meu irmão, que sou a condessa de Sancta Barbora, vendida por oitenta contos. O preço do meu corpo é todo meu, comprehende-me, senhor?

— Não — respondeu rapidamente o marquez, fixando no chão os olhos rancorosos.

« Não? — tornou ella — pois eu lhe digo. Poucos dias antes da minha fuga de casa do conde de Santa Barbora, disse-me este homem que fosse a casa de meu irmão receber quarenta contos de reis que lhe emprestara ha quinze annos, e que vivesse delles longe da sua vista; e, dizendo-me isto, atirou-me com um titulo de divida... Eil-o aqui... preciso ser embolçada... A mulher vendida reclama o preço do seu corpo. »

« A condessa proferiu as ultimas palavras já de pé, com o titulo de divida aberto, e voltado para o marquez. Este, immovel e estupefacto, viu-a virar-lhe as costas, e sumir-se pela porta por onde, ha pouco, entrara. »

« Eu quiz ainda atalhar o ultimo lance desta scena; mas fiquei surprehendido com aquelle titulo. A condessa era tão nobre, que não quizera, mais cêdo, mostrar-me tal documento, receosa de que eu lhe aconselhasse que o pozesse em juizo.

« O marquez, superior a todas as affrontas, depois do primeiro choque, reanimou-se dos espiritos da sua herdada depravação, e surriu-se como por desprezo.

« Não me parece justo que se ria, senhor marquez! — lhe disse eu. Essa valentia moral com que v. exc.^a affronta desprezivelmente as afflicções de sua irmã, não lhe é honrosa, nem mesmo proveitosa. Eu, pela minha parte, declaro-lhe que esta senhora não precisa de alguém que a proteja no caso de querer embolçar-se judicialmente dos quarenta contos que v. exc.^a lhe deve. Eu, que lhe salvei o filho, heide ser um tão bom procurador, como fui cigano, e como tenho sido ministro de Deus ao pé de seu pai, de v. exc.^a, d'ella, e do pai de seu filho.

— O que v. s.^a quizer — disse o marquez desenfasiadamente, e desceu as escadas trauteando não sei que estribilho galhofeiro, dos que se ouvem nas orgias taverneiras do bairro alto. »

Suspenderei aqui a copia do *Livro negro* do padre Diniz.

O conde de Sancta Barbora era um desses muitos maridos corajosos, que recebem, sem vacillar o golpe de uma affronta que suas mulheres lhes dão. Essa coragem não é, porém, uma qualidade nobre. É o cynismo, o extremo opposto da honra, que, por uma dessas analogias dos extremos, se parece muito com a virtuosa resignação. O conde não fôra affrontado por sua mulher; mas, em quanto não soubesse os passos que ella dera fóra de sua casa, deveria julgar que o fôra. Não é preciso que um homem seja honrado para calar em si o vexame de uma preferencia, que lhe fere o orgulho; mas é rigorosamente preciso que seja de indole estragada até a lastima o marido que proclama a deshonor da mulher para justificar a sua. Tal fôra o conde de Sancta Barbora. Quando a consciencia lhe dizia que sua mulher fugira debaixo daquelle tecto, onde a desesperação e a tortura lhe golpeavam a vida n'um vagaroso paroxismo, esse homem excepcional vingava-se da infeliz, que não quizera morrer ás suas mãos, apregoando-a adúltera, e adúltera das que abandonam seus bondosos maridos para se hospedarem em casa de seus amantes. Se minha virtuosa mãe se suicidasse, o conde de Sancta Barbora talvez dissesse que uma paixão violenta por um amante, que a desprezára, a impellira a esse vergonhoso delirio.

Padre Diniz promettera espreitar os passos do

conde. As revelações feitas pelo conde de Alvações poupavam-no a diligencias. O caracter do primeiro estava definido, e o do segundo tambem.

O conde não alterou o programma com que voltára de Santarem. Poucos dias depois que entrára em casa, viram-no sahir com a galharda presença de um homem, que leva no rosto a paz da consciencia. Algumas horas antes, sahira uma traqui-tana com as portinholas cerradas. Quem dentro ia era a creada, o anjo da sublime paixão do conde. Anjo sublime lhe chamo eu, e não é por ironia que o digo. Para certos characteres são aquellas mulheres os anjos, e nem eu sei se é judicioso criticar um homem, que viu a sua felicidade, onde nós veríamos a nossa desgraça.

Antes de partir, o conde recebera a visita das primeiras pessoas de Lisboa, que por cerimonia se interessavam na sua saude. Para este culto respeitoso muito concorria a valiosa importancia que o conde tinha ao pé de D. Miguel. As illações que um politico poderia tirar desta sympathia, desta aproximação, desta importancia, não importam nada ao romancista que escreve uma historia contemporanea; mas tantas são ellas, e de tanto alcance na perda inexplicavel das instituições politicas em vigor até 1833, que muito valia a pena dissecal-as, sem receios de resvalar com o escarpello pela face de alguns que ainda vivem.

Ora o conde de Sancta Barbara a cada amigo que lhe perguntava pela condessa contava-lhe, e

constrangimento, a historia de sua mulher, em quanto solteira, a má vida que lhe dera como casada, e, por fim, o seu aviltante e inqualificavel procedimento no abandono em que o deixára, refugian-do-se, não sabia elle aonde, com o homem, por quem fôra preferido.

Minha mãe, por tanto, era o alimento ignobil das conversações das salas e das praças, quando o conde de Sancta Barbora, contente de si, e firme com todo o peso da sua perversidade, abandonava Lisboa, e sonhava voluptuosamente uma quadra de venturas novas, que tão risonhas lhe promettia o terno sorriso da sua amada Eugenia.

Padre Diniz, com o coração cheio de amargu-ra, e os labios cerrados pela compaixão que tinha de minha mãe, calou a vil reputação em que a pobre senhora estava sendo conceituada. Era ful-minal-a, talvez, uma semelhante denuncia.

Mas o padre não podia, com mais ancia, zelar a honra de uma filha, cuja innocencia lhe fosse uma convicção tão intima como a probidade de mi-nha mãe.

O primeiro passo dado pelo padre foi o unico que pedia dar-se em favor de minha mãe. Apre-sentou no tribunal, onde se tratau sevicias, e cas-tigam calumniadores, uma petição que não era só petição, mas um appello que a condessa de Sancta Barbora fazia a seu marido para repetir as infamias que lhe imputára na presença das pessoas que as propalavam em Lisboa.

Este requerimento de minha mãe produziu uma profunda sensação de remorso naquelles que a arrastaram ao pelourinho das praças, segundo a vontade de seu marido.

Era necessario que voltasse o conde para responder á interrogação, ao grito afflictivo, ás sagradas exigencias de sua mulher. Minha mãe tinha uma protecção unica: era o padre, que, apenas lhe pedira a sua assignatura, n'um papel em branco, por que não queria fazel-a sabedora do stygma que lhe cuspiram na face, senão depois que ella já o não sentisse.

Á hora em que o requerimento era despachado, o conde de Sancta Barbora chegava a Santarem. Ao apearse do seu cavallo, chegou á portinhola da traquitana, offerecendo o braço á creada, que se viu embaraçada com o cortejo das pessoas, que a reputaram condessa de Sancta Barbora.

O conde entrou melancolico no quarto da hospedaria, e queixou-se de uma dor fisica, que o não deixava respirar. Esta dor cresceu com symptomas assustadores, e os facultativos que rodeavam o leito do conde, olhavam-se mutuamente com esse olhar de desconfiança que aterra um enfermo. A idea da morte apresenta-se a um perverso com um cortejo de flagellos, que não sabemos se lhe mordem a consciencia varada de remorsos, se lhe despertam a anciedade da vida para novos crimes.

Algumas horas depois que a dor parecera apertal-o em seus braços de ferro até soffocal-o,

o conde sentira allivio, contorcia-se menos, mas desfallecera n'uma completa atonia do corpo. Uma febre violenta sobreveio-lhe immediatamente, e os medicos, declararam-no perigoso.

Vinte quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escriptão, um meirinho geral e perguntavam, não pelo conde, que o não suppunham alli, mas pelo tempo que lhes seria necessario para alcançal-o. Entre estes homens de justiça via-se um outro. Era padre Diniz, que se despedira de nós por dois ou tres dias indispensaveis para negocios seus.

Outro qualquer vacillaria, antes de levar uma citação velipendiosa á cabeceira d'um enfermo gravemente perigoso. O padre não. Os enviados do juiz de fóra pareciam hesitar, encarando a farda agalooda dos lacaios do conde, que encostados á porta do quarto de seu amo, esperavam as ordens que lhes eram transmittidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porem, instigava-os com a lei, e com o seu arde soberania menos facil de ser desobede-cido, que a lei de ser sofismada pela simples vista das librés do nobre conde de Sancta Barbora.

A ante camara de illustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarem, que vinham respeitosa-mente depor nas mãos da creada, como costuma dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incommodos do conde.

Padre Diniz e o escriptão e o meirinho atraves

saram a sala destes senhores maravilhados do que viam. Já com a mão no fecho da porta que abria para o quarto do conde, o padre Diniz, voltando para os grupos de fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadesa e intimativa: « Peço a v. exc.^{as}, que se demorem alguns minutos porque a sua presença vai ser necessaria para uma obra honrosa. »

E entrou no quarto do conde de Sancta Barbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o hombro da creada, que recebia, n'uma postura graciosa, o doce fardo de seu senhor.

Surprehendido pelo ruído da porta que rapidamente se abria, o febricitante abriu os olhos, e cuidou vêr mais tres fidalgos da comitiva, que não cessava de visital-o.

Padre Diniz cortejou ligeiramente o conde, e olhou de revez com estudado desprezo a desenvol-ta enfermeira, que, pelo donaire, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia á cabeceira do doente.

« Quem são vv. exc.^{as}? » perguntou o conde, esforçando-se em receber com a gravidade heraldica, que o caso pedia, os recém-chegados.

— « Pelo tractamento que nos dá — respondeu o padre — bem se vê que não temos a honra de ser relações de v. exc.^a Eu sou um padre, que neste momento, contra os canones, accumula d'al-guma forma as funcções de procurador de causas.

Este senhor é escrivão do 3.^o bairro, e est'outro é um meirinho.

« Que pertendem de mim? » — interpellou o conde franzindo a testa.

— « E' aqui ao senhor escrivão que compete responder » — disse o padre tranquillamente.

— Citar v. exc.^a — acudiu o escrivão — para o fim contheudo neste requerimento.

« Não devo nada a ninguem! » exclamou o doente, com a face duas vezes abrasada, pela febre e pelo orgulho irritado.

— Não se tracta de divida, senhor conde — tornou o escrivão — v. exc.^a perdoará se venho involuntariamente mortifical-o. Sou mandado aqui a requerimento da senhora condessa de Sancta Barbara.

« Que tem essa mulher comigo? » interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabellos que se lhe empastavam no suor da testa.

— A senhora condessa — proseguiu o inalteravel escrivão — queixa se de ter sido atrozmente calumniada por seu marido, e requer que v. ex.^a seja chamado a juizo para provar a calumnia, ou desdizer-se.

« Desdizer-me! — vociferou raivosamente o conde — Desdizer-me!... eu?... Você sabe com quem falla su beleguim, su miseravel, que o mando azorrargar pelo meu boleeiro!...»

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos, que estavam na ante-camara, a entrarem atropella-

damente pelo quarto dentro. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso, e assustariam qualquer homem que não fosse um es-
crivão de juízo do 3.º bairro. Não ha nada mais heroico que a impassibilidade com que o rasoavel funcionario respondeu ás ameaças do enfermo.

— Senhor conde de Sancta Barbora — disse elle, sorrindo bondosamente — a lei, cujo executor eu sou, exerce o seu dominio sobre os membros da sociedade no estado normal. V. exc.^a não pode ser authoado, porque as suas faculdades intellectuaes reclamam a enfermaria de S. José, e não podem achar o balsamo no Limoeiro. E se isto assim não fosse creia v. exc.^a que o authoava. Esperarei um intervallo lucido para que v. exc.^a assigne a citação, que vou lavrar, na presença destas testemunhas.

Em quanto o escrivão experimentava na unha os bicos da penna, que o meirinho lhe ministrava do seu tinteiro d'osso, o conde com os olhos torvos e esgaseados fixava djabolicamente a fysionomia de padre Diniz.

« Eu já vi este homem... outra vez!... — murmurava elle. — Era esta mesma cara... lembraste, Eugenia?... »

O conde não achou resposta a esta interrogação. Eugenia não pudera supportar a vista fulminante do padre, e fugira comicamente sobresaltada quando viu pelo quarto dentro a irrupção dos ca-

valheiros, attrahidos pelos gritos desentoados do seu amante.

O conde, espantado de não vêr a seu lado, a inseparavel companheira das suas agonias daquelle dia, rodava sobre o tronco, e procurava-a anciadamente em todas as direcções.

Padre Diniz, que ouvira a pergunta, e não vira a creada para responderlhe, aproximou-se lentamente do travesseiro do enfermo, e disse-lhe quasi ao ouvido :

— Sou eu effectivamente o homem que v. ex.^a viu...

« Defronte das minhas janellas... — atalhou o conde.

— Defronte das suas janellas — continuou o padre — justamente, quando v. exc.^a me mandou retirar, ameaçando-me...

« E comsigo estava um rapaz...

— Não ha duvida... estava comigo um rapaz...

« Quem era?

— Que lhe importa a v. exc.^a saber quem era? era um orfão, supponha, era um creança inoffensiva...

« E com que direito vem o senhor aqui acompanhando este escrivão?

— Eu sou o protector unico da senhora condessa de Sancta Barbara. Sou a sentinella vigilante da sua honra, e posso, sem escrupulo, dizer que o sou tambem da honra de v. exc.^a

« Da minha honra!... o senhor zomba de mim!... »

Este curto dialogo passára despercebido para os que estavam, alguns passos, distantes da cama do enfermo. O escrivão acabava de lavar o auto de notificação, ou como é que se chama, e offerecia attentiosamente ao conde a penna, para o indispensavel effeito da assignatura.

« O conde não hesitou accital-a ; mas, apenas a recebeu, deixou-a cabir, como se a mão lhe paralisasse nesse momento. Á queda da penna succedeu a queda das palpebras, e uma somnolencia profunda lhe deu ás feições a placidez cadaverica d'um moribundo sem paroxismos.

Esta transição improvisa levou o terror ao espirito do proprio escrivão, que, de bom grado, se retiraria, se uma lei ferrenha lhe não infligisse em perda d'officio a imperfeição do solemne mandato.

Neste momento entrou um dos facultativos, que tomou o pulso ao doente. « E' uma syncope — disse elle — os symptomas não são aterradores ; mas apoz esta pode vir uma que o mate. »

— Senhor doutor, que doença é esta do senhor conde ? — perguntou o padre.

O doutor encolheu os hombros...

« E' um caso novo na minha clynica, e na dos meus collegas — disse elle. — Temos esgotado ha quarenta e oito horas todos os recursos, e esperamos um diagnostico mais caracteristico para capitularmos este caso extraordinario.

O doutor iria espriar-se n'um manancial de palavras arevezadas e tumidas; mas o conde de Sancta Barbora abriu os olhos impetuosamente, e cravou-os ainda no padre, como se acabasse de vel-o n'um sonho pavoroso para encontral-o ainda na realidade de accordado.

Esperava-se daquelles labios convulsos e semi-abertos uma imprecação, uma blasfemia, uma injuria, ou pelo menos um brado pelo boleeiro, armado do afidalgado chicote, quasi sempre instrumento preferido nas desforras fidalgas.

Não aconteceu assim. O conde, com olhos serenos, e o rosto quieto, como se o anjo da guarda lhe tranquillisasse o espirito, olhou em derredor de si, e murmurou a meia voz:

« Antes que eu assigne este papel... peço que me deixem só com este senhor. »

A pessoa, que elle apontava, era padre Diniz.

Os circumstantes retiraram, e padre Diniz fechou-se por dentro.

XV.

Padre Diniz, sem acertar com o assumpto daquella entrevista extraordinaria, fechou sobre os que sahiram a porta do quarto, e aproximou-se respeitosa da cabeceira do enfermo. O conde, sem levantar os olhos das mãos, que tinha cruzadas sobre o peito, em devota postura, depois que humedeceu com a lingua os labios ressequidos do ca-

lor da febre, fallou assim pausadamente, dando a cada palavra o tom lugubre de uma solemne revelação, feita á hora da morte:

« Senhor padre! eu se escuto a minha consciencia ouço accusações, que me affligem; mas se consulto o meu coração absolvo-me dos meus peccados, isto é daquelles que commetti em aggravado da condessa de Sancta Barbora.

Padre Diniz cortou depressa o silencio em que ficára o condé:

— Antes escute a consciencia, senhor conde, por que o coração apaixonado é um mau conselheiro, que, depois de instigar o crime, não tem duvida alguma em absolvel-o.

« Mas a cabeça, senhor, inclina-se para o coração... Eu precisava vingar-me... vingar-me, sim!... Zombaram da minha innocencia... fizeram a minha alma victima da minha riqueza... Se eu fosse um pobre não viriam os especuladores tolher-me a felicidade de toda a minha vida...

« Não o comprehendo bem, senhor conde... Visto que v. ex.^a me faz a honra de querer ouvir-me, quizera eu que me aclarasse as suas idéas de modo que eu possa responder...

« Pois sim, responderá, mas eu é que tenho poucas... ou não tenho nenhuma perguntas a fazer-lhe... Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se o não forem, ouça-as repetidas por mim que são ditas como na presença de Deus... Hade ouvil-as com paciencia, e eu hei-de dizel-as com repugnancia

mas com verdade... Eu era uma criança quando o marquez de Montezellos, mascarado de uma hypocrisia astuciosa me veio perturbar nos meus desvarios de rapaz, que não faziam mal senão a mim, que os comprava á custa do meu dinheiro... O impostor lamentava os meus desperdicios, e doia-se — dizia elle — de vêr tão mal encaminhado o roteiro do representante de uma das mais illustres casas de Portugal.

« Primeiro ouvi-o com impaciencia; depois affiz-me áquelle pertinaz perseguidor, que se deu a liberdade de entrar em minha casa a toda a hora, de mandar os meus creados, de intervir nos meus negocios, e de zelar os meus interesses com affecto paternal.

« O seu primeiro trabalho foi indispor-me com o conselho de familia, convencendo-me de que era uma cabilda de ladrões, que medravam no banquete da minha fortuna, e me davam a mim os sobejos delle. Fazia-me concordar na ladroeira que me faziam, por que me não davam quanto eu lhe pedia, e se eu replicava mostrando que a receita era maior que a despeza que me arbitraram, respondiam-me com as suas contas futuras no acto da minha emancipação. Estas *contas futuras* dizia o ardiloso marquez que eram palavras escolhidas para contemporisar o roubo, e organizar um saldo que tornasse ainda por cima os ladrões credores.

« A continuação destas calumnias estudadas capacitou-me. Era necessario estorvar o progresso

do roubo, e para isso dizia o meu habil conselheiro que o meio unico era o meu casamento.

« Eu detestei esta palavra, cuja realisação nem em sonho me tinha vindo á cabeça. Era a primeira vez que se me impunha como necessidade um estado que eu aborrecia nos outros, por que bem cedo estudei os outros, e bem gravadas tinha ainda na memoria recordações de minha propria casa.

« O conselho do marquez tomei-o como um dito banal, não obstante a seriedade grave com que me foi dado. Ainda assim o importuno recalcitrava, e queria que eu lhe respondesse alguma cousa. Uma vez, por me desfazer de uma conversa fastidiosa, despedi-me d'elle, dizendolhe que o melhor conselheiro de casamento era uma boa mulher solteira.

« O marquez sorria-se com não sei que ar de alegria, que me fez scismar! Eu não era tão simples que não visse naquelle riso uma expansão de calculo mal comprimida!

« Eu bem sabia que o marquez tinha uma filha. Lembrava-me de a ter visto dous annos antes, muito linda, muito cortejada, mas muito dedicada a um filho segundo do conde de Alvações. Lembrava-me tambem de uns tiros que a horas mortas, foram dados sobre o namorado de D. Angela, dos commentarios que a sociedade fizera ao acontecimento, e da entrada violenta que o pae lhe obrigára a fazer n'um convento.

« Todas estas recordações, quasi desvanecidas, por que nunca mais vi D. Angela, eram ainda assim

razões de mais para que a filha do marquez não valesse a pena de um namoro, quanto mais a loucura de um casamento! A existencia della para mim era uma cousa tão indifferente, e mesmo tão sem poesia, que, durante alguns mezes de familiaridade com o pae, nunca me deu para perguntar-lhe por ella; e se algumas vezes me lembrava que o meu inseparavel mentor tinha uma filha, julguei que devia não fallar-lhe della, por que talvez a sua melindrosa susceptibilidade se ressentisse.

« Como poderia eu lembrar-me sériamente de ser o esposo eleito da filha do marquez de Montezellos!...

« Fui a um baile do conde de Collares. Entrei por alli dentro, deixe-me dizer-lhe a verdade, com tenção feita de namorar uma mulher que viesse equilibrar a desenvolta paixão que eu tinha por cães e cavallos de raça. Parecia-me que um rapaz não estava bem sem uma mulher, que morasse n'uma rua espaçosa, onde pedesse um bom cavallo arabe saltar em corcoyos mortaes, que dessem uma alta idéa do cavalleiro á sua namorada. Aqui têm, senhor padre, como em mim principiaram as chamadas idealissimas aspirações da mocidade. Vaidade de admiração, desejo de assustar uma mulher, e de exlasiá-la, mostrando a superioridade das minhas pernas aos galões e solavancos de um cavallo. Triste definição do amor, por mais exclusiva que ella se seja!... Vamos adiante...

— « Sente-se talvez incommodado com o es-

forço que faz em fallar? — interrompeu o padre.

« Pelo contrario, senhor... estou melhor, quando recordo épocas em que fui menos infeliz... Como lhe disse, entrei nos salões do baile, e fitei com avidéz muitas mulheres. Mal entrára, o marquez eslava comigo. E, depois das imprerogaveis frioleiras de um cumprimento, travou-me do braço, e disse-me que queria apresentar-me a sua filha.

« Fui não sei se de boa vontade, se machinalmente. O caso é que fui, e vi ao cabo de uma fileira de cadeiras uma formosa mulher, uma figura deslumbrante, um mixto de riqueza e formosura que me pasmou. Era necessario atravessar vagarosamente a multidão de homens, e eu anciava por avisinhar-me daquella mulher, muito contente, por suppor que a filha do marquez lhe não estivesse longe.

« A minha curiosidade não me deixou tempo de a reconhecer ao pé. — Quem é aquella mulher que está sentada na última cadeira? — perguntei eu ao marquez. — E' minha filha — respondeu elle — Sua filha? — interrompi eu com um espanto imbecil. — Sim, senhor; pois nunca a viu? — Creio que não... pelo menos nunca a vi com os olhos que tenho hoje... »

O marquez tornou a sorrir de mim com a alegria de outra vez; e foi comigo abrindo as massas cerradas de homens até nos aproximarmos da bella rainha da festa.

« A minha illusão desmereceu um pouco com a visinhança; mas nem tudo era illusão: a mulher,

vista de perto, augmentara em valor de coração, o que perdia no quilate dos olhos. Era mulher para ver-se, mas era mais para amar-se... Como eu pude n'um momento jogar com todas estas idéas!... O amor tem estas intuições illuminadas, que podem fazer callar a mais frenetica paixão por cães e cavallos de raça.

« Comigo deu-se o caso!

« Angela recebeu-me com frieza, mas sem orgulho. Pareceu-me triste. Na face não tinha a frescura da innocencia feliz. Não me espantou. O homem que aquella mulher amára muito, tinha morrido, e quem sabia se ella lhe amava ainda a memoria?

« Eu disse-lhe logares communs, e ella respondeu-me com monossyllabos. Fallee-lhe em cousas do coração, respondeu-me com o silencio. E a verdade é que eu estava amando-a. Sentia uma energia de alma, um incendio repentino, que me fazia superior a mim. Que miseria! até dessa imagem que eu suppunha viver-lhe n'alma, como a sombra de um cadaver, dessa mesma tinha eu ciume! Notei-lhe a difficuldade que lhe sentia em responder-me. Angela sorria-se, e eu tomei-lhe por escarneo aquelle gesto de distracção, talvez, se é que elle não era uma leal expressão do seu infortunio...

« Retirei-me azoado com a gelada recepção que me fez. O pae parece que nos contemplava de longe. Mal me separei da filha, sahiu-me ao encontro. Vinha perguntar-me delicadamente o valor da

filha, como eu pergunto a um picador o valor dos meus cavallos. — Então — disse elle — esteve entretido? — Sua filha é muito economica de palavras — respondi eu. — Então ella não fallou? — perguntou elle em ar de zangado. — E' que não estava bem comigo — rematei eu, para ir complimentar algumas tias minhas que me acenavam.

« Eu não podia, a despeito do amor proprio desviar os olhos de Angela. Se ella tivesse dito torrentes de eloquencia, amava-a naturalmente pelo espirito. Como não disse nada, amava-a pelo silencio. O coração do homem é como o paladar dos pobres: tudo lhe sabe a comer.

« Vi que o marquez foi direito como um raio á filha; inclinou-se um pouco ao ouvido d'ella, e disse-lhe cousa que a fez pôr os olhos no chão, e, apenas o pae voltava costas, Angela levava um lenço aos olhos enchugando lagrimas.

« Fez-me impressão isto! Que lhe diria elle?

« O homem estava outra vez de volta comigo, chamando o assumpto da conversação para a filha. E eu não me enfadava com tal. Dizia que Angela tinha indisposições momentaneas, que elle não sabia se eram romanticismo, se temperamento melancolico; mas que estava pela primeira conjectura attendendo ao coração de sua filha, que tinha sede d'um amor puro e sancto como a sua alma. Não podia dar-se um melhor corrector de corações sequiosos!... Mas a verdade é que estas informações de tão bom canal enthusiasmaram-me a vaidade.

O marquez era experimentado como todos os homens gastos ! Sobejava-lhe em maldade, o que a natureza lhe não dera de cavalheirismo. E, por tanto, o homem adivinhava uma a uma cada sensação, que as suas palavras me imprimiam. Sempre me disse cousas da filha!... Eu hoje estou corrupto, senhor padre, e penso que não ha salvação para esta alma perdida no abysmo do mundo; mas ainda assim não sei explicar o desavergonhamento do marquez, quando me dizia que tornasse ao pé da filha, que talvez a encontrasse já d'outros humores. E pareceu-me tudo tão bem, tão natural então!...

« E, em verdade, quando finalmente me aproximei de Angela achei-a docil e risonha. Uma cadeira vaga junto della, proporcionou-me uma conversação, que, neste momento de confissão geral lhe digo, senhor padre, que é a reminiscencia que em todo o tempo me suslevo o braço para que eu mais tarde não enterrasse um punhal no seio da filha do marquez de Montezellos. »

« Sentado ao pé della, apesar da minha desenvoltura, sentia-me sopeado de entendimento, e fahlo d'expressões como um parvo dos meus mais parvos foreiros. Chegou a hora da coragem, e eu disse-lhe que a amava até no delirio. A fé de cavalheiro que lhe não mentia! Que cousas eu lhe disse, e que respostas ella me deu! Basta que eu lhe diga, meu caro senhor, que de todo o contheudo da nossa pratica resumida, resultou-me um decidido não, da

parte della, que me fez dar em terra com a alma do amor, para me levantar até á furia a alma do orgulho...

« Eu já sabia essa historia — accudiu o padre.

« Já sabia esta historia? contou-lh'a ella?

— « Sei-a, não sei se d'ella, se de quem, sei que é uma das mais bellas flores da coroa de martyrio da senhora condessa. Uma tal confissão, feita por v. ex.^a, priva-o de encaminhar a sua narração até encontrar justiça para o seu mau procedimento com a desgraçada filha do peor dos paes...

« Não acho conveniente — atalhou o conde — que v. s.^a se metta a juiz antes de ouvir o depoimento do reo...

O doente, por mais de uma vez, acompanhára d'um sorriso ironico certas expressões que o leitor terá notado.

Era esse o seu caracter, e seria mais facil fazer sorrir uma estalua, que tirar o sorriso aos lábios do conde.

O padre admirava aquella incoherencia, mas explicava-a melhor que eu posso explical-a. Dizia elle no seu *livro negro* que o rir do conde de Sancta Barbara era um acto tão natural e espontaneo na sua organização, como as lagrimas em outras organizações. E acrescentava elle, que tanto devia julgar-se mau o rir d'uma, como bom o chorar d'outras, porque ha homens, e especialmente mulheres, que tem um reservatorio de lagrimas sempre á bica, e uma machina de risos com as ro-

das sempre azeitadas. A expressão tem de verdadeira o que lhe falta de bonita.

O conde que conhecia os seus costumes, e não era hypocrita, atalhou as reflexões mentaes do padre, com esta justificação plena dos risos equívocos :

« Rogo-lhe que, por bondade, não traduza mal estas minhas expressões galhofeiras. Eu fui sempre assim, mesmo no mais apertado de minhas desgraças. Quando não tinha com quem fallar, escrevinhava enredos de chistosos romances, que poderiam muito bem revellar um homem de espirito truanesco. Pois não é assim, senhor padre! Por minha salvação lhe digo que entranhei até ao fundo da minha alma o horror da minha posição moral neste mundo... Basta de reflexões, não lhe parece?

— « Não se prive de fazel-as, senhor conde... É pena que...

« Que é pena?...

« — Que v. exc.^a não seja perfeitamente feliz!... Selo-h'a se no baile do conde de Collares tivesse um amigo que lhe dissesse: olha que te aviltas, perseguindo uma mulher que te repelle.

« Não tive amigo, não tive ninguem... ao menos nessa noite. O meu segredo não podia eu confial-o, porque me envergonhava... Onde o meu orgulho podia desabafar era nas revelações feitas ao pae de Angela... mas, é tão natural que me custasse então ... fazel-as!... E' preciso que eu já amas-

se muito aquella mulher para me envergonhar de fazer seu pae meu confidente !...

« Se eu não fosse muito creança , deveria ter sido muito escasso de timbre e de dignidade ! A repulsão tinha sido gravemente senhoril ; mas eu quiz capacitar-me de que D. Angela era muito grosseira. Amuado , e frenetico , como um rapaz de escola em quem deram duas palmatoadas , ia retirar-me do baile , quando o marquez , vigilante espreitador de meus passos , me sahio ao encontro.

— Então que é isso ? — disse elle — retirar-se ? !

« Retiro-me— lhe respondi — porque não estou bem. Eu não sou homem de bailes , porque não sei fallar com esta gente : creio que sou muito estúpido ; ou muito feio !... parece que não valho um caracol , quando desço do meu cavallo preto para o chão onde toda a outra gente anda !...

— Não estejas assim zangado — tornou o meu nobre amigo e senhor marquez de Montezellos , es-treitando-me cordealmente ao seu sensível peito — és ainda muito rapaz , meu conde , e eu quero fazer-te homem á força , para que se não diga que tal és tu como eu.

« A este abraço expansivo , e ao *tu* , que o acompanhou , devia seguir-se o tracto , a confiança , e a familiaridade , a que eu , até esse momento , difficultosamente me afizera. Desde então o marquez , com os seus quarenta e quatro annos , parecia-



me um rapaz, tractavamo'-nos por *tu*, contava-me as suas rapaziadas pedindo-me segredo inviolavel, e de todas que me contava tirava sempre esta gloriosa conclusão :

— E tudo isto que fiz, meu conde, são aventuras do tempo de casado ... Já ves que o casamento é um contracto politico, civil, economico, e hygienico até certo ponto. Em quanto gostei de minha mulher, gostei; depois que a vi muitas vezes sempre com a mesma cara, com a mesma cintura, e com a mesma mão e pé que me fizeram endoudecer de enthusiasmo, desejei que ella tivesse uma grande mão, um pé inglez, uma cara saloia, e uma cintura mais larga que as espaldas. Como a estatua não se transfigurava, detestei-a.... não digo bem... não a detestei como um bello traste dos meus aposentos, mas sim como excrescencia matrimonial á minha vida. Ora ahí tens, meu conde... a mulher com quem se casa é de todas as mulheres aquella com quem menos se casa. Sabes porque eu te digo, porque te conto estas saudosas bambuchatas ?

« Eu sabia perfeitamente ... O virtuoso marquez dava-me prelecções que deviam alentar-me o espirito, se a idéa do casamento me intimidasse com o seu captiveiro de toda a vida.

Que generoso sogro ! Dispunha-se a levar-me pela mão até ao altar com sua filha ; mas de antemão, attendendo à grandesa do meu sacrificio, resgata-va-me da servidão, e desquitava-me de todos os res-

peilos devidos a minha mulher ! Como não ha de ser sollida a belleza da sociedade, com sustentáculos da força do marquez de Montezellos !...

« Mas tornando ao baile : como eu fosse muito instado do marquez pelos motivos da minha apouquentação, respondi-lhe com a mais estúpida singeleza, que sua filha não gostava de mim. Envergonhame hoje desta simplicidade... hoje !... pois já é preciso muito, senhor padre ! Vejo que tenho ainda a atravessar longos estadios de immoralidade para correr parellas com o meu defuncto sogro !... não acha ?

— « Deus é que vé os corações; e permita elle que seja assim ! — respondeu o padre tão enjoado da historia que ouvia, como compadecido da baixesa a que pode vir um homem dos que a sociedade considera mais altos na nobresa do sangue !

Oh ! se a nobresa de sangue importasse a idéa de nobresa de espirito !...

O padre continuou :

— Naturalmente o marquez foi de novo intimar a filha não é assim ?

« Nada ; então fui eu que não consenti, porque o homem nem ao menos soube fingir-se; largava-me o braço como um furioso de comedia, quando eu o sustive, dizendo-lhe que não tornava a sua casa se elle desse á filha uma palavra só a meu respeito, em quanto estivesse-mos no baile. Portou-se bem: nunca o vi fallar com ella ; mas esse mesmo silencio a castigava, e annunciava-lhe, talvez, os carinhos

paternos que tinha a prodigalisar-lhe em casa... Po-
bre Angela! Deus sabe o que ella soffria... eu
creio que muito!... »

O conde suspendeu alguns minutos a sua nar-
ração. As ultimas palavras eram balbuciadas com
a tremida inflexão do dó. O espirito do bem pedira
àquelle coração uma lagrima de magua, e um espi-
nho de remorso. A lagrima denunciou-se, e o con-
de, como envergonhado della, cerrou as palpebras;
mas o espinho esse não podia esconder-se... aquelle
silencio tinha em si a afflictiva mudez forçada pela
mão que nos suffoca as palavras na garganta.

Decorreram esses cinco minutos de silencio,
unicos talvez de vida, de consciencia, e de digni-
dade humana, que tivera o conde até aos seus trin-
ta e dois annos.

Padre Diniz, assustado com a transfiguração
do enfermo, passou-lhe a mão pela testa, sondou-
lhe o pulso, e chamou-o com sobresalto. O conde
abriu os olhos, e fixou-o com um certo ar de bran-
dura, que impressionou religiosamente o padre.

— Sente-se mais doente?

« Sinto-me fatigado... — respondeu o conde
sem aquella energia de voz e de exposição que ad-
miravelmente empregara até aquelle momento.

— Assim devia acontecer — tornou padre Di-
niz. — Esquecemo-nos ambos do estado de v. exc.^a...
Devia eu lembrar-me; mas, snr. conde, eu tinha
tanta necessidade de ouvil-o para combinar os lan-
ces desta sua tão desgraçada vida domestica!...

« Muito desgraçada... muito... »

O conde continuava quando bateram á porta.

O medico instava porque o doente tomasse uma porção de remedio; mas o doente fez-me signal de que não abrisse: elle mesmo respondeu que não podia a porta ser aberta, e continuou:

« Deixe-me, senhor, ceder a uma sensação, que nunca na minha vida experimentei... E' uma cousa nova... E' uma apparição melancolica, um não sei que de luz celeste que me transparece d'alem de tão longe, atravez desta minha longa noite de quinze annos... Estou-a vendo ainda no baile!... Como eu hoje vejo com os olhos do espirito aquella mulher que me fez tão desgraçado, e eu tão desgraçada fiz!... Como eu era feliz se o meu coração tivesse sido sempre assim!... Angela era tão bella quando me pedia que a não amasse! Oh! ninguem viu como ella era uma mulher que devesse mover tanto a compaixão!.. Acarinhavam-na tanto as mulheres... iam e vinham tantas vezes a consolarem-na... murmuravam não sei que desgraçada profecia de seu destino! Agora, sim, agora é que eu ouço e sinto as palavras de um homem, que o mundo chamava poeta, e que eu não sabia o que era!.. Esse homem, vendo-me tantas vezes ao pe de Angela fallou-me della, com tanto respeito, com tanta ternura, e com os olhos embaciados de lagrimas!

« Conde — dizia-me elle — repara bem naquella mulher... é uma flor meia seca supplicando que a desfolhem, porque não pode, no outono das lagri-

mas, supportar as saudades da sua linda primavera! Tu não sabes o que aquillo é... Vai deste mundo retalhada de agonias... Tinha na alma um sacrario de amor... converteram-lh'o em taça de fel.. Querest tu, conde, verter a tua gola no coração dessa infeliz? !.. Deixa-a, porque a memoria de um primeiro amor... o cadaver de um primeiro amante alimenta aquella existencia de uma nutricao de saudades que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe... Deixa-a, por piedade, não a compres a seu pae que compras uma escrava morta... »

Padre Diniz com o entusiasmo radiante nos olhos, interrompeu o silencio seguido ás ultimas palavras do conde:

— Esse homem, esse poeta, nunca mais lhe fallou a mesma linguagem?

« Nunca mais o vi, nem encontrei quem me fallasse delle mais.

— Pois não era conhecido na sociedade?

« Dizia-se que era um mysterio..... Fallei só com elle duas vezes. Na primeira folgava de ouvil-o como folgo de ouvir cantar os passaros nas olaias da minha quinta! Que fallar elle tinha! Na segunda vez que o encontrei na minha quinta de Almada, um dia depois do baile, foi que elle me fallou de Angela... Procurei-o depois... nunca mais o vi... Era um homem de quarenta annos, tinha um bigode negro, e uma estatura delicada... Fallava como nunca ouvi fallar ninguem... Foi uma pena perdel-o... Hoje, mais que nunca, o fallar daquelle

homem devia ser um hymno a cujo som as minhas desgraças adormecessem.

— Era admiravel! appareceu-lhe como um anjo de salvação, e abandonou-o, quando v. exc.^a mais necessitava dos seus conselhos!

« Abandonou-me, quando viu que eu lhe escusava os seus disvellos. Pareceu-me uma maravilha! Appareceu, como milagrosamente no seio d'uma sociedade, que o não conhecia. Não disse de quem era filho, mas foi appresentado na sociedade por um marquez das primeiras familias de Lisboa, talvez o unico que o conhecia. Quando repentinamente se escondeu, muita gente indagou o descaminho de Sebastião de Mello, que assim se chamava. As informações tardaram, e supposeram-o cavalheiro de industria. Disse-se que era filho bastardo do conde do Vizo, que residira no Minho e morrera. Muitas outras cousas se disseram a respeito d'elle. Uns attribuiram-nas á mania de romantisar os homens mysteriosos, outros acreditaram-nas, e farejaram o rasto deste homem, que não poderam encontrar. Naturalmente morreu.

— Morreria. Mas que podiam então dizer-lhe Sebastião de Mello, que não possa hoje ser-lhe repetido por qualquer homem de coração, de intelligencia, e honra?

« Tudo, que me disserem, vem tarde. Cahi... A beira do abysmo é que me valiam amigos. Hoje, senhor, os amigos o mais que podem é lastimar-me. Lastimas é que eu não agradeço, nem sei de

que sirvam. Nunca disse a ninguem os desgostos secretos de minha casa. Nunca me apparetei desgraçado para me fazer interessante á compaixão dos outros. É natural que o mundo adivinhasse o horrivel segredo do meu inferno domestico, pela solidão a que me dei, desde que me vi maneatado a D. Angela de Lima. Nunca vim com ella a publico. Não poderia vir sem me denunciar pela face. Ha certas vergonhas que fazem córar as caras mais superiores aos risos sarcasticos da sociedade. Parecia-me que o mundo, ao ver-me associado tranquilamente a uma mulher... assim, motejaria a minha boa fé, e me daria, por commiseração, o suave epitheto de pobre homem...

— E por consequencia — atalhou padre Diniz — as nodoas da sua soberba queria v. exc.^a laval-as nas lagrimas de D. Angela de Lima, fechada oito annos n'um quarto, com a fome e a sede por companheiras, e o desespero da alma como consolação. Era um expediente barbaro, senhor conde! A sua alma decerto não se sentia aliviada. O systema de affrontas villãs e covardes com que v. exc.^a atormentava sua senhora, não podia fazer-lhe menos suave o arrependimento, nem mais supportavel a vergonha. Qual era o seu fim?

« Matal-a, lentamente... »

— E' verdade, matal-a lentamente. Se v. ex.^a não tivesse a franquesa de me responder tão lealmente ás suas intenções, eu mesmo me responderia em nome da sua consciencia. O senhor conde que-

ria que sua esposa morresse, mas não queria matá-la... Suavisemos um pouco a linguagem deste modo. A cousa dita assim é menos revoltante, e mais verdadeira talvez. O que v. exc.^a queria era que D. Angela de Lima morresse de modo que o mundo dissesse: « morreu de pesar, de vergonha, de remorso, por ter enganado um homem que a comprou muito cara, por que a reputava uma joia de innocencia, um coração immaculado, e uns labios por onde nunca passára um riso de affeição, que não fosse conquistado pelo seu comprador. » Era isto que v. exc.^a queria que o mundo dissesse, não é verdade?

O conde de Sancta Barbara olhava estupefacto para o padre, como se cada uma daquellas palavras lhe fosse rasgando fibra a fibra o coração, para devassar-lhe o segredo da sua consciencia, que elle fechára para todo o mundo. Silencioso á pergunta que lhe fôra feita, o conde levou a mão direita aos cabellos que lhe cahiam na testa humida d'uma transpiração repentina, inclinou-se um pouco sobre o braço esquerdo, cerrou as palpebras, e pareceu assentir á pergunta do antigo cigano da quinta das Alcáçovas.

De novo, bateram á porta, intimando o illustre enfermo, da parte da incansavel medicina, para tomar um xarope. Padre Diniz, sem consultar o conde, abriu a porta, recebeu o copo, conduziu-o ao doente, e perguntou-lhe se tinha algumas ordens a dar. S. exc.^a respondeu negativamente com um

aceno. A porta foi de novo fechada pelo padre, que continuou, em pé, com os braços cruzados diante do seu interlocutor, que o encarava espantado, sem comprehender a fascinação que o humilde padre exercia sobre a sua arrogancia.

— Senhor conde, vamos arrancar alguns espinhos da sua consciencia. Não ha desgraça absoluta debaixo do ceu. Todos somos infelizes, quando olhamos a medalha por uma só das faces. V. exc.^a é um problema. Cheio de vaidades pela sua honra, apurado no timbre da sua dignidade a ponto de imaginar que todo o mundo lhe adivinhava os reconditos segredos da sua deshonra, como pôde atirar ao mundo com sua mulher, proclamando-a adúltera, para se justificar das accusações que ella poderia fazer-lhe? Isto não tem solução: é o problema da insondavel prevaricação do homem!... Vamos adiante. Eu não quero fazel-o feliz. Isso é impossivel. A hora de Sebastião de Mello passou. Agora é-me necessario imaginar que a sombra de Sebastião de Mello me está aqui segredando ao ouvido as consolações que esse homem inspirado poderia dar-lhe, se vivesse...

« Se vivesse... fugiria de mim » — interrompeu o conde, agitando-se febrilmente.

— Talvez, não... eu creio que não. O profeta do infortunio viria, como Jeremias, chorar nas ruinas, que predissera, quando a opulencia de Jerusalem meditava o crime, que a fez cahir para sempre. O seu amigo viria lastimal-o; e embora as la-

grimas do amigo lhe pareçam estereis, creia que o não são, senhor conde. Confortam, quando não restituem ao infeliz o vigor da alma, a crença n'um melhor futuro, e a tranquillidade no meio do assedio de desgraças, que neste momento parecem empenhar-se em escurecer-lhe a vida. Sebastião de Mello fallar-lhe-hia assim: Conde, ha quinze annos que eu te disse: essa mulher tinha no coração um sacrario d'amor... converteram-lh'o em taça de fel. Queres tu verter a tua gola no coração dessa infeliz? Deixa-a, por que a memoria d'um primeiro amor, o cadaver d'um primeiro amante alimenta lhe a existencia d'uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe...

« Quem lhe disse essas palavras? — interpellou o conde convulsivamente agitado.

— Foi v. exc.^a, ha momentos. Recorde-se que me fallou do homem, que o mundo chamava poeta. E', pois, esse homem, que eu consulto, neste solemne momento. E' em nome dessa mysteriosa apparição, que eu lhe fallo. Conde, diria elie se estivesse aqui presenciando esta paragem da sua atribulada existencia, conde, a segunda vez que fallei comtigo na tua quinta d'Almada, foi na vespera do teu casamento. Tu estavas radioso de felicidade: entevavas te em arrobamentos d'uma poesia, que eu não pude conceber, por que D. Angela de Lima te dissera um dia antes: *Senhor conde de Sancta Barbara, eu vou ser desgraçada, e v. exc.^a, se não encontrar felicidade em ser o meu*

verdugo, será desgraçado também, e sem remédio...

« Essas palavras, senhor, não lh'as repeli ha pouco! — interrompeu o enfermo encostando-se com violento esforço aos bilros do catre.

— E' verdade, não m'as repetiui; mas permitte Deus que eu, neste instante, escute os eccos do passado por um milagre de audição. Imagine v. exc.^a que eu sou um illuminado, que a providencia conduziu ao seu leito de dor.

O conde encarava-o com estranha visagem de espanto, e padre Diniz, inalteravel, proseguiu:

— Sebastião de Mello diria: Conde, quando te dei o ultimo abraço comprimí-te muito ao meu seio, e murmurei ao teu ouvido, para que teu futuro sogro, o marquez de Montezellos, me não ouvisse estas palavras: E' o ultimo abraço que te dou, na tua epoca de felicidade: amanhã, se te encontrar, apertarei a mão ao mais desgraçado dos homens. — « Conheceu Sebastião de Mello? — » interrogou o conde cada vez mais alvoroçado.

— Conheci — respondeu o padre friamente, e continvou:

— Esse homem, pois, que ambos conhecemos, diria a v. exc.^a: E nunca mais te vi, conde. Não fui aos salões, onde nos encontravamos, mas informei-me de ti, e soube que a tua casa, sombria como o terror, e deserta do tracto do mundo como o crime repulsivo, estava sendo um potro de torturas de tua mulher ... um circo onde a tua alma,

transfigurada em instincto sanguinario de tigre, se sevava na desvalida victima, que dias antes te vaticinara o destino de ambos. Quiz procurar-te... não sei para que... Nessa epocha Sebastião de Mello era cruel como a colera suffocada, e robusto como a alavanca que se não torce debaixo do peso dos edificios que arruina. Se te elle mandasse retirar o pé do pescoço de tua mulher, e tu não o retirasses, esse homem punha-te uma pistola ao peito, tu obedecias-lhe, naturalmente, mas tua mulher, desde esse momento, era dobradamente desgraçada. E, depois, não sei se o supposto filho do conde de Vizo recuaria diante desta sua primeira intenção, se a sua vida não soffresse um revez, que tu não precisas saber. Sebastião de Mello desapareceu da sociedade, onde o reputaram cavalheiro de industria, uns, e grande personagem, outros. O passado, passado. O mundo ficou, e Sebastião de Mello seguiu o seu destino. Ha quinze annos és tu talvez, conde de Santa Barbara, o unico homem, que se lembrou da existencia desse enigma, que abi passou dous dias, envolto n'um mysterio, e alimentou os ocios da alta sociedade de Lisboa com o conceito da sua charada...

« E' possivel, senhor! » interrompeu o conde, allucinado, e estendendo os braços convulsos ao sacerdote.

— Possivel... o que, senhor conde de Sancta Barbara!

« O senhor é Sebastião de Mello... Agora sim..

Esses olhos brilham com o os d'elle... a sua voz era esta que eu estou ouvindo... era assim este corpo... quantos annos tem? .. deve ter cincoenta e tantos.. Justamente o mesmo... Diga-me quem é... é Sebastião de Mello não é verdade?... »

Padre Diniz estendeu-lhe solemnemente a mão direita. Brilhavam-lhe os olhos vidrados de lagrimas. O escarlate do enthusiasmo tingia-lhe as faces. Os cabellos, raros e brancos, parece que se lhe eriçavam. Notava-se-lhe nos labios uma crispação, como agitados pelo abalo do ar que não podia ser articulado na aspiração, que sobejava aos estos do peito archejante. Estavam ambos suspensos, silenciosos, sublimes, e recopilando n'um rapido pensamento uma synthese de dores cruelissimas accordadas na reminiscencia por aquelle encontro.

XVI.

Reanimara-se a fysionomia do conde. Eram de momentaneo emprestimo aquellas forças, mas o enfermo persuadiu-se que a sua morte estava na alma, e que a presença de um homem, que lá se lhe insculpira como um typo d'eterna saudade, devia rejuvenescel-a. Padre Diniz, abalado pela commoção de tantos sentimentos soffocados, sentiu-se fraco para tanto. Sentou-se. Encostou os cotovellos á cama do seu antigo companheiro de poucos dias, deixou cahir a face entre as mãos e estêve

alguns minutos nesta posição, que o conde contemplava com sobresalto.

« Mello!... » murmurou o conde.

— Mello!... — respondeu o padre, sorrindo-se — chama-me padre Diniz Ramalho e Sousa... é como o mundo me conhece...

« Es padre!... tu!... que saltos a tua vida não daria para chegar a isto!... E estás velho! O que é o homem! como se pode ser o que tu és depois de ter sido o que foste, Sebastião de Mello!... Conta-me a tua historia...

— Não se tracta da minha historia... Fallemos de ti, conde. Deixa fallar esse homem do teu passado, visto que ainda tens para a sua memoria um culto em tua alma. Respeita-o, que a desgraça é veneravel. Não te imponho os meus cabellos brancos nem te fallarei como o homem do Evangelho, que falla em nome de Deus, porque não pode ser obediencia como homem...

« Falla... que queres de mim? Faz-me um homem bom, se podes. »

— Não posso nada, conde... Se a tua consciencia não for ferida pelo estimulo da honra, as minhas palavras passarão por teus ouvidos como as que te disse, ha quinze annos.

« Passaram-se quinze annos, Mello! A desgraça que eu alimentei nos meus braços quer hoje indimisar-me, ensinando-me o que é a vida. Diz, amigo, o que devo eu fazer?...

— Não t'o direi eu... Vai dizer-l'o a tua consciencia.

O padre ergueu-se magestosamente, apertou a mão do conde, e com um ar de intimativa inexplicavel, disse a meia voz :

— Sê honrado, e verdadeiro.

Depois, abriu a porta do quarto. Na saleta proxima, estavam não só os fidalgos, que o padre encontrara na camara do enfermo, mas outros que vieram informar-se das melhoras do amigo intimo do snr. D. Miguel. Ao darem de frente no aspecto estranho do sacerdote, pareciam accusal-o da estirada reclusão em que tivera o seu amigo, com grave incommodo de SS. Excellencias. O padre, direito como o batente da porta, curvando levemente a cabeça, a que as mesuras fidalgas se dignaram corresponder, disse no tom daquella voz modelada em tom serafico :

— O snr. conde de Sancta Barbara encarrega-me de annunciar ás pessoas, que o honram com a sua amisade, que podem entrar no seu quarto.

E, dando um passo para o exterior do quarto, crusou os braços, sem postura hypocrita, e recebeu com ligeiras reverencias, os fidalgos que o saudavam como a um cardeal embrionario, ou pelo menos ao director da consciencia do Bispo de Viseu.

O padre seguiu o ultimo, e voltando-se para o escrivão, que esfregava as mãos impaciente, disse:

— Espere.

A porta foi outra vez fechada. A aristocracia de Santarem rodeava o leito do enfermo. O corregedor, vestido de grande uniforme, desfez-se em zumbaias aos fidalgos, que o acotevellavam para que fosse elle o interprete dos cuidados que a saude de sua excellencia inspirava aos seus numerosos amigos. E com effeito, o illustrado corregedor começava a gaguejar um improviso, que poderia render-lhe uma cadeira no Desembargo do Paço, quando padre Diniz, instado pelos olhares repetidos do conde, tomou o logar mais proximo do doente, e, disse, com intimativa sinceramente apostolica:

— O snr. conde de Sancta Barbora, supposto não se julgar em hora proxima de levar a Deus as rigorosas contas da sua vida, quiz desaggravar a sua consciencia de mortificações, causadas pela inconsideração d'um mau pensamento, e d'uma pessima obra. S. exc.^a bom de caracter, pôde reagir contra o instincto do mal, que deturpa as melhores indoles, quando o sentimento religioso se não apresta para as luctas quasi sempre triumphante das parle do erro...

Padre Diniz consultava, e de relance, na fysiognomia do conde o momento em que devia calar-se, para o deixar a elle « ser honrado e verdadeiro » como lhe tinha aconselhado. Esse momento cortou as ultimas palavras do sacerdote. O conde, reanimado pelo tocante exordio do enigmatico Sebastião de Mello, possuindo-se do magnetico prestigio que

amollecia em docilidade de criança toda a dureza do seu orgulho, fallou, e fallou sem balbuciar, sem refugir um momento ao pavor d'um vergonhoso desmentido a si proprio:

« Deshonrei-me, senhores, cuspiendo uma affronta na face da senhora condessa de Sancta Barbara, minha mulher: infelicitei-a pelo violento casamento em que a comprei a um pai desmoralisado. Quiz que ella expiasse as infamias de seu pai, e dei-lhe, durante quinze annos, uma vida de incriveis amarguras. A desgraçada soffreu de joelhos, silenciosa, humilde, e votada ao sacrificio com a santidade de martyr. Arranquei-a á tranquillidade das suas lagrimas. Não quiz acreditar-a, quando ella me disse que o seu coração tinha morrido no momento em que Deus a fizera viuva d'um homem, que o seu espirito adorava na eternidade. Meditei supplicios affrontas, humilhações ao seu amor proprio, ultrages á sua dignidade, levei-a perto da sepultura, e quando a vi fugir, indignei-me de que a victima se não deixasse arrancar o ultimo gemido, sem que a sociedade a ouvisse. A condessa de Sancta Barbara fugiu, ha dias, de sua casa. Previ que ella viria contar os flagellos, que ninguem adivinhava. Quiz justificar uma infamia com outra infamia.

« Fiz correr que D. Angela de Lima era adultera, e para saborear o crime com mais desafigo abandonara seu marido. Este boato foi bem recebido. A desmoralisação acolheu-o, sem estudar o meu caracter, nem o da infeliz. E' uma atroz calumnia,

senhores. Minha esposa, cujo destino ignoro, poderá estar morta, poderá, a estas horas, ter descido á vil condição d'uma creada de servir, mas a sua honra, se está manchada, é da minha perversidade, é do contacto a que a forcei com um homem de instinctos degenerados, que deshonram o nome de meus avós...»

A excitação exaurira a ultima aspiração das suas forças. O conde quizera continuar, e cahiu da posição violenta em que fallára. A surpresa pintava-se nas fisionomias, que o roteavam, com as cores que simulam a indignação. O corregedor, homem honrado, franzia a testa, e rossava a ponta do nariz com o labio superior. O decano dos fidalgos de Santarem, D. Christovão Vaz carregava o sobrolho, e allongava os beiços em ar de nojo. Em todas as outras fisionomias, mais ou menos expressivas de surpresa, observou padre Diniz o ascendente da moral sobre a corrupção. Quem appresentou um aspecto franco, sem esgares, festivo como o jubilo da consciencia, e soberano como o dominio da honra sobre as villanias que se retorcem no raso da hypocrisia, era o ministro do altar, o maior entre todos aquelles, o typo da grandesa do homem, investido da missão de acurvar orgulhos á força prestigiosa da palavra.

Padre Diniz chegou-se á cabeceira do leito, limpou o suor que escorria gelado na testa do conde, ageitou-lhe os travesseiros, tomou-lhe o pulso, e acenou aos circumstantes que se retirassem. O

medico entrava, quando elles sahiram. Ao vêr assim o doente que poderia, com a vida, elevá-lo ás funções de physico-mór do reino, assustou-se, e perguntou ao padre se o accesso durava ha muito, se o suor seria critico, se os espasmos eram diafragmaticos, e as titillações intermillentes. O padre sorriu-se ao palavriado estridolo do doutor, e respondeu que não estava habilitado para vêr tantas doenças juntas; que lhe parecia aquelle accesso uma commoção toda do espirito, que passaria ligeiramente. O doutor, que tinha larga experiencia, fechou o olho direito, arreou um pouco a commissura esquerda dos labios, franziu a aza esquerda do nariz, e começou a dar estallinhos nos dentes com a unha do pollex. Ora, tudo isto, queria dizer que a medicina tinha momentos de fylosophia em que tristemente pensava no pouco que pode. Aquelle era um dos casos, e aquellas visagens do medico docto, e farto de restituir ao pó os que vieram do pó, eram sempre falaes.

O conde desmaiára. Estava da côr do lençol. As palpebras tremiam, e as fontes pulsavam-lhe impetuosas. As mãos, frias e lividas, roxeavam nas extremidades. Padre Diniz assustou-se, e perguntou ao medico a sua opinião.

« A minha opinião — disse elle compassando as syllabas, e trauteando os sorvos da terceira pitada — a minha opinião é a da sciencia, nestes casos. Aqui ha supuração pulmonar ou alteração em qual quer outra viscera importante. Os medicamentos

anlipsoricos devem esclarecer-nos sobre o tratamento que mais convém seguir, no caso que a psora tenha produzido a crise moral, porque está passando o enfermo. Sabe-me dizer se estes accessos são apyreticos? Tem conhecimento dos habitos hygienicos do senhor conde? Estas intermillencias são typicas? »

Padre Diniz queria sorrir ás perguntas do sabbio de Santarem, mas realmente a occasião não era opportuna. O conde acabava de abrir os olhos, que pareciam toldados d'uma nevoa cinzenta. O sangue, que lhe refluira ao coração, injetava-se-lhe agora em salientes cordões ao correr da testa. O pallor da face avermelhou-se de improviso como a flor da romã. Os symptomas d'uma congestão cerebral, no entender do padre, eram assustadores. O medico compulsava o doente, taleava-lhe o systema circulatorio em toda a economia, e propunha-se a sangral-o, quando o conde, desafogando um gemido profundo, exclamou, estendendo a mão ao padre :

« Sinto-me melhor ! »

O doutor, contentissimo do resultado, ainda mesmo contrario ás suas previsões scientificas, fez algumas perguntas ao enfermo, receitou variadas receitas para variados symptomas, e foi derramar beneficios com mão profusa sobre a humanidade.

Achavam-se, por tanto, face a face o salvador da reputação de D. Angela de Lima, e o homem, que, horas antes, se repularia feliz, se lhe disses-

sem que a conessa de Sancta Barбора se precipitára dos Arcos-das-Aguas-livres.

Padre Diniz disse afavelmente, levando a mão do enfermo aos labios :

— Fallaste do coração, conde ; mas o corpo não podia tanto. Cahiste extenuado ; a tua alma, porém, elevou-se muito alto. É ella que te hade restituir o vigor dos trinta e quatro annos. Que te diz a tua consciencia ?

« Abençoa-te... Sente-se grande, omnipotente contra todos os vexames do infortunio, promette-me uma vida mais tranquilla, dá-me a todas as cousas do mundo um colorido novo, expande-se e vê horrorizada, mas sem remorsos, o que deixei de torpe na minha viagem até aqui... Remorso tel-o-hia, se não me abrisse tão francamente diante de homens, que se aterravam das minhas confissões. Eras tu o unico, em cujo semblante eu via a minha absolvição... Não importa... Para amigo bastas-me tu... Elles que me deixem... tu nunca me deixarás... A solidão, agora, seria a minha morte... Preciso de ti...

— E d'ella... — atalhou o padre.

« Sim..., d'ella ; mas não ousó chamal-a aqui. Ninguém acredita na transfiguração dos grandes perversos. E' necessario que ella se approxime de mim, sem terror. E' muito cedo...

— Não é. D. Angela é superior a todas as mulheres. Se lhe disserem que é nobre, e grandioso o sacrificio de se ajoelhar, pedindo-te perdão, de

ter desmentido a calúnia com que lhe fulminaste a reputação, virá ajoelhar-se aqui.

« Ella não pode amar-me. »

— Ha quinze annos que eu l'ò disse. Não pode, amarte... não te amará nunca. Era impossivel!

Que queres d'uma mulher que te foi atirada aos braços, quando chorava as primeiras lagrimas por um homem, que do leito da morte lhe dissera: « morro martyr, não me cuspas na memoria! » Que queres, conde, dessa mulher, que tu, no segundo dia de casado, aliraste com a ponta do pé para o canto escuro d'uma alcova, e mandaste reconcentrar bem no inferno daquelle situação, que nem tu mesmo eras capaz de avaliar?

« Não me falles assim, que me atormentas!.. » disse o conde, levando-lhe a mão á bocca.

— E' uma necessidade, porque eu quero dar-te a felicidade possivel. Tu não podes viver uma hora com a condessa de Sancta Barbara. O que podias fazer-lhe de bom está feito. Se a queres humilde e soffredora, ella virá humilhar-se e soffrer. Se a queres morta, morrerá. Amiga, pela vontade e pelo enthusiasmo, é impossivel. Não te julgues o assassino da muita vida daquelle coração. Morta para o amor ja ella veio ter a teus braços. O mais que fizeste foi macerar-lhe o corpo. Tua mulher deve entrar n'um convento. O que ella necessita é uma pouca de paz, o contacto com a virtude que lhe dê ás crenças religiosas a solidez, que a desgraça lhe abalou. Precisa de respirar o aroma do

ceo ; e ca fora o ar está putrido, a dor matirealisa, e o desengano quebra o unico amparo a que pode encostar-se a mulher, cortada em todos os laços, que a prendem ao mundo. Pois que suppunhas tu? Pensavas que D. Angela viria acarinharte com astucias d'um amor sobre-posse? O seu character não é esse. Aquella mulher, se em vez de a aviltares até aos chinelos das tuas criadas, a fizesse sentar n'um throno, rodeada de aias, e inveja das mais felizes, choraria sempre. Alli não ha ambições nem d'amor, nem de fausto. O que ella pede, isso peço em seu nome, é compaixão, e abandono. Quer-se só...

« Só!.. — interrompeu colerico o conde — e o filho... sim, ja que me forças a esta nova vergonha... e o filho?

— Que tens tu com o filho de D. Angela de Lima? com o filho d'uma mulher, que se desquitou de todos os compromissos contigo, um dia antes de rubricares o contracto de compra por quarenta contos em metal sonante?

« Não me declarou a existencia desse filho... »

— Com que obrigação? Que é que tu querias della? Amor? negout'o. Um corpo? compraste-o. Que mais? Querias forçal-a a confessar a sua deshonra? Para que? Uma mulher que diz a um homem « não posso amal-o » não tem obrigação de explicar os motivos porque. E de mais em 14 de Junho de 1821, na quinta d'Almada, sentado de-

baixo dos chorões do portal, que te disse Sebastião de Mello ?

« A tal respeito... não me recordo... »

— E' falso... A tua reminiscencia é feliz... :

Mostrei-te uma flor, era a primeira que brotara no vaso...

« E' verdade... »

— E disse-te : aquella planta valia menos antes de produzir uma flor. Dizem que as mulheres são flores, é bem diversa a sua estima no mundo. A planta morre, quando produz a primeira. E tu disseste « morre ! » Pensas assim ? repliquei eu ? « Penso... Deus me livre de pensar o contrario » respondeste com soberba intimativa. — Não te cases... — tornei eu — « Que queres dizer ? » interpellaste-me com azedume, que me pareceu propicio. Não te cases... D. Angela de Lima é como a planta, que produziu a primeira flor.

« Não te comprehendí. »

— Comprehendeste.

« Mentés ! » bradou o conde exaltado, e sentou-se no leito. O padre sorriu-se, e continuou placidamente :

— Eu não menti nunca. Duas horas depois recebias um bilhete.

« Anonimo »

— Anonimo.... que importava ? Não se te dizem ali cousas que um falsario não saberia ! ?

« Cuidei que era uma calumnia » !

— Foi, por tanto, uma calamidade a tua con-

jectura ... Recapitule-mos esta longa sessão. Não tens nada a perdoar a D. Angela de Lima...

« Tens razão.. »

— O marquez de Montezellos é o unico que deve fallar á tua compaixão.

« Infame! »

— Julgou-o Deus. A pedra do tumulo é sagrada. Profanem-se as cinzas dos mortos, quando precisarmos de justificar os vivos. D. Angela já perdoou a seu pai. Aquelles labios, rossados pela esponja de fel, amaldçoaram. Hoje, não. Se lho disserem que seu dono renuncia os direitos de supplicial-a, perdõa-te.

« E eu preciso que me perdoe.. Entre n'um convento, se assim o quer; mas que eu a veja uma só vez. E' impossivel? »

— Não.

« Onde está ella? »

— Em minha casa.

« Onde é a tua casa? »

— Em Lisboa.

« Es incomprehensivel!.. Chega a alermentarme o mysterio da tua existencia!.. »

Que relações linhas com a condessa de Sancta Barbara?... Como podeste fazel-a aceitar a tua casa? Tens familia?

— E's mais novo que eu vinte annos. Morrerei, naturalmente, antes de ti. O mais que posso fazer-te é conceder que leias as minhas obras posthumas. Veras bem descarnado o mysterio da

minha existência, e as minhas relações com D. Angela de Lima, antes de ser condessa de Sancta Barbara. Como pude fazel-a aceitar a minha casa, perguntas tu. Facilmente. A minha casa é o sanctuario da honra, e o asilo do infortunio. Se tenho familia? Tenho uma mulher de quarenta annos. Diz o marido que é minha irmã. Que mais?

« E's rico? »

— Não. Sou independente.

« E s' padre Diniz, ou S. bastião de Mello? »

— Ambas as cousas. Fiquemos ahi. Deixa suspensas essas perguntas, até que o tumulto te responda.

« Queres deixar-me, não é verdade? »

— E' necessario. D. Angela precisa, neste momento, de mim, muito mais que tu.

« Quando voltas aqui? »

— Só?

« Não ... com ella.

— Depois de amanhã ao nascer do sol. Sa-
híremos ao escurecer de Lisboa.

« Vem depressa, que a minha vida...

— Que tem a tua vida?

« Apaga-se. Tenho na cabeça um volcão. Nunca me queixei, mas ha dous annos que sinto a morte aqui. »

O conde punha a mão no lado esquerdo do peito, e tanto se possuia do presentimento da morte, que, de repente, se lhe annuicion o semblante de uma pallidez cadaverica.

— Mas a tua vida — tornou o padre — tem sido, nestes últimos annos, desenvolta. Ha dous dias ainda te era necessário fingir uma doença, e voltaste a Lisboa, cheio de vida, de alegria, e capaz de desperdiçar o vigor, que te sebejava com...

« Torpes miserias do coração humano... »

— Tu o disseste, conde... Não será o que tu vaktinas. E's novo, e tens força de vontade. Repelle a morte com valentia moral, e viverás. Adeus.

Padre Diniz abraçou o conde. Choravam ambos. Não ha corações gastos, quando a emoção é nobre.

O medico entrava, quando sahia o sacerdote. Ao despedirem-se, o doutor disse ao ouvido do padre algumas palavras, que o deixaram pensativo.

XVII.

O thema fecundo de todas as conversações em Lisboa, era a fuga de minha mãe. A maledicencia, mascarada com os mimos e tregeitos da religião, criminaava o inqualficavel procedimento da condessa de Sancta Barbora. As illustres primas de minha mãe lastimavam-se por tamanha nodoa no brocado dos seus braços. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!.. O sangue azul regorgitava indignado nas arterias heraldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquellas fysionomiaslympidas e serenas como a virtude.

O anathema contra a adúltera rossava todos os lábios ! O hediondo facto era um escandalo original !

A casa da marquezia d'Alfarella conyirgiam as potencias mais auctorizadas do sangue puro. Ali era o forum da infamação. Naquelles salões, caprichava a satyra em empalar a victima do dia. Desde muito que os sarões infalliveis, á quarta feira, naquella casa, eram o Golgotha onde a illustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, cruxificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a deporem no processo, de modo que a ré accusada d'uma imprudencia não podesse nunca apellar para a commiseração generosa, ou para a tolerancia dos que perdoam lapsos, que são, muitas vezes, o elogio do coração. Aquillo era summario. A suspeita era um dyploma de devassidão; a devassidão era uma cousa horrivel; todos os epythetos obscenos eram permittidos n'aquelles pudicos labios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permittido, menos, na occasião desse moralissimo desforço, sabirem da sala a marquezia de Alfarella para, na sala immediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho d'Almeida. A impudencia abstinha-se religiosamente nesses momentos. Era uma convenção tacita, em que a mais immoral das casadas corria parellas em virtude com a amante de seu marido.

Foi, pois, ahi nesse amphiteatro, onde a dis-

seccão no cadaver moral não deixava uma fibra inteira, foi ahí que minha mãe, em uma quarta feira das predestinadas, devia ser julgada, com toda a solemnidade das leis vigentes, na jerarchia pun-donorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Aroza, e Picanhol, oradoras encarta-las no conventiculo. As marquezas de Sancta Eulalia, e Simões tinham voto definitivo. No correr dos depoimentos, logo que estas dissessem: « pouca vergonha! » bradavam todas em tom pavido e cavernoso: « pouca vergonha! »

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisbonense, e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exercito. Entre tolos, porem, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que na sessão da ultima quarta feira, tinha sido o assumpto da detracção.

Este homem, ha poucos mezes apparecera em Lisboa, ostentando maravilhas d'uma riqueza fabulosa. Os seus trens deprimiam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza magica, e arreado das mais soberbas invencões do ouro, irritara a dureza insolente dos senhores donatarios.

Alberto de Magalhães viera do Brazil. Quando, e d'onde fora, ninguem o sabia, nem elle dava lugar a perguntarem-lh'o. A propensão para o mysterioso encarregara-se de o celebrar. O homem appresentava-se bem. Não era melindrosa nas formas

mas, no todo, agradava pela harmonia. Representava quarenta annos. Contra o uso, caprichava n'um espesso bigode negro, que lhe aprofundava os sulcos da face mais verde, que macilenta. O seu olhar era soberano, e ao mesmo tempo assustador. Fixando com attenção, franzia a testa, e apparentava um doloroso aborrecimento. Fallava pouco; mas ninguem disse que o seu silencio era calculo na estupidez. O que fallava era correcto e sentencioso.

Fizera-se interessante na corte, porque viera do Rio de Janeiro recommendado por uma notabilidade, que vigiava de perto as intencões de D. Pedro a respeito de Portugal. O governo preoccupado com a corteza d'uma guerra demorada, abarcava todos os recursos para alimentar a guerra, e do exercito. Alberto de Magalhães deu, á primeira instancia que lhe fizeram, uma avultada quantia. Proclamaram-no benemerito, e abriam-se-lhe os salões da aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e d'onde vinha. Não tinha ninguem que lhe chamasse irmão ou parente. Era só. A curiosidade talava-se com este segredo. Era necessario dar pasto ás conjecturas. Uns queriam que fosse um espião de D. Pedro, dispondo d'uma fortuna, que devia ser empregada em arruinar o throno e o altar. Outros tinham-o em conta d'um aventureiro, que enriqueceu na mercancia ignobil da escravatura. Este affiançava que ouvira dizer a pessoa fidedigna que esse homem fora pirata nas costas brazileiras. A

quelle , com ares mysteriosos, dizia que Alberto de Magalhães era um filho bastardo de D. João 6.º e de uma açafata de D. Maria 1.º Quando este boato extravagante circulou , alguns fysionomistas celebres juraram que o beijo inferior d'Alberto era um beijo genuino da casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marquezia de Alfarella na quarta feira anterior áquella em que a condessa de Sancta Barbora, o gravissimo processo do adulterio, veio substituir a syndicancia natalicia do homem celebre , desde a degradação da espionagem até á genealogia de reis. Achava-se elle presente, mas ao que parecia, estranho á discussão. E' o que não podiam supportar as illustres damas empenhadas em dar a possivel illastecidade á maledicencia.

A condessa de Pena-cova, que acabava de expor não só o que ouvira a respeito de sua indigna prima , a condessa de Sancta Barbora , mas até o que podera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães , e disse com aze-dume :

« De que está a sorrir-se, senhor Alberto ?

— E' de v. exc.^a — respondeu elle, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpellara rudemente.

« De mim ! ? — » redarguiu ella , vermelha de raiva.

— Do mundo, senhora condessa.

« Não o comprehendo...

« Nem nós... — disseram em coro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

— Não tenho eu culpa, minhas senhoras : — replicou o imperturbavel, sem mudar a vista dos pés da condessa de Pena cova.

« E' celebre este senhor !.. — tornou ella, dilatando os labios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa, como zombeleira, capaz de dar em terra com o orgulho de um homem.

Alberto sorriu-se, outra vez, olhou-a de revez, como quem se previne dos dentes d'um gosque ladra, e disse maviosamente:

V. exc.^a quer que eu diga que a condessa de Sancta Barbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade ?

« Não lhe pesso a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadesa de não rir, quando eu fallar seriamente.

— V. exc.^a não fallava seriamente.

« Porque ? »

— Porque v. exc.^a disse entre muitas maximas da sua eloquente indignação, que bastavam as intenções, embora malogradas, para mancharem a melindrosa reputação d'uma senhora de nascimento.

« E então ? »

— V. exc.^a zombava com nosco.

« Ousa muito, senhor Alberto !.

— Em que, minha querida senhora condessa de Pena-cova ?

« Em suppor que não consagro um sincero culto aos principios de moral que estabeleço.

— Eu não disse tanto.. O que eu disse é que v. exc.^a não era capaz de sacrificar, como Sancta Lusía, os seus bellos olhos a esses principios.

« Isso é um insulto ! » exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogancia.

— A quella senhora — respondeu o incognito serenamente, indicando a condessa — digo que não é. A v. exc.^a digo... que o tome como quizer.

« E' uma provocação ? — interrogou D. Martinho.

— E' occiosa a pergunta. Eu não o provooco senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer que v. exc.^a não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.

« Mas, senhor Alberto, se é cavalheiro dê-me uma explicação do seu sorriso.

— Não queira, minha senhora.

« Quero, exijo, e emprazo a sua honra para que o faça.

— O que, em boa honra, podia dizer a v. exc.^a, disse o já. E' uma cousa simplicissima. A condessa de Sancta Barbara não pode ser julgada aqui. Os aforismos moraes de v. exc.^a são inexecutableis. A samaritana pode passar que ninguem levantará uma pedra contra ella.

« Senhor Alberto de Magalbães, heide pedir-lhe uma explicação ! — disse D. Martinho, tocando-lhe no hombro.

— Fez mal em me tocar, senhor D. Martinho

d'Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na fisionomia de bronze. Pegou do chapéu, aproximou-se da condessa de Penacova, e murmurou-lhe, quasi ao ouvido, com suave sorriso :

— V. exc^a tem a seus pés uma carta. Se não é de seu marido, que está nas linhas do Porto, pode ser um ultrage aos seus principios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monossilabo. Os circumstantes ficaram perplexos, e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o proprio Satanaz disfarçado. Sahiu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortezia. Entretanto, a condessa, com habil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira, uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fôra assim. No exorcio da sua oração contra D. Angela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe desse o seu lenço, que estava sobre um bofete. O cavalheiro, que a não tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no entusiasmo da mimica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento, em que pudesse avisar a dama do abysmo que tinha aos pés, quando tão convicta parecia fulminar a immoralidade do adulterio. E Alberto ria se deste epysodio de farça quando a tim-

brosa condessa, representando o centro na tragedia, o interrogou. O riso era legitimo, sancto, e até evangelico, se me dão licença.

XVIII.

No dia immediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo o estylo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duello.

« Comigo. » — Respondeu Alberto.

« Essa não é a praxe. V. exc.^a deve sugerir-se ás condições que lhe forem impostas por dous cavalheiros da sua confiança.

« E' o que eu não concedo a ninguem. Obrigações da honra sou eu que m'as imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncio o direito de me dirigir. Respondo por mim: não me bato.

« Não se bate? »

« Já respondi.

« E tem ponderado as inconveniencias dessa resolução.

« Não encontro nenhuma.

« Ha muitas.

« A mais grave de todas? »

« E' arriscar se a um encontro, que pôde ser muito funesto.

« Opto pelo encontro.

« Não temos mais nada a fazer? »

« Darem-me as suas ordens.

Os padrinhos gelaram diante deste laconismo. Olharam-se com ar d'assombro, e entenderam que a sua missão estava concluída.

Alberto pareceu esquecer aquelle epysodio, logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura, e escreveu, até que lhe annunciaram o senhor José de Campos Salema. Este senhor era quasi familiar naquella casa. Entrou para o gabinete, despiu o casaco, vestiu um rob de chambre de seda roxo, e estendeu-se n'uma poltrona de estofos.

O senhor José de Campos Salema é um rico negociante, proprietario de nove navios, que permutam um opulento commercio entre Portugal e o Oriente, entre Inglaterra e o Brazil, entre a Turquia e a França. E' o que se diz, em Lisboa, a seu respeito. A sua fortuna orçam-na em quinze milhões sólidos, afóra um credito de mil e duzentos contos sobre o estado, divida contrahida por D. João VI, de quem era compadre, na sua retirada para o Brazil.

O senhor José de Campos Salema era, por tanto, o primeiro capitalista de Lisboa, e ao que parecia o unico amigo intimo de Alberto de Magalhães.

« Onde passaste a noite? — perguntou Salema, limpando o suor com a aba do rob de chambre.

« Em casa da marquessa de Alfarella.

« Está arruinada. Deu com a caça em Panta-

na. Hypotecou-me por vinte annos a quinta de Alvarães. Trespassou-me por quinze os foros das commendas da Beira Alta. Esta pobre: Quem a reduz a este estado é D. Martinho de Almeida. Estes filhos segundos querem que as mulheres casadas lhes sirvam de vinculos. Quem estava lá?

« A condessa de Pena-cova, a de Picanhal, a marquezã de Sancta Eulalia, a....

Basta, basta. São boas! A Pena-cova já podia deixar o mundo para desmentir o Nicolau Tolentino. É quasi do meu tempo. Ha vinte annos era interessante, e promettia muito. Deu mais do que prometteu. Ainda por lá me andam dous contos de reis, que me derreteu com um raio á queima roupa. Não sabes esta historia?

« Não. »

« É rica. Eu l'a conto. A rapariga estava casada de fresco, e apenas acabou a lua de mel começou outra de oleo de ricino. Namorou-se de um tal Antonio Pisco, escudeiro da casa. Era uma especie de gallego, largo dos hombros, e vermelho como uma lagosta. Costumava ir ao meu escritorio buscar dinheiro das propriedades de Cascaes, que o pobre conde vendia pelo barato. O bruto não apreciava a conquista. Um dia appareceu-me com um recibo do conde para levar dous contos de rs. Bei-lh'os. Horas depois, recebo um bilhete do conde, perguntando-me se o seu criado, Antonio Pisco, não viera receber dous contos de reis á sua ordem. Respondi-lhe que sim, e que o recibo estava em

meu poder. Passaram-se 24 horas, e appareceu-me a condessa desfeita em lagrimas. Diz-me que é amiga do desgraçado Antonio Pisco, que jogou os dous contos de reis, e que está no Limbeiro. Pe-dê-me com as mãos erguidas o empréstimo desta quantia para que o pobre rapaz não vá pela barra fora. Dei os dous contos de reis. Ia co'no se arranjaram não sei; o caso é que eu fiquei sem o dinheiro, e o meu amigo o snr. Antonio Pisco appareceu-me com uma hospedaria na rua do Arsenal, onde um meu amigo, amador de petiscos, me disse que reconhecera uma noite a condessa de Penacoya, sahindo, quando elle entrava. De resto é uma boa senhora. Dá que fazer ao capellão com os seus escrupulos. Dizem-me que jejua toda a quaresma, e resa a via-sacra com as criadas.»

« O senhor Salema arredondou o periodo com uma gargalhada, e estranhou a seriedade de Alberto.

« Em que pensas? Aposto que não me ouviste? »

« Ouvitudo. A historia é interessante de nojo... vamos ao importante. »

« Vamos la. Os navios *Raio* e *Lucifer* ancoraram nas alturas das Antilhas. Esperavam dezoito dias em calmaria. Ao dezenove houve vento de servir. Levantaram, e fizeram-se de vella até vinte milhas de Cuba. Os navios hespanhoes appareceram. Eram tres. Foram abordados com pequena resistencia. Carregavam sedas, e porcelanas. O Lima andou opti-

mamente... fez-se ao mar : içou a bandeira portugueza, pregou as baterias, e aportou a 7 milhas de Cadiz. Deve ahi chegar na proxima semana. Calculo a presa em cento e vinte contos. Ha carestia de seda. Mandei alijar o lastro, e recommendei para Cadiz a D. Pedro Gusmão, que lhe fizesse boas e correntes as guias. »

« Bem. E do Baltico? »

« Não ha noticia. E' cedo. »

« E de Panamá? »

« Uma abordagem pouco interessante. O commercio do Perú está quasi acabado. »

« E' necessario remover os dous navios. »

« Por ora, não. Espera-se uma boa carga para a America do sul. Dado este golpe, diz-se adeus ao oceano pacifico. »

O dialogo progrediu um quarto de hora neste sentido.

Alberto viu o relógio, tocou uma campainha, e mandou preparar a traquitana. Salema mandou chegar a sua sege, e despediu-se.

A traquitana do intimo amigo do snr. José de Campos parou defronte da igreja de S. Vicente-de-fóra.

Alberto apeou, e atravessou duas ou tres ruas tortuosas ate metter-se n'um becco, e na melhor casa que ahi se destacava, com o seu primeiro e unico andar, acima das esfumeadas soleiras dos cazebres.

A porta fóra lhe aberta por um homem alto,

de figura repugnante, meio vestido á hespanhola, com uma jaqueta de botões brancos de metal rendilhados, uma larga faixa de marroquim, e uma gorra vermelha.

O supposto filho de D. João VI ao transpor o limiar daquella porta parecia um outro homem. Dentre as muitas sellas pendentes de tornos, tomou uma, ageitou-a em forma de travesseiro, fez um campé de quatro cadeiras, e deitou-se, na genuina postura d'um arrieiro cansado.

« Tens ahí vinho, José? » disse Alberto, limpando o suor ás franjas d'um cobrejão.

« Para embebedar quinze marujos » respondeu o cigano, vazando uma garrafa n'um corpulento copo com aza.

« Das-me de comer alguma cousa? »

« Bacalhau frito com ovos, e camarões, serve-lhe? »

« É o melhor manjar deste mundo. Em quanto como, diz lá o que fizeste. »

« Trabalhei muito, e não fiz nada. »

« Peor. »

« Eu lhe digo. Estive tres dias em Elvas. FALLEI com quantos ciganos e troquilhas vivem por aquelles sitios ha vinte annos. Ninguem me dava relação do tal Sabino Cabra. Depois dei comigo na quinta das Alcaçovas. Encontrei um criado velho, que pelos modos está allí ha mais de vinte e cinco annos. Já viu morrer o avô, e o pai do marquez de Montezellos que vive agora. »

« Como se chamara? »
 « João Alves. »
 « Foi-me ter com o homem, e disse-lhe assim:
 « Você não está certo de ver por aqui ha cousa de
 quinze annos um cigano chamado o Sabino Cabra?
 O homem esteve la a congenimar com os seus boi-
 ões, poz-se com as ventas no ar como um garrano
 de creação, e disse que sim, que se lembrava do
 tal cigano, que por signal lhe pagara uma ceia a
 elle e mais dous, onde beberam até não saberem
 de que freguezia eram. Até aqui vai a cousa como
 se quer, mas depois o cigano mirrou-se, e o tal
 João Alves nunca mais lhe poz olho, nem teve novas
 d'elle. Ora aqui tem o mais que pude saber. Em
 quanto a mim, isso não era cigano... Era algum
 trampoleiro da borda d'agoa. Mas que berzabum
 de conhecimento tinha o senhor com esse diabo-alma
 que nos tem dado que fazer? Ah, por mais que
 me digam, anda dente de coelho... não me dirá?

« São cousas, meu caro José... Não ha remedio
 senão perder d'ahi o sentido. Alberto ergueu-se para
 sair.

« O teu vinho e os teus camarões são deliciosos
 — disse elle. — Aqui te fica dinheiro para outros,
 que qualquer dia te virei comer.

« Oh senhor! com esse dinheiro compram-se
 todos os camarões, e pescadinhas, e linguados que
 nascem no mar de Deus. Faz favor... eu não sou
 azurario; tenho escrupulo em receber tanto ouro,
 por tão pouco trabalho...

« Adeus, José, até outro dia. »

E, concentrado na sua habitual tristeza, Alberto de Magalhães sahiu, entrou na carruagem, e mandou tocar para casa.

Ao cahir da tarde, o mysterioso investigador do cigano das Alcaçovas, montou a cavallo, e picou a trote largo para o Beato Antonio, onde fizera construir uma linha casa de campo, ao gosto oriental.

Em frente do convento dos Antonieiros viu que o seguiam a galope rasgado tres cavalleiros. Reparou e reconheceu D. Martinho d'Almeida, acompanhado dos dous cavalleiros, que de manhã tinham sido os commissarios do duello. Alberto lembrou-se, nesse momento, da provocação. Consultou as suas forças, e estava inerte. Nem se quer uma sombra de commoção lhe veio ao rosto. Soltou as rédeas. O cavalla reprimido ladeava em corcovas, que o cavalleiro de proposito lhe concedia, para, de lado, perceber as intenções do amante da marquezia d'Alfarella.

Este, abandonado de improvisa da coragem impetuosa, ou affectando o sangue frio da verdadeira valentia, susteve a desfilada do cavallo. Os companheiros, cerrados com elle, pareciam empenhados em insufflar-lhe uma nova alaa para alguma grande tentativa.

Alberto de Magalhães fizera ladear o seu alaa, de modo que, a poucos passos de distancia, os tres cavalleiros acharam-se com elle, face a face,

sem que o reprovador de duellos se descompozesse
uma linha na firmeza da cella. D. Martinho cor-
tejou ligeiramente o seu adversario, que recebia a
mão do conde de Cavez, e respondia ao sorriso af-
favel de D. Pedro de Alvim com outro sorriso.

D. Martinho d'Almeida, irritado pela affrontosa
indiferença com que fora recebido, cobrou alentos,
e pôde dizer, com intono e affeitosa, que elle mesmo
não esperava :

« Senhor Alberto, eu disse-lhe hontem á noite
que a sua honra lhe impunha o dever de uma ex-
plicação. »

« O senhor D. Martinho fez mais alguma cousa;
tocou-me com a mão no hombro, acto a que eu dei
a importancia muito grave e seria d'uma ameaça.

« Enviei-lhe hoje os meus padrinhos. O se-
nhor Magalhães regeitou a proposta do duello. »

« Regeitei. Diga alguma cousa nova, senhor
D. Martinho. »

« Entendi que um cavalheiro, digno deste nome
quando regeita o desforço pelas armas, em leal con-
tenda, quer satisfazer o seu adversario com honrosas
explicações. »

« Entendeu mal. Não tenho explicações a dar-
lhe. »

« Nesse caso devo consideral-o um covar-
de... »

Alberto de Magalhães, sem ironia, sem sar-
casmo, soltou uma gargalhada conscienciosa. Depois,
voltou-se para os amigos do pallido esgrimidor.

e perguntou-lhes que partido tomavam naquella pendencia.

O de cavalheiros — responderam elles. — A neutralidade, visto que v. exc.^a não accceita as condições do duello.

Alberto apeou e prendeu o cavallo aos varões do portico do convento. D. Martinho, affectando tranquillidade que o rosto desmentia, apeou tambem e entregou o seu a D. Pedro d'Alvim.

« Coragem ! » murmurou-lhe este, quando Alberto voltava, placido e risonho, como quem vai lançar-se nos braços d'um amigo. Deante do desfigurado espadachim, o mysterioso defensor de mi-mãe crusou os braços, fixou-o com uma superioridade de desprezo, e perguntou :

« Então ? »

D. Martinho, aguilhoado pela vergonha, não da sua consciencia, mas de dous homens, que o consideravam corajoso, levantou a voz, quanto a bravura do pulmão lhe permittia :

« O senhor é um infame covarde ! »

« Não estafemos o vocabulario das injurias. »

Estas palavras d'Alberto foram acompanhadas d'uma acção ignominiosa. D. Martinho sentiu na face o rossar da pita d'um chicote. Recuou alguns passos, sem que o inimigo o atacasse. E' por que receava ser presa d'Alberto, antes de tirar uma pistola, engatilhar, e disparar-lh'a.

Feriu-o.

Aquelle aspecto, ha pouco, natural e sereno,

como a fisionomia inalteravel do estoico, desfigurou-se em traços ferinos de tudo que o rancor pode pintar no rosto do homem. Parece que se lhe viam laivos de sangue no bronzado das ferções. Dilatarem-se-lhe as palpebras, e as pupilas, vidraças d'um brilho, que so a furia pode dar-lhe, sahiam das orbitas.

D. Martinho recuava aterrado; mas, a não o ter morto, a salvação era-lhe impossivel! Alberto arcou-o pela cintura, e comprimio-lhe os braços. A mão esquerda, inflexivel como a genilha, deslocava-lhe as vertebraes do pescoço. Ergando em todo o peso, no braço direito do musculoso athleta, o franzino fidalgo esperneava como um frango nos dentes do gato montezinho. Os fidalgos contemplavam silenciosos e aterraes a ferocidade do homem problematico. Escravos da sua honra pontual, não quebrantaram os votos da neutralidade, quando viram Alberto de Magalhães correr com o fardo á beira do Tejo, e precipital-o pela ribanceira, da altura de seis ou sete covades.

A transição na fisionomia de Alberto foi momentanea. As formosuras do fuzil cederam ás feições do homem. Era o mesmo que dez minutos antes. Passando por diante dos companheiros do seu infeliz contendor, saudou-os urbanamente. Ao montar a cavallo, reconheceu que o seu ferimento era grave, porque não pôde levantar o braço esquerdo ás alturas da redea.

O conde de Cavez e D. Pedro d'Alvim apea-

ram, e debruçaram-se no precipício. Esperavam encontrar um cadaver, e viram o seu amigo entalado entre duas rochas, com a face arregaçada de sangue. Chamaram-o, e elle pediu que o soccorressem. De uma taverna proxima, que o curioso encontrou ao lado esquerdo da estrada, vieram homens, que desceram o despeñadeiro, e com grande custo transportaram D. Martinho num barco. A mencionada taverna tem uma entrada pelo Tejo. O destroncado fidalgo hospedou-se alli. As dores dos braços e pernas desarticuladas arrancavam-lhe gritos, que commoviam a compaixão.

D. Pedro d'Alvim corre a Lisboa em busca de medicos. Vieram, e declararam que nenhuma ferida era mortal.

Á porta da taverna, os habituaes frequentadores filosofavam sobre o acontecimento. Quasi todos se accusavam de não terem arranca-lo os fígados ao patife que reduzira a tal estado o bom fidalgo, muito conhecido naquelles sitios. Alguns frades tinham vindo á taverna colher informações do attentado horrivel. A opinião publica estava a favor de D. Martinho; e a voseria contra o homem do cavallo negro era estridorosa. Alguns propozeram incendiar-lhe o kiosque, um quarto de legua distante, a que chamavam caranguejola, no seu odio ás innovações chinezas.

XIX.

Neste conflicto, chegavam padre Diniz e o es-
 crivão, de volta de Santarem. O tumulto excitava
 a curiosidade. O escrivão, obrigado pelo instincto,
 farejando no rasto do sangue um processo, pergun-
 tou o que era aquillo. Responderam-lhe que um mal-
 vado atirára com o senhor D. Martinho d'Almeida
 ao rio, e fugira.

Padre Diniz não colheira dos frades informa-
 ções mais amplas. Apearam, e entraram na taverna.
 Subiram ao primeiro andar, e esperaram na varan-
 da que alguém os esclarecesse. O doente estava no
 quarto proximo. O medico veio á varanda lavar as
 mãos ensanguentadas do curativo, e conheceu o
 escrivão.

« Que foi isto, senhor doutor? — perguntou o
 funcionario.

‘ Uma desordem entre um tal Alberto de Maga-
 lhães e D. Martinho d'Almeida. Picaram-se de pala-
 vras em casa da marquezia de Alfarella, por causa
 da condessa de Sancta Barbara.

— Da condessa de Sancta Barbara? — inter-
 rompeu padre Diniz.

‘ Sim, senhor. D. Martinho fazia coro com as
 damas, que reprovavam o procedimento escandaloso
 da condessa. O tal Alberto, que uns dizem ser es-
 pião de D. Pedro, e outros, filho de D. João VI,
 defendia a condessa de Sancta Barbara. Não sei mais
 uada... o que sei é que o pobre fidalgo está com

um braço quebrado, duas costellas partidas, a cabeça contundida, a articulação femural deslocada, e não sei que mais.

— Esse tal Alberto de Magalhães — interpellou o padre — não é um sujeito que veio, ha um anno, do Brazil?

‘ Justamente.

— Eu não o conheço — tornou o padre — mas ouvi dizer que era um homem mysterioso.

‘ Um homem diabolico, é o que eu penso que elle é. Disse-me D. Pedro d’Alvim que tomára D. Marinho debaixo do braço, e atirara com elle ao rio, como quem atira um sagui morto á rua.

Padre Diniz, atordoado com o inconcebivel daquelles acontecimentos, despediu-se do medico. O escrivão, convencido da inutilidade dos seus serviços ao decoro da lei postergada, visto que se não lavrava auto de exame, com grave escandalo da justiça, retirou-se.

Padre Diniz veio encontrar minha mãe na situação afflictiva em que a deixára. Eu não sahira de ao pé do seu leito. D. Antonia, extremosa e inseparavel consoladora dos seus receios, poucas horas, das quarenta e oito decorridas, desde que seu irmão sahira para encontrar-se com o conde, deixou de ajoelhar-se á mãe de Deus, supplicando-lhe o seu divino auxilio na commissão arriscada do sacerdote.

A apparição do padre, tão depressa, assustou minha mãe; comtuo o seu semblante era alegre, e

no sorriso, raro aberto nos lábios d'elle, fallava a esperança, e animava-se o coração.

« Acho-a doente, não é verdade? » disse elle a minha mãe, tomando-lhe o pulso.

« Doente do espirito... estava triste... adivinhava trabalhos... sempre um presentimento do peor... »

« Enganou-a desta vez o seu anjo mau... »

« Como, senhor padre Diniz? »

« O conde é um milagre da Providencia divina. A compaixão, o remorso, e a honra nasceram de repente n'aquella alma. Seu marido pede-lhe perdão: quer vê-la... »

« Per Deus! senhor padre Diniz — exclamou minha mãe impetuosamente — sabe as intenções do conde de Sancta Barbara? »

« Sei. Pedir-lhe perdão, justificar-a no pelourinho onde a infamou; restituir-lhe a felicidade, não, que é impossivel; mas conceder-lhe uma vida de paz, e de descanso... »

« Na companhia d'elle? »

« Não, minha filha. Na companhia das suas Saudades, e das suas esperanças... »

« Esperanças! »

« No reinado dos que soffrem. Ha muito que amar, fóra do mundo. Verá o que é a tranquillidade do amor de Deus. Quer entrar n'um convento? »

« Ah! sim, um convento, a minha ambição mais querida... um convento, meu bom amigo!... Elle concede-m'o? »

« Concede.

« E meu filho?

« Entregue-o a Deus, e Deus me dirá o que deve ser de seu filho ?. Vê? não lhe parece? que principia uma nova época na sua existência? A roda desanda. Cansou-se a desgraça. Agora é crer muito, confiar muito, e muito esperar. Amanhã iremos...

« Aonde?

« A Santarem. Seu marido está doente...

« Doente?!... perigoso?

« Deus o sabe. É necessario ir com tempo. A vida é uma luz desamparada, e o vento da morte sopra de todos os lados... Tem forças para ir?

« Deus mi'as concederá... iremos... e depois?

« Voltaremos logo que o conde de Sancta Barbara possa seguir jornada.

« Diga-me, minha filha... Está certa d'onvir pronunciar este nome — *Alberto de Magalhães*?

« Vi-o escripto

« Onde?

« Num bilhete, que tenho no meu bahú.

« Por que motivo?

« Cuidei que esse bilhete era uma disciplina de que o conde se servia para me flagellar. Eu mostro-lho.

Minha mãe tirou d'uma caixa de marfim uma carta, com fecho de lacre, e leu o seguinte:

« Á condessa de Sancta Barbara. Ha quinze annos, que o marquez de Montezellos mandou ma-

« tar um filho de sua filha, D. Angela de Lima. O
« infanticida encarregado dessa commissão, não
« malou a creança, vendeu-a. A actual condessa de
« Sancta Barbara tem conhecimento deste facto?
« Responda a *Alberto de Magalhães*, residente em
« Lisboa. »

‘ O que, senhora?... — acudiu o padre al-
vorçado — queira lêr outra vez... deixe-me lêr
esse escripto!... Sancto nome de Deus, que confu-
são na minha cabeça...

« Que é? — disse minha mãe assustada.

O padre leu o escripto.

« E depois?... respondeu-lhe? » interrogou elle
com vehemencia.

« Nada. Já lhe disse que me julguei o lu-
dibrio de um novo genero de crueldade de meu
marido...

« Não recebeu mais nenhum escripto? »

« Nenhum.

« Senhora condessa, tenha a bondade de escre-
ver... »

O padre dobrou o papel, e offereceu a penna
a minha mãe, que escreveu: «

« A Alberto de Magalhães.

« A condessa de Sancta Barbara, infamada no
« seu infortunio, agradece com lagrimas ao cora-
« ção generoso, que lhe defendeu a sua honra..

Minha mãe parou de escrever.

‘ Não concebo isto, senhor padre Diniz... »

« Escreva, minha filha. Esse homem puniu hoje »

à tarde um dos seus detractores , e uma bala tem-
n'um braço... »

Que me diz , senhor ?.. Arrastam-me assim no
mundo ?

« Exaltam-na, senhora condessa... Escreva :

« Ella quer conhecer o cavalheiro que quiz la-
« var-lhe as nodosas com o proprio sangue. Não
« pode ser já. Um dia, e breve será, D. Angela,
« de Lima quer pessoalmente responder a uma per-
« gunta que lhe foi feita , ha dez mezes , por Al-
« berto de Magalhães. »

Era meia noute. O padre Diniz sahio, e di-
rigiu-se para a rua dos Romulares , onde morava
Alberto de Magalhães.

Nas cavallariças havia luz. Bateu , e o guar-
da-portão respondeu-lhe que áquella hora não abria
a porta , sem licença do patrão. O padre instou
pois que lhe ouvisse uma pergunta , sem abrir a
porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Res-
pondeu o creado que os medicos disseram que não
havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma
carta para entregar ao dono da casa. Tomaram-
lh'a por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, ap-
proximavam-se da porta dous vultos, que pararam.
O padre escondeu-se no escuro d'uma esquina pro-
xima. Viu que um toque de convenção fizera abrir
a porta. Os vultos entraram com precipitação, e
o padre , receoso d'algum salto traiçoeiro, couse-se
com a parede do palacete para escutar. No limiar

da porta tocou com o pé n'um objecto, que linhi Levantou-o. Viu que era uma pulseira.

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo silencio. Minha mãe adormecera encostada ao meu hombro. Eu tinha adormecido sobre um campê, chagado ao leito de minha mãe. D. Antonia, que eu deixei ajoelhada no oratorio, seria a unica que ouviu os passos cautelosos do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encaminhal-os ao seu quarto, onde, depois da meia noite, até ás tres horas, D. Antonia muitas vezes esentou o fremito da penna sobre o papel.

Padre Diniz, sentado na escrivaninha, reparou na pulseira, demorou-se a decifrar os caracteres de uma legenda na face interior, abriu o « livro negro » e escreveu algumas paginas com a seguinte epygrafe, que parece ser do author:

30 DE AGOSTO DE 1832.

E as filhas dos grandes, pela calada da noite, patinhavam no tremedal das torpesas, e deixaram a poz si o seu nome escripto em laminas d'ouro, cravejadas de brilhantes, para que as somenos em jerarchia se animassem a trilhar a senda da corrupção opulenta.

Uma hora antes de amanhecer, o aulhor do « Livro negro » bateu á porta do quarto de D. Antonia, e mandou-a preparar com a condessa de Sancta Barbara. Depois, sahio, e voltou acompanhado de duas segos.

Quando elle chegou, estava minha nãe lançando sangue. D. Antonia quiz avisar seu irmão, para obstar á jornada, minha mãe não consentiu. Habituada aos grandes padecimentos do espirito, as dores do peito nunca lhe deram cuidado; os golfos de sangue com que borrhava os lenços, nunca ella se lembrou que podiam ser symptomas de morte.

Com o padre entrara o velho Bernardo, o nosso amigo. O mestre entregou-me a elle, e minha mãe inundou-me a face de lagrimas na despedida.

Partiram. Com o balanço da sege os soffrimentos de minha mãe augmentavam. Antes do Beato Antonio, pediu que a deixassem ir a pé, por que receava morrer. O padre quiz retroceder, mas a infeliz era capaz de sacrificar um desejo da sua alma ao goso da saude, que ha quinze annos, não conhecia. Deu alguns passos a pé, e sentou-se extenuada á porta da taverna, onde se achava doente D. Martinho d'Almeida.

D. Antonia perguntou-lhe se quereria tomar um caldo de galinha, e ella accitou a humbrança.

Padre Diniz vacillou um momento na irresolu-

ção de a deixar entrar n'aquella casa. Venceu a necessidade de fortalecel-a, e o receio de a ver exhausta de forças, quando a coragem da alma lhe sobrava. Entraram.

Os primeiros raios do sol de Agosto douravam o castello de Palmella. O ceu limpido, e o Tejo azulado, e o murmuro matinal da natureza encantavam a alma n'aquelle recolhimento intimo, remanso providencial de suavissima tristeza.

A condessa de Sancta Barbara, na baranda sobranceira ao Tejo, levantou o veu negro para respirar uma columna do ar, que até ali lhe fora cerceado entre quatro paredes suffocantes. Padre Diniz, ao pé d'ella, como um pai estremecido ao pé de sua filha tocada pela aza da morte, acompanhava-lhe o espirito nas suas elevações, e adivinhava-lh'as. D. Antonia, essa, por suas proprias mãos, cozinhava o caldo para a sua companheira de Nazareth, e sua filha adoptiva desde que a desgraça lh'a lançou no regaço, como engeitada da fortuna.

De repente, se abriu a porta que abria para a baranda, e appareceu a marquezia d'Alfarella, cujas intimidades com D. Martinho d'Almeida eram muito conhecidas do senhor José de Campos Salema, o proprietario dos nove navios, e dezoito milbões.

D. Angela de Lima quiz descer o veu; mas era tarde. A marquezia quiz recuar, e era tarde

tambem. Fixaram-se, cada uma lutando com o pejo, mas por diferentes motivos.

A marqueza rompeu o silencio, titubeando:

« A prima Sancta Barbora!... tu por aqui?

‘ É verdade!... O nosso encontro é estranho!... Chegaste agora, ou já aqui estavas?

A marqueza fez-se de sete cores, e taramu-deou outros tantos monossillabos, que minha mãe não comprehendeu. Padre Diniz estava perturbado. Queria remediar o conflicto, e não via sabida. Arrependeu-se do seu laconismo em demasia mysterioso.

Retirou-se, por entender que a sua presença poderia augmentar os embaraços; ou por temer que a marqueza o provocasse a dizer-lhe ironias tremendas, que lhe sabiam sempre dos labios, picantes e certeiras, como a frecha do arco.

A marqueza, a sós com minha mãe, abraçou-a carinhosamente.

« Conta-me os teus infortunios, prima! — lhe disse ella modelando a voz compassivamente. — Ainda hontem a prima Lencastre, e a prima Natividade lastimaram a tua sorte, indignadas contra um boato infame, que fizeram correr, a teu respeito...

‘ Que queres, prima? A calumnia nem a desgraca respeita...

« Isso é verdade... Eu que o diga!.. Tenho sido victimas como ninguem, e Deus sabe a minha consciencia e o meu coração.

‘ E que diziam de mim ? Que eu era adúltera, não é assim ?

« É verdade ; vê tu, Sancta Barbora, como se hade viver nesta sociedade de detractores, e detractoras, que muitas vezes se retiram dos nossos salões, atirando com a nossa reputação ao charco da opinião publica...

‘ Eu não me queixo, prima, nem da sociedade, nem da Providencia, nem de mim. Sou desgraçada porque devo sel-o. Deus quer que eu soffra... e então ? O verme hade revollar-se ?

« Coitadinha ! como estás definhada !... Ha quinze annos, não te tenho visto quatro vezes... E agora para onde vaes ?

‘ Para meu marido.

« Sim ? ! para teu marido ? ! Ora vejam o que é o mundo !... E a dizerem que elle propalara a tua fuga !...

‘ Não sei, prima marquiza... Será tudo assim... O peor é que elle está doente em Santarem... Vou visital-o, e vêr se elle pode transportar-se para Lisboa. De mais... o mundo que falle... Se as tuas amigas te disserem que eu sou má, diz-lhes que lhes perdoe de todo o meu coração...

« As minhas amigas !... Essa é boa, prima ! Imaginas que em minha casa ousa alguém deprimir o teu nome !...

‘ Não imagino ; mas eu sei que a minha honra é disputada em duellos...

A marquiza impallideceu. E minha mãe con-

tinuou, sem reparar na turvação de sua prima :
« Não soubeste do duello, creio que foi duello
entre D. Martinho de Almeida e... »

O resto foi interrompido por D. Antonia, que
conduzia o caldo. Padre Diniz acompanhava-a, e
reparou na fysionomia da marquezia. Adivinhou-a.
Em quanto a condessa tomava o caldo, a amante de
D. Martinho procurava um pretexto para retirar-
se. Padre Diniz, porém, não era homem de elimi-
nar, por ignorancia, o ultimo pormenor dos assum-
ptos, que mereciam ser archivados no *livro negro*.
E perguntou :

— A senhora marquezia de Alfarella como pas-
sa, minha senhora ?

« Bem : obrigadissima.

— Sempre exemplar de bondade, e de virtu-
de.

« De certo... eu não tenho o gosto de conhe-
cer v. exc.^a... »

— Ha ahi demasiada fineza de tratamento,
minha senhora... Eu não passo d'um padre...

« Naturalmente capellão da prima Sancta Bar-
bora... »

— Capellão, não, senhora marquezia... um
simples creado...

« Um pae... » — interrompeu a condessa, olhan-
do-o com ternura de filha.

« Pois não tinha o gosto de conhecê-lo... E
meu marido conhece-o ? »

— Não, minha senhora... Não vivo ao alcan-
*

ce da sua vista... Eu é que lhe conheço as virtudes, que são do dominio publico, E, se me não engano, creio que o vi na janella do outro lado...

« Sim... — gaguejou a marquezia — elle está tambem aqui...

— Vão de jornada? — tornou o padre afixando o gume d'uma sarcastica simplicidade.

« Esperamos uma familia... vamos ao Farrobo...

— Ah, sim?... Então madrugaram...

O dialogo foi interrompido por uma carruagem. Era o medico, conhecido do padre, por intermedio do escrivão. O doutor, suppondo que as tres senhoras eram parentas do enfermo, ao entrar na varanda, perguntou :

« Como vae o senhor D. Martinho... naturalmente tem gemido?

Ninguem lhe respondeu. A marquezia voltou as costas para o grupo, e olhou para o Tejo. D. Angela de Lima consultou, espantada, a fysionomia do sacerdote. Este sorria-se, cravando os olhos no chão. Ora o doutor julgou que a má sorte o trouxera ao centro d'uns poucos de ediotas. A unica pessoa que parecia querer responder-lhe, mas não sabia o que, era D. Antonia, que entrava naquelle jogo com a innocencia com que entrava em todas as intrigas. O que acabou de convencer o doutor da demencia daquelle grupo, ou d'uma embrulhada indecifrável, foi o padre impor-lhe silencio com o dedo

— Não, minha senhora... Não vivo ad alicu-

no nariz, quando se viu, segunda vez, interrogado sobre as melhoras de D. Martinho.

A crise era penosa para todos.

Padre Diniz deu o braço á condessa, e cortejou as costas da marquezia, que ao voltar-se, para responder á saudação, não tinha nas feições uma fibra, que não estivesse encarnada em marroquim.

Minha mãe, reanimada pelo excesso de vida, que aquellas commoções lhe deram ao espirito, achou-se mais confortada no corpo, ou mais esquecida das dores de peito. Entrou na sege, e quiz que o padre se sentasse ao seu lado.

Aquelle segredo dizia ella que a ia atormentando. Foi forçoso ao padre contar-lhe tudo; e, se lh'o não contasse, o *livro negro* não seria enriquecido pelo dealogo da marquezia de Alfarella com a sua calumniada prima, dous dias depois que a retalhára a golpes de infamação, e propozera para o célebre congresso o adulterio de sua « indigna prima » como materia da noite.

D. Angela de Lima sentia rasgarem-se as nevoas, que lhe occultavam a face torpe do mundo. O ulceroso, o esqualido da sociedade parecia-lhe impossivel pelo aszo, pela repugnancia em acreditar-o. Padre Diniz viu que a hora de desvendar aquell pobre mulher tinha soado, por isso que a traição, a impostura, e a infamia, lhe assediavam a existencia, como um cortejo do infortunio. A condessa de Sancta Barbara, segregada desde os dezeseite annos do foco da grandesa no vicio e no luxo, sup-

punha que seu pae era o primeiro homem perverso, que seu marido era o segundo, e que estes dous homens, arrancados á familia humana, deixariam a sociedade purgada de fezes.

E o padre, no decurso de sete ou oito leguas, poz-lhe diante dos olhos o facho da experiencia, Primeiro a luz era muita, e a desditosa senhora soffreu. Depois, os ouvidos habituaram-se a ouvir o anathema pelos labios d'um virtuoso, e creu que o mundo era pessimo. Foi então sublime! Quando o padre lhe perguntou o que achava aqui de bom, para a virtude, que se debte n'um continuado paroxismo sobre a cama de flores e espinhos que a infamia lhe faz, Angela de Lima apontou para o ceu, e illuminou-se d'uma alegria sobrenatural.

Descera a noite. Santarem estava a um quarto de legua. A espaços, a viração trazia de lá um murmurio terno, cada vez mais debil. Era a população que retirava das praças, e a alta respiração da villa populosa que desfallecia no cansasso da agitação diurna.

O padre cedera o seu logar, na sege da condessa, a D. Antonia, que murmurava fervorosamente o seu rosario, offerecendo-o á Virgem, que ella exorava, como protectora da sua infeliz amiga. Minha mãe, embevecida na transparencia estrellada do ceu, recordava melancolias, que lhe filtravam lagrimas de saudades, amargas sempre quando as esperanças são impossiveis.

Padre Diniz ia triste das tristezas eternas do genio, e da virtude, em revolta com a ignorancia, e com o crime. Aquella formosa natureza, que, em redor, o chamava á paz, era-lhe um incentivo de mais funda dôr. O silencio da noite fazia mais doloroso o tumulto, que dentro lhe alvoroçava o coração. A sua alma era um abismo. Aquelle homem, ha quinze annos que vivia a morrer em cada hora. Ao declinar da existencia, com cincoenta e tantos annos, sentia-se robusto d'um vigor providencial, que devia consumir em lutas atormentadas. A face cadaverica, e o espirito arrojado em aspirações de moço! O corpo a alquebrar-se nas visinhanças do tumulo, e o ether da alma a abraçar-lhe em redor um vasto horisonte, povoado de paixões grandes, mas generosamente grandes! « O que tenho eu sido? » perguntava-se elle, cravando os olhos lá em baixo nas orlas do ceu, profundas como o segredo do seu destino. « O que tenho eu sido? A condenação! Um mytho de soffrimentos, mesclado de prazeres, que o mundo reputa excentricidades! Um ambicioso de glorias, segredadas ao mundo, e recolhidas no templo da consciencia, como tropheus, que o mundo afastaria do seu caminho com a ponta do pé!...»

A absorpção d'aquella dor invejavel continuava n'um dealógio entre Deus e o homem, quando um dobre a finados, eccoando, pelas quebradas das charneças, em melancolica loada., arrancou o es-

pirito do pensador para o positivo doloroso da terra.

A sege de minha mãe, parara, á sua ordem. O padre perguntou o que acontecera.

« Nada .. — disse ella — não ouve aquelles sinos ? »

' Ouço... e então ? E' muito triste aquelle som, não é verdade ? '

« Tive um abalo no coração.... »

' Tranquilise-se, minha senhora... Estava muita gente viva em Santarem... Bastava que morresse uma pessoa. '

As seges continuaram. A poucos minutos de jornada, estava Santarem.

A condessa disse a D. Antonia que sentia pular-lhe o sangue nas veias. O presentimento pintava-lhe com as vivas cores da realidade a idea, que lhe passara, como sombra de mortalha, diante dos olhos, quando o primeiro gemido do bronze lhe foi dos ouvidos ao coração. E, com tudo, não podia dizer precisamente o seu receio. Era o torvo impenetravel do agouro o que ella sentia. A noute, o silencio, o ceu, e a solidão davam as formas ao que a [y]llosophia desprevenida chama abusões de almas fracas, fantasmas do espirito desenfadado, e outras injurias com que a materia se vinga de tudo que é superior, até no soffrimento !....

Entraram em Santarem. A sege do padre Diniz passou adiante para parar na pousada do conde de Sancta Barbora. Estavam perto. A' porta

da hospedaria avullavam grupos. O padre respondeu ao pressentimento de minha mãe. O coração pulsou-lhe tambem com sobresalto. Quiz parar ali. Para que? Se as suspeitas eram a verdade, a verdade, ali, não podia esconder-se. Chegaram ao pe dos grupos. O padre perguntou que novidade era aquella. Responderam umas poucas de vozes:

« Morreu o senhor conde de Sancta Barbara. »

Minha mãe ouviu-as. D. Antonia ouviu-lhe um gemido, e tomou-a nos braços.

« Não é necessario .. — murmurou ella — tenho forças, e coragem para mais... Quero apear-me. O padre abriu a sege. D. Angela sahiu. Nem uma palavra de afflicção. Padre Diniz estranhou-a.

‘ Onde está elle?’ perguntou minha mãe, tomando o braço do sacerdote.

« Aqui n’esta casa. »

‘ Quero vel-o.... »

« Para que? .. pois não sabe... »

‘ Que está morto... sei ... sabia-o já ... Disse-m’o Deus... já lhe resei por alma... »

« Pois bem... continue a resar; mas não vamos lá ... v. exc.^a recolhe-se a outra hospedaria. »

‘ Respeite a minha vontade, senhor padre Diniz. »

A viuva subiu as escadas com estranho desembaraço. Atravessou a multidão de fidalgos, que não cabiam no quarto. Entrou no aposento onde vinte minutos antes expirara seu marido.

Estavam ainda accezas as luzes, ao lado do

cruxifixo. O cadaver não tinha sido tocado ainda. Estava descoberto da cintura para cima. Os collarinhos da camiza, empastados pelo suor frio da morte, pareciam identificados com a pelle esverdeada dos hombros. Um braço pendia arregaçado até ao cotovello. O outro ficara atravessado sobre o peito. Os cabellos uns pegavam-se ensopados na testa, outros, em desalinho, entremeavam-se nas rendas da fronha. Os olhos tinha-os meio-abertos. Circulava-os uma zona de um amarello salpicado dos bagos da transpiração na agonia. O nariz afilado na baze, e dilatado nas azas, projectava raios escuros, até aos cantos dos labios, onde as sombras se continuavam por dous traços de sangue negro. A extremidade da lingua, arregoada de sulcos pardos via-se justa-posta aos dentes superiores, cobertos de caria, e raiados de sangue gelado. A crescida barba, em pastas humidas, e como glutinosas, cahia sobre o pescoço, onde as veias, regorgitadas ainda, pareciam offegar os ullimos arquejos.

Tal era o quadro que a condessa de Sancta Barbara tinha deante de si. Estremeceu? Recou? Não. Affastaram-se de ao pe do leito os que se preparavam para transportar o finado a casa de seu primo D. Christovão Vaz. E ella aproximou-se. Ajoelhou entre o leito e a banquetta das luzes, que cobriam aquelle ambito d'um clarão pavoroso. Levantou as mãos. Cravou os olhos, brilhantes de lagrimas, na face de Jesus Christo. Os seus labios não se moviam. As mãos tremiam de uma convul-

são quasi imperceptivel. Não levantara ainda o veo. Ninguem lhe vira a fysionomia, e reconheceram-a todos. Aquelle lance era respeitavel. Aquella angustia não podia ser presenciada por indifferentes, nem interrompida por consolações banaes. Aos pés da cama ajoelhara o padre. Ao pé d'ella ajoelhara D. Antonia. Os outros retiraram-se. Era profundo o silencio.

E todas as torres de Santarem vibravam esse gemido clangoroso, que dá em terra com as soberbas illusões dos que calculam com o presente para conquistarem novos estadios de felicidade futura.

XXI.

Passados vinte minutos, padre Diniz não podia respirar os measmas d'aquelle quarto. D. Antonia, esvahida, retirara-se encostada ao irmão. A condessa parecia estranha a todos esses movimentos.

Receoso do que veio a acontecer, o padre pediu a minha mãe, que se retirasse; que a oração era ouvida no ceu de todos os pontos da terra; que o ar impuro d'aquelle quarto, se teimasse em respiral-o, lhe augmentaria gravemente os padecimentos do peito.

Arrobada na sua dor, ou indifferente ás rasões do extremoso amigo, não lhe respondeu. Alguns minutos depois, fez-se livida como deve ser o aspecto de quem se escoasse de sangue. Vacillou

sobre os joelhos e cahiu de braços com a cabeça sobre a banca, e as mãos sobre a peanha da cruz. So então, no declinar do corpo; os labios obedeceram ao impulso do espirito. O padre ouvira estas palavras :

« Senhor! perdoai-lhe a elle , e a mim não me condemneis!.. »

Algumas senhoras das primeiras familias chegaram a convidar a condessa para suas casas. Foi transportada , em braços, para a mais proxima.

O cadaver , amortalhado , foi d'alli conduzido parà a igreja. Os medicos recommendavam a maior brevidade na sepultura.

Padre Diniz assistia, com sua irmã, á convalescença de minha mãe. O repouzo restituiu-lhe o alento. Em roda della, as pessoas estranhas mortificavam-na. Pediu delicadamente alguns momentos de silencio, e solidão. Retiraram-se, menos o padre, a quem ella não consentiu a sahida. Foi elle que quebrou o silencio afflictivo d'alguns minutos :

« A sua alma é angelica , senhora condessa... devia soffrer... Perdoou... devia perdoar...

« Perdoei... Quando assim se pede, com tanta confiança, e tribulação, é impossivel que Deus não attenda... »

« Attende, e mais ainda as supplicas da victima, que pede o perdão do...

« Desgraçado , que a matava porque a não comprehendia... Elle o sabe... nunca lhe dei um

desgosto... Nunca me revoltei contra o martyrio... Quando a dor excedia as minhas forças, odeava-o mas não seria capaz de me pagar de tantas com fazer-lhe chorar uma só lagrima da amargura das minhas... Elle o sabe... o seu espirito não me assusta... não vejo fantasmas accusadores na minha consciencia... Eu vinha perdoar-lhe, e soffrer mais, se a sua vontade o quizesse... Perdão... perdão-lhe tudo. Que Deus lhe não dê um momento de expiação... que elle nunca sinta o amargor do meu fel... O seio de Deus se lhe abra, se as minhas lagrimas tem algum peso na balança das suas iniquidades...»

Minha mãe soluçava, debulhada em lagrimas, com os cabellos desgrenhados, e a face escondida entre as mãos. Padre Diniz, conhecedor de todas as vicissitudes do soffrimento, e dos soffrimentos de todo o genero, não lhe abafou a respiração da alma. Deixou-a fallar e chorar. Feriu-lhe todas as cordas da sensibilidade. Estimulou-lhe todos os sentimentos que podiam ser delidos por lagrimas. O homem do coração poderia alli parecer um cynico, experimntador do quilate dos padecimentos alheios. Qualquer obtuso da fysiologia, de alma imbecil, de lugares cummuns, viria alli reputar uma dor legittima com frivolidades de consolação piegas. Elle não. Applicava o ferro candente á ferida, exacerbava-lhe a dor, para queimar-lhe as excrecencias, e curar com o maior tormento de instantes o mal que os paliativos, muitas vezes, e com espaço longo de

soffrimentos, menores, deixam entrar a morte nas entranhas.

A pratica a sós, com minha mãe, fôra longa, e farta de lagrimas. Ninguem se intromettera no segredo de duas almas, que precisavam da sohdão para se abandonarem a dolorosas expansões. Tinham passado horas, quando foi annuciado á viuva que o juiz de fôra, e um padre dominicano desejavam fallar-lhe. Padre Diniz conjecturou que a vinda de taes pessoas era urgente.

Entraram.

O juiz de fôra depositou nas mãos de minha mãe um testamento, que dizia ser do defunto senhor conde de Sancta Barbora.

O frade, magestoso da sua humildade, accorreu-se entregando á condessa de Sancta Barbora uma carta, que precedeu destas palavras:

« Eu fui o ministro da penitencia, que assistiu vinte e quatro horas aos paroxismos do senhor conde, que Deus terá chamado á sua divina presença. A carta, que tenho a honra de depositar nas mãos de v. exc.^a foi ditada por seu marido, e assignada com seu proprio punho. Devia eu amanhã conduzi-la ao seu destino; mas o Allissimo quiz que v. exc.^a viesse chorar ao lado do cadaver, ja que não pode presenciar um justo, pela contricção, exhalando a alma, que o perverso mundo tolhera. A minha missão não está ainda cumprida. Preciso saber se está presente o reverendo padre Diniz Ramalho e Sousa.

‘Um seu servo’ — disse o padre adiantando-se um passo para o dominicano.

«E’ o senhor?» — instcou o padre, abrindo s braços.

‘Sou eu.’

«Pois bem. Este abraço recebi-o dos braços quasi gelados pela morte, para transmittir-vol-o. Recebi-o como um galardão. Não o tendes de certo maior em todas as vossas virtudes. E’ o abraço de um homem, que vós quizestes ensinar a viver... não podestes... mas as lições não se perderam... ensinaste-o a morrer. Vós semeastes, e eu colhi. Mandastes para o meu tribunal um homem purificado, e eu absolvi-o. Aquelle triumpho é vosso. Sei que sois um homem superior... O vosso poder vem de cima. Sede amigo de todos os infelizes, como o fostes do conde de Sancta Barbara. Sede meu amigo que sou o ultimo dos homens, e o primeiro entre os que pedem a Deus que nunca o vosso auxilio seja desconhecido aos desgraçados, que se perdem por não terem um amigo. Abraçai-me agora, ja que eu fui o portador da herança que vos legou um moribundo!»

Os dous homens veneraveis, abraçados, confundindo as lagrimas, era um lance dos que vibram no sangue o gelo e o fogo do enthusiasmo. D. Angela, com as mãos erguidas, contemplava o quadro, e sentia-se cahir insensivelmente sobre os joelhos. O juiz de fóra, alma esterilizada para as scenas do sentimento, tremia nervosamente, e não desdenhava

em si uma lagrima , que elle disse ser a unica , ha quarenta annos. A' voz sonora do monge , accudira a familia, correram todos que o reputavam sancto. Era grandioso o toque visivel do fervor religioso em todas aquellas sysionomias! Estas glorias, estes conflictos sublimes são um exclusivo da religião. Alli ha divindade, ha flamma do ceu , ha a elevação, que não é d'aqui!

O dominicano apartando-se dos braços de padre Diniz, saudou a condessa , em despedida , dizendolhe : « Senhora , tem v. exc.^a necessidade de mim ? »

' A sua companhia ser-me-hia sempre grata.'

« Aqui lhe deixo padre Diniz. Ouça-o , e o que disser não poderei eu dizer-lh'o... Sou frade senhora , (e accrescentou, sorrindo) a minha sella está viuva do seu esposo foragido ha vinte e quatro horas... E' necessario fazermos pazes. Fiquem todos na graça de Jesus Christo.

Quando elle desappareceu , padre Diniz , com a sua consciencia , murmurou : « quanto sou pequeno ! »

O juiz de fóra, esgotada a impressão que o fizera esquecer a sua vinda , chamou testemunhas para assistirem á abertura do testamento. A viuva pediu que o não lessem na sua presenca. O magistrado retirou urbanamente, e com elle as pessoas que advinharam os desejos da condessa. Ella anciava por ler a carta. Sosinha e D. Antonia, abriu-a com mão tremula, e leu, soluçando :

« Angela!

« Escuta um grito de ao pé do tumulto. Os
 « meus labios, daqui a pouco, pasto dos vermes,
 « chamam por ti. Angela, o coração diz-me que
 « virás tarde. Logo, talvez, ajoelharás alli, ao pé
 « deste corpo frio, destes olhos apagados, destes
 « ouvidos surdos ao perdão de teus labios. Angela,
 « ajoelha e perdoa, [que eu espero á porta do ceu
 « a palavra da minha redempção! Não fujas aterra-
 « da deste cadaver. A sombra do teu algoz está
 « aqui. Se tinha inimigos, venham cuspir neste es-
 « polio dos meus triumphos; mas tu não cuspas,
 « minha unica victima! tu não, Angela, porque eu
 « morro com a tua imagem no coração, e terci de
 « responder a Deus, quando me disser: ' Reporbo!
 « que fizeste de tua esposa!' Angela, amaldiçoaste teu
 « pai, e elle morreu sacudindo as larvas que o
 « suffocavam. Ouviram-no pronunciar o teu nome
 « apontando para os pés do leito, que rangia na-
 « quelles estertores, que gelavam o sangue dos que
 « o viram. E' que o amaldiçoaste, quando eu te
 « disse: ' serás a victima expiatoria da infamia de
 « teu pai!'

« A mim não me amaldições, Angela! A mim
 « não, que me fizeram desgraçado, e sordido, e
 « desprezível! A mim, não, minha pobre esposa,
 « porque eu reconheço, que devo morrer, no mo-
 « mento que me sinto lacerado pelo remorso! Mor-
 « rer da colera, ou de vergonha, este destino devia

« Deus conceder-m'ó para que eu não levantasse
 « mais os olhos deante de ti. Angela , ouço dizer
 « que me perdoaste. Ao pé de mim está um ho-
 « mem que me promette o teu perdão. E ao pé
 « de ti está um justo que te dirá que me perdoes.
 « Escuta-os a ambos, Angela ! Não feches o teu
 « coração a nenhum , para que os supplicios do
 « condemnado me não sejam eternos... Angela !...
 « adeus ! Salva-me tu, e que o mundo insulte a me-
 « moria do conde de Sancta Barbara. »

As ultimas linhas da carta ja as não leu minha mãe. Convulsa, suffocada de soluços , vertendo em cada linha uma lagrima, a exaltação febril , com que principiara , descahiu em apparente paralisia. Tremeram-lhe as palpebras , como se um golpe de gota serena lhe escurecesse os olhos. Queria ler, e não podia ; lia, e não comprehendia ja ; deixou cahir a carta , e ergueu as mãos ; não lia, mas orava. Aquella oração , tão fervente , tão enlevada na augusta sanctidade do momento , trazia-lhe aos labios todo o coração, os fervores todos d'uma fé que lhe pintava Deus alli , a ouvil-a , a consolal-a, a receber-lhe o perdão dos labios, como a « palavra de redempção » qual lh'a pedira o agonisante criminoso.

Padre Diniz encontrou-a neste extasis. Levantou a carta do chão. Passados minutos, minha mãe perguntou :

« Vio-a ? »

« Ainda não. »

«Veja, e peça a Deus comigo. . . .
 Foi assim. Quando D. Angela se recolhia ao seu quarto, padre Diniz, fechado no seu, começava uma oração por estas palavras:

« Grande Deus! destes-me um raio de fé; illuminastés o meu coração; convencestes-me de que o crime e a virtude não é sómente punido, ou premiada na terra;

« Deus de misericórdia! recebi a supplica fervente do neophíto! . . . Perdoai ao verme que não pôde mais tempo arrastar o peso das suas iniquidades;

« Perdoai-lhe, que, neste mundo ninguem o accusa! . . . Solvei-lhe as tremendas contas com as lagrimas choradas na agonia, e com as que na terra chora a martyr nos espinhos da sua coroa. »

XXII.

Fr. Balthasar da Encarnação, o dominicano, confessor do conde de Sancta Barbara, ao nascer o soldo dia seguinte, procutou padre Diniz.

« Vim cedo — disse-lle — por que adivinhei que o sol vos não encontraria na cama, padre Di-

niz... Olhai... não repareis no tratamento que vos dou. A um frade, com setenta e sete annos, permitem-se estas liberdades. Ao pé de mim, sois creança nos annos, embora velho, mais velho ainda, na pratica da virtude.

« V. reverencia tem setenta e sete annos ? »

« Nasci em 14 de Abril de 1755; estamos em 2 de Agosto de 1832. Contai... »

« O que é viver no remanso da tranquillidade!... V. reverencia tem a bonança no rosto, a alegria de uma consciencia immaculada nos olhos... Os annos o mais que fizeram foi dar-lhe as cans que são a magestade d'um semblante sereno... Assim a velhice não pesa, e o caminhar para a ultima paragem desta perigração não enfada... Ha quantos annos professou v. reverendissima ? »

« Ha cincoenta e tres, e tenho cincoenta e quatro de claustro. Sou o mais antigo do mosteiro. Fechei os olhos a todos os monges que encontrei, a todos os meus companheiros de noviciado, e a muitos que vieram depois. Tenho, pois, vindo até aqui, padre Diniz, direito no corpo, mas acabrunhado no espirito. Olhai que é doloroso vêr cahir, ao lado, um a um, os companheiros que abraçamos ao entrar na curta viagem... Bem curta ella é aos que não se assentam cansados de soffrer, e desejosos de repousar no seio do nada. Para esses o desalento e o inferno incomportavel da duvida. Para os que vão chorando e semeando fructos de benção a vida é curta sempre... Que annos tendes, padre ? »

‘ Cincoenta e quatro.

« Pareceis mais velho. Tendes muita ruga extemporanea. Maceraes e corpo, ou o espirito vos anda attribulado. Se vos mortificam cilicios, lançae-os de vós, que o sacrificio da carne é inferior á elevação do espirito. Os que não podem dominar-se pela vontade, cingem os rins. Deixai a maceração ás almas tibias, que precisam castigar o corpo... Se vos doe a consciencia... não posso imaginal-o... mas se pode vingar o joio na seara dos fructos abençoados, arrancae-o pela raiz. Vigiae-vos, descei com a lampada ao mais escuro. *Si ignoras te, egredere*. A lucta do homem com o homem, o pelear incessante dos dous inimigos que se armam no coração do homem... tudo vem de cima. O que é bom, recebamol-o com as mãos erguidas. O mau não o amaldiçoemos. Não ha triumpho sem batalha agra de desconfortos. *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?*... disse o mais mortificado dos homens... Ora aqui tendes o pobre frade em missão!... Desculpae-lhe os seus setenta e sete, e dizei-lhe alguma cousa de vós... Quero a vossa amizade, e não a ha sem confidencias... Quereis que vos diga, padre? O vosso amigo conde de Sancta Barbora, quando me fallou de vós, ia allucinado por não sei que magnificas visões com que a vossa imagem lhe apparecia... Julguei-o em delirio...

‘ Seria delirio... Bem vê v. reverencia que em mim é tudo insignificante, a não ser o que podia

engrandecer-se aos olhos d'um amigo de muito tempo...

« Sabeis o que elle me disse?... *Entrae-lhe no coração... Achareis um sancto, ou um homem superior, incomprehensivel aos outros homens...*

‘ Tresvariava na febre... O que sou e o que tenho sido nem eu o saberia dizer a v. reverencia. O seu olhar é penetrante, as suas palavras descem com a luz ao coração, mas as trevas aqui dentro são o abysmo de toda a sciencia de conhecer o homem. V. reverencia é um justo... adivinhe-me...

« Quem vos disse que eu era um justo? Neste homem, que vêdes, não ha senão longas dores, e longa experiencia... lagrimas, que se não exaurem... é a sciencia das lagrimas... Vêdes o que é Balthasar da Encarnação? É um homem encanecido no barro, que o queimar das paixões endureceu...

‘ O queimar das paixões!... V. reverencia falla assim a linguagem...

« Dos homens, que não podem balbuciar a palavra « ceu », que lhe não venha uma nuvem da terra escurecer a luz do seu arrobamento... Vê des o que é a amizade?... é a confiança... O meu coração vae se-vos abrindo... Disseram-me que ereis um ser superior, e eu busco-o, ha muito, por que me não basto a mim proprio. Tenho necessidade de vós...

‘ De mim?!

« Sim, padre... E toda a noite vos tive no pen-

samento. Tenho vivido setenta e sete annos. Este meu vigor, na decrepitude, é providencial. Batido das paixões, não fraqueei. Tres vezes a braços com a morte, ergui-me como o paralitico da porta do templo. Aqui ha Deus nesta demora ao pé do túmulo. Quando me disseram: ha ahi um homem superior ou um justo, tive um abalo, e disse em mim: é o homem que eu esperava...

‘ Que posso eu ser para v. reverencia ?

« Um amigo, um instrumento de força nas mãos enervadas d’um velho, que vos espera ha cincoenta e quatro annos.

‘ Diga, Fr. Balthasar.

« Direi... agora não. Voltae um dia ao meu mosteiro, e vinde breve. Não vol-o recommendo muito, por que sei que vireis, logo que vos disser que está aqui um desgraçado á vossa espera... Saabei-me da viuva, dai-lhe a minha benção, e vinde dizer-me como ella está. »

Principiava o dobre a finados. Minha mãe, que, ao amanhecer, cahira no aturdimiento desse apparente somno, despentou sobresaltada pela toada plangente dos sinos. Ajoelhou-se no leito, e orava, quando padre Diniz encontrou D. Antonia que sabia do quarto da condessa. Voltou a padre Balthasar, e encontrou-o de braços cruzados, com a vista profundamente mergulhada na encadernação d’um livro, em cuja face se lia LIVRO NEGRO. Mudos ambos, não se disseram uma palavra com allusão ao titulo do li-

vro. O frade levantou os olhos, que pareciam pensar-lhe sobre aquelle mysterio, e disse :

« Então, como está ella ?

‘ Reza. Dormia ha meia hora, quando dobraram os sinos. Accordou espavorida, e ajoelhou.

« Ficae com Deus, irmão. Ides hoje para Lisboa ?

‘ Se a saude da condessa lh'o permittir...

« Ide em boa hora. Vireis, quando poderdes.

‘ Muito breve. Marcae o dia.

« A' manhã estarei eu morto, e vós tambem...

Vinde quando poderdes. Adeus.

Abraçaram-se.

Padre Diniz escreveu algumas paginas no *Livro negro*. Interrompetu-o sua irmã, que o chamava ao quarto da condessa. Encontrou-a vestida e preparada para partir.

« Não temos aqui mais nada a fazer ? — perguntou ella.

‘ Mais nada. O senhor conde foi já sepultado.

« Já ?

‘ Os medicos exijiram-o. Morreu da cholera, e receiam que o contagio se desenvolva.

« Podemos partir ?

‘ Já, se v. exc.^o o determina.

« Senhor padre Diniz, o meu estado dispensa-me de agradecimentos... Se é possivel agradeçamos a esta familia, e encarreguemol-a de nos desculparem.

.

XXIII.

O conde de Sancta Barbora deixára sua mulher universal herdeira de todos os seus bens livres, incluindo o credito de 40 contos a haver de seu cunhado o marquez de Montezellos. Encarregara-a de dotar com um conto de réis duas raparigas da plebe, cujos nomes e moradas estavam escriptos n'uma carteira, que devia encontrar-se em indicado lugar da escrivania. Deixava uma avultada esmola a uma creada, por nome Eugenia, com a condição de recolher-se a um convento, como creada, onde disfructaria, e só ahí, os rendimentos dessa esmola, que por sua morte seria applicada em missas por alma della. Queria que o seu corpo fosse conduzido por quatro pobres, e enterrado na valla commum, sem letreiro, nem distincção. Ao seu creado Bernardo Pires deixava uma generosa esmola, pela amizade com que tratara sua esposa, e pelos sacrificios e trabalhos que a nobreza de sua alma lhe custou. Ao padre Diniz Ramalho e Sousa legava o seu retrato, a sua farda nupcial, e a camisa com que morresse. Este legado extravagante foi o assumpto fecundo das conversações. Quizeram todos decifral-o, e só o legatario pôde comprehendel-o. O mais do testamento eram suffragios por sua alma, e muitas missas por alma de seu sogro o marquez de Montezellos, que seriam pagas por sua esposa.

Esta clausula, so de per si exprime o gran-

dioso ascendente da religião no espirito do moribundo.

O testamento era escripto por Frei Balthasar da Encarnação. Algumas palavras estavam embaciadas de lagrimas. Os olhos do ancião tinham chorado sobre o fructo, como elle dizia, da semente lançada por padre Diniz.

Eu esperava anciadamente minha mãe. A aurzencia de dois dias era para mim como perdela Alta noute, no segundo dia, quando ella chegou, estava eu na amurada do jardim, pedindo a Bernardo que me fallasse d'ella.

Corri-lhe ao encontro, quando ouvi as carruagens. Minha mãe apeou, n'uma reconcentração, que parecia a refecimento para comigo. Olhei-a com ar de espanto. Ella comprehendeu-me, e chorou.

« Mais separados que nunca! » me disse ella abraçando-me freneticamente.

« Separados... por quem? » exclamei eu.

« Pela desgraça!... » balbuciou minha mãe, arfando em choro com a face entre as mãos.

« Que é isto? », perguntou o padre, tomando a mão da condessa, e acurvando-se para lhe ver o rosto.

« E meu filho? » exclamou ella.

« Não o vê? », disse o padre, sorrindo.

« Mas não o verei mais. »

« Quem a priva? »

« A memoria do conde de Sancta Barbara!.. »

— Sempre este homem entre nós ! — bradei eu com rancor.

« Já não, meu filho ... Esse homem morreu... Agora é a sua sombra, e a sombra dos mortos é sagrada... Respeita o seu nome, se queres que eu te consinta dar-me o nome de mãe.

Fiquei perplexo, e corrido. Retirei-me do quarto, e tudo soube de D. Antonia. Encontrei Bernardo a chorar, quando lhe disseram a clausula do testamento. E, como pode ser que não torne a falar deste homem, não me esqueça o quadro mais honroso da sua vida obscura. A esmola avultada, que recebeu, dispendeu-a em missas geraes por alma de seu amo.

Minha mãe nunca eu a conhecera tão reconcentrada. A porta do seu quarto abria-se raras vezes. Os momentos fugitivos em que me admittia eram quasi silenciosos. Nunca mais se expandiu comigo. Reprimia-se vesivelmente, quando a vivacidade lhe luzia nos olhos, e o rubor do enthusiasmo lhe abrasava a face. Aquella contracção intima de sentimentos recalcados devia ser-lhe muito dolorosa, ou então aquella mulher gelara no coração. Impressionava-me tristemente aquella coragem. Perguntei ae padre a explicação desta indifferença! elle respondeu-me: « não censure sua mãe, que está na ultima faze do seu martyrio. » Não o entendi! Comecei a duvidar das calorosas expansões que lhe vira. Pareceu-me mentira o amor de mãe, que repudiou seu filho. Tive momentos de a ver pe-

quena, vulgar, e indigna de mim. Estes sentimentos, varonis aos quinze annos, revelam que se acaba cedo o homem, que assim pensa.

No fim de tres dias, a condessa de Sancta Barbara chamou-me ao seu quarto. Entrei com a impassibilidade no coração, e a hyronia no rosto. Vi-a sentada, e sentei-me. Via chorar, cruzei as pernas, e roi as unhas com o donaire d'um cyai-co enfasiado.

Ella reparou em mim, e empallideceu.

« Pedro da Silva — exclamou ella — parece que vens cuspir na face de tua mãe !.. »

« Se tivesse mãe, não lhe cuspia na face. Respon-di eu, confuso com aquelle nome, que, pela primeira vez, me era dado.

« Setivesses mãe..! Tens rasão... Não tens mãe... Está aqui esta mulher, que te chamou filho; mas esta mulher ... morreu !.. Punida por todos e por tudo, seu filho devia punil-a tambem..! Corta neste coração, Pedro, que ainda tenho uma fibra que se doi... Mereço mais... Não tens mãe, filho do crime... Se a tivesses, devias conhecel-a desde o berço, devias amal-a desde que a tua primeira palavra fosse'o seu nome, e quando, aos quinze annos, a visses no chão... levantal-a-bias com carinho, e não lhe darias com a ponta do pé... Não tens mãe, e, com tudo, infeliz creança, tu es meu filho !.. Abandonado ha quinze annos por medo e vergonha, sacrificio-te hoje á sombra de um homem, que perdoei !.. Sacrificio-te, Pedro, porque a minha

vida será curta , e tu ficarás ahi pobre como nasceste, orfão como viveste, e calado com o nome do teu nascimento para que a piedade dos grandes te não insulte!.. Vês que mãe eu sou, e tenho sido ? Hontem escrava do terror , hoje escrava da honra ! Delesta-me, filho !.. repelle-me deste mundo com uma injuria que me abrevie o meu desterro... Mata-me com o desprezo , que eu acabarei, abençoando-te.... »

Eram quasi intelligiveis as ultimas palavras. Eu senti emoções variadas, desde a indignação até ao amor , desde a indiferença até ao arrependimento. Ao cabo d'aquelle afflictivo desforço , em que as palavras lhe vinham como gemidos, senti uma explosão na minha alma... cahi de joelhos aos pés de minha mãe, beijei-lhe a mão , sem articular uma palavra , abracei-a convulsivamente, e experimentei, pela primeira vez em minha vida, o remorso.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.



Res.
4001

vista seria curia, e tu ficarias ali por tu como nos-
 ceste, orho como viveste, e cedeo com o nome de
 teu nascimento para que a piedade dos grandes in-
 não nascesse. Tés que não eu sou o teu pai, e
 Honra escreva do letter, hoje escreva de honra.
 Deixa-me, filho. repelle-me deste mundo com
 uma injuria que me abreio o meu historio. Mas
 me com o despres, que eu accharé abandonado.
 19...

Tram puaa intelligiver as ullimas palavras.
 Eu senti emcoer, vertida, deha e indigrao de
 so amor, deha e indifferenca de so irpendimento.
 Ao lado d'quelle silicivo dehaio, eu que a
 palavra the vnhara como gaudios, era o
 glorio no minha alma... capi de joelhos nos pees de
 minha mãe, e ali,
 palavra, abracel-a com carinho de so experimento.
 pela primeira vez em minha vida, o remorso.

FIN DO PRIMEIRO VOLUME



